



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

IGOR RIBEIRO DA SILVA CAMPOS

**CORPOS SITUADOS, MOVIMENTOS COREOGRAFADOS: FORMAS DE
DESCREVER AS SITUAÇÕES DE INTERAÇÃO SOCIAL EM ESPAÇOS
PÚBLICOS DE LAZER.**

Rio de Janeiro

2021

IGOR RIBEIRO DA SILVA CAMPOS

**CORPOS SITUADOS, MOVIMENTOS COREOGRAFADOS: FORMAS DE
DESCREVER AS SITUAÇÕES DE INTERAÇÃO SOCIAL EM ESPAÇOS
PÚBLICOS DE LAZER**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar da Costa Gomes

RIO DE JANEIRO

2021

CIP - Catalogação na Publicação

R198c Ribeiro da Silva Campos, Igor
Corpos situados, movimentos coreografados:
formas de descrever as situações de interação social
em espaços públicos de lazer. / Igor Ribeiro da
Silva Campos. -- Rio de Janeiro, 2021.
156 f.

Orientador: Paulo César da Costa Gomes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Programa
de Pós-Graduação em Geografia, 2021.

1. Espaços públicos. 2. Interação social. 3. Corpo
. 4. Coreografia. I. da Costa Gomes, Paulo César ,
orient. II. Título.

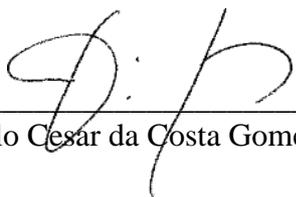
IGOR RIBEIRO DA SILVA CAMPOS

**CORPOS SITUADOS, MOVIMENTOS COREOGRAFADOS: FORMAS DE
DESCREVER AS SITUAÇÕES DE INTERAÇÃO SOCIAL EM ESPAÇOS
PÚBLICOS DE LAZER**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro para a obtenção do título de Mestre em Geografia

Data da aprovação: 10/02/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Paulo Cesar da Costa Gomes (PPGG/UFRJ)

Prof. Dr. Scott William Hoefle (PPGG/UFRJ)

Prof. Dr. Werther Holzer (PPGAU/UFF)

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2021

*Dedico essa dissertação aos meus avós maternos: Francisca Ribeiro da Silva e Genival
Chaves da Silva*

AGRADECIMENTOS

- Ao CNPq, pela bolsa de mestrado. Ao professor Paulo Cesar da Costa Gomes por todos esses produtivos e agradáveis anos de convívio, que me proporcionam amadurecimento intelectual, profissional e pessoal. Aos professores Leticia Parente Ribeiro e Marcos Paulo Ferreira de Góis por seus comentários, sugestões e reflexões. Ao programa de Pós-Graduação em Geografia, seus funcionários e seu corpo docente. A todos os integrantes do Grupo de Pesquisa Território e Cidadania que, desde o segundo semestre do curso de graduação em Geografia, me ensinaram o valor do trabalho intelectual coletivo. Em especial, minha gratidão ao recém doutor Rafael Augusto de Andrade Gomes pelos anos de convívio, conversas, conselhos, discussões e doces risadas. A minha família e, em especial, a Lucia Ribeiro da Silva, Genival Campos e Maria Eduarda Ribeiro da Silva Campos que sempre acreditaram mais na minha capacidade do que eu mesmo. A minha família do Ilê Asé Onixêgun pelo sempre terno acolhimento. Em especial, minha gratidão ao meu babalorixá Dário Luiz Firmino Junior por todo carinho, alegria, doçura, ensinamentos e orientações. A todos os amigos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desse trabalho.

RESUMO

Uma orla, um parque, uma praça, um largo, uma faixa de areia. Certos espaços públicos da cidade podem abrigar uma grande quantidade de indivíduos que se reúnem com o objetivo de se encontrar e de se divertir. Nesta dissertação, investigamos as interações sociais em espaços públicos de lazer a partir dos movimentos dos corpos. Nós nos preocupamos em analisar a espacialidade dos movimentos corporais. Propusemo-nos, então, a produzir um modelo descritivo do sistema espacial de movimentos corporais em situações de interações públicas de lazer. A esse modelo descritivo, damos o nome de coreográfico. Ele recebe tal denominação, pois consideramos que os movimentos corporais ordenados em situações de lazer compõem uma verdadeira dança. Após dois anos de pesquisa empírica no Parque de Madureira, foi possível criar um conjunto de procedimentos observacionais e descritivos que visam produzir grafismos a partir dos quais arranjos espaciais dos movimentos corporais possam ser investigados. Com isso, identificamos padrões espaciais dos comportamentos e reconhecemos a existência de um verdadeiro sistema geográfico de movimentos corporais.

Palavras-chave: coreografia, corpo, espaço público e interação social.

ABSTRACT

A waterfront, a park, a square. Certain public spaces in the city can accommodate a large number of individuals who come together in order to meet and to have fun. In this dissertation, we investigate the social interactions in these public leisure spaces considering the movements of bodies. We are concerned with analyzing the spatiality of body movements. We aim to produce a descriptive model of the spatial system of body movements in situations of public leisure interactions. This descriptive model is called choreographic. It receives such a name, because we consider that the bodily movements in leisure situations compose a true dance. After two years of empirical research in Parque de Madureira, in the city of Rio de Janeiro, it was possible to create a set of observational and descriptive procedures that produce images from which spatial arrangements of body movements can be investigated. Thus, we identify spatial patterns of behaviors and recognize the existence of a geographical system of body movements.

Key words: choreography, body, public space and social interaction

RÉSUMÉ

Un front de mer, un parc, une place. Certains espaces publics de la ville peuvent accueillir un grand nombre d'individus qui se réunissent pour se retrouver et s'amuser. Dans cette thèse, nous étudions les interactions sociales dans ces espaces publics de loisirs en considérant les mouvements des corps. Nous nous intéressons à l'analyse de la spatialité des mouvements corporels. Nous avons cherché à produire un modèle descriptif du système spatial des mouvements corporels dans des situations d'interactions de loisirs publics. Ce modèle descriptif s'appelle chorégraphie. Il reçoit un tel nom, car nous considérons que les mouvements corporels dans les situations de loisir composent une vraie danse. Après deux ans de recherche empirique au Parque de Madureira, à Rio de Janeiro, il a été possible de créer un ensemble de procédures d'observation et de description qui produisent des images à partir desquelles les arrangements spatiaux des mouvements du corps peuvent être étudiés. Ainsi, nous identifions des standards spatiaux de comportements et reconnaissons l'existence d'un système géographique de mouvements corporels.

Mots-clés : chorégraphie, corps, espace public et interaction sociale.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Situação do Parque Madureira.	18
Figura 2. Plano de implantação da Fase 1 do Parque de Madureira.	19
Figura 3. Detalhes de implantação da Área 01.	19
Figura 4. Detalhes de implantação da Área 02.	20
Figura 5. Detalhes da implantação da área 04.	21
Figura 6. Detalhes da implantação da Área 03.	21
Figura 7. Parque de Madureira Fase 2.	25
Figura 8. Parque de Madureira Fase 3.	25
Figura 9. Parque de Madureira Fase 4.	25
Figura 10. Croqui da área 02.	73
Figura 11. Exemplo 3 de percurso de observação.	77
Figura 12. Exemplo 2 de percurso de observação.	77
Figura 13. Exemplo 1 de percurso de observação.	77
Figura 14. Pontos de vistas oblíquos.	79
Figura 15. Pontos de vistas centrais.	79
Figura 16. Pontos de vistas laterais.	79
Figura 17. Detalhes de implantação da Área 02.	91
Figura 18. Abrangência espacial da situação de interação cuidado de crianças.	93
Figura 19. Abrangência espacial da situação de interação da convivialidade.	93
Figura 20. Abrangência espacial da situação de interação das refeições.	93
Figura 21. Abrangência espacial da situação de interação jogo de tênis de mesa.	104
Figura 22. Abrangência espacial da situação de interação alongamento.	104
Figura 23. Abrangência espacial da situação de interação encontros amorosos.	104
Figura 24. Abrangência espacial da situação de interação rolezinho.	107
Figura 25. Abrangência espacial da situação de interação show de forró.	107
Figura 26. Abrangência espacial da situação de interação show de rock.	107
Figura 27. Abrangência espacial da situação de interação exercícios físicos nas vias de circulação.	116
Figura 28. Abrangência espacial da situação de interação festas de aniversário.	116
Figura 29. Entorno imediato do espaço de musculação.	121
Figura 30. Equipamento do espaço de musculação.	122
Figura 31. Abrangência espacial da situação de interação musculação.	129
Figura 32. Signos gráficos da postura.	132
Figura 33. Signos gráficos do orientação.	132
Figura 34. Signos gráficos do deslocamento.	133
Figura 35. Signos gráficos do toque.	133
Figura 36. Signos gráficos da cinestesia.	133
Figura 37. Localização do movimento.	134
Figura 38. Quadro do movimento corporal.	134
Figura 39. Movimento corpóreo-espacial – exibição.	138
Figura 40. Movimento corpóreo-espacial – Ajuda para realização de exercícios.	139
Figura 41. Movimento corpóreo-espacial – Revezamento.	140

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Justificativa	14
1.2 Estrutura da dissertação	28
2 ESPAÇOS PÚBLICOS, INTERAÇÃO SOCIAL E SISTEMAS.....	30
3 DESCRIÇÃO E COREOGRAFIA	38
3.1 Descrição geográfica de situações de interação pública.....	39
3.2 Coreografia de corpos em interação	45
4 MODELOS DESCRITIVOS	54
4.1 A construção de um modelo descritivo: a coreografia	55
4.2 A definição de um recorte	68
4.3 Procedimentos	72
4.4 As condições de observação	82
5 OS RESULTADOS.....	89
5.1 As situações de interação do Parque.....	90
5.2 Uma dança em um lugar: o espaço de musculação	118
5.3 Um sistema geográfico de danças cotidianas	141
6 CONCLUSÃO.....	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	150
ANEXOS.....	155

1 INTRODUÇÃO



Fonte: Antony Gormley, Feeling Material XIV (2003)

Considere um encontro banal entre duas ou mais pessoas. Ao dividir uma mesa de estudos em uma biblioteca, ao se deparar com um vizinho no corredor do prédio, ao cruzar com desconhecidos pelas calçadas, ao conversar com um atendente de banco, ao encontrar amigos... Em suas rotinas, as pessoas desempenham atividades diversas. No entanto, a despeito desta variedade de práticas cotidianas, certas atividades fazem com que os indivíduos compartilhem o mesmo lugar com outras pessoas por certo período. Esta co-presença origina um ambiente interacional onde as pessoas estão sob influência recíproca das ações das outras. O indivíduo que divide a mesa da biblioteca não vai espalhar seus livros ao ponto de atrapalhar outro usuário; o vizinho dirá “bom dia” ao outro condômino e este, em resposta, o responderá; um desconhecido evitará olhar fixamente para pessoas que passam na rua com o receio de que elas notem que estão sendo observadas; o cliente do banco iniciará uma conversa com o atendente com a finalidade de resolver um problema; e, por fim, os amigos se sentarão lado a lado para conversarem melhor. Em todos estes casos, as pessoas estão em interação; elas regulam seus comportamentos em razão da presença imediata de outros.

É evidente que as interações diferem em termos do seu conteúdo, do objetivo, do tempo de duração, do local de ocorrência, das pessoas envolvidas, das regras de conduta, entre outros fatores. Em uma pesquisa desenvolvida durante a graduação em geografia (CAMPOS, 2018), nossa atenção se voltou para um tipo específico de interação social: a sociabilidade noturna de jovens na Praça São Salvador, Laranjeiras, Rio de Janeiro. O objetivo dessa pesquisa consistia em descrever as diferenças de gênero (masculino e feminino) nas formas espaciais de sociabilidade pública noturna.

Ao longo dos três anos dedicados a essa pesquisa, foram realizados mais de cem trabalhos de campo de 5 a 7 horas de duração cada. Em razão do tempo despendido na pesquisa empírica e das observações seguidas por longas descrições nas cadernetas de campo, aproximamo-nos do debate sobre descrição geográfica. Em termos gerais, a descrição geográfica busca, seja por meio de textos ou de imagens, apresentar vínculos e associações entre os fenômenos de acordo com um plano espacial (GOMES, 2017).

A fim de realizar uma descrição geográfica das interações sociais na Praça São Salvador, recorreremos à noção de *situação de interação* desenvolvida por Erving Goffman (2010). De acordo com esse autor, a situação de interação faz referência ao ambiente espaço-temporal onde ocorre o fenômeno de interação. Dessa maneira, a situação de interação corresponde à unidade espaço-temporal que configura e dá sentido à interação e aos seus comportamentos. Os comportamentos estão, pois, sempre inseridos em um contexto interacional. Por isso, Goffman defende que os *comportamentos são situados*, já que eles

ocorrem dentro dos limites de uma situação de interação.

Na esteira dessas reflexões sobre a espacialidade do encontro social e sobre como comportamentos estão situados em determinados espaços e tempos, a pesquisa na Praça São Salvador também nos fez ponderar que os comportamentos cotidianos poderiam ser lidos como um conjunto de movimentos corporais que se desenrolam no espaço. Percebeu-se que variados comportamentos como beber uma cerveja, sentar-se na calçada, caminhar para encontrar um amigo, abraçar um conhecido, virar a cabeça para observar rapidamente o grupo ao lado etc. todos esses comportamentos poderiam ser vistos como uma série de movimentos do corpo no espaço. Afinal, trata-se de movimentos cotidianos que possuem relações de vizinhança, de distâncias relativas, de associações com os movimentos de outros indivíduos e com a morfologia.

Conceber os comportamentos como um conjunto ordenado de movimentos do corpo foi o fruto mais importante deixado pela pesquisa da monografia. Começamos, então, a pensar sobre a espacialidade da interação social a partir do corpo. Aos poucos, o corpo e seus movimentos no espaço passaram a ser o centro de nossa atenção. Em uma das primeiras reflexões sobre esse assunto, propomos que, assim como o comportamento está inserido em uma situação de interação, o corpo e os movimentos corporais estão situados em ambientes interacionais. Além de situado, constatamos que muitos movimentos do corpo possuem regularidade. Metaforicamente, isso nos aproximou cada vez mais da ideia de que esses movimentos corporais compõem uma dança que poderia ser descrita por meio de uma coreografia.

Apesar dessas ideias terem germinado ao longo dos trabalhos de campo e nos momentos de escrita das descrições, elas não puderam ser profundamente desenvolvidas na monografia. Porém, de modo geral, a pesquisa na Praça São Salvador considerou que as interações se desenrolam em um tempo e em um espaço específicos e que todo comportamento é inseparável do ambiente espaço-temporal em que ele está situado. Isso posto, os comportamentos em dinâmicas de lazer nos espaços públicos puderam ser lidos como verdadeiros movimentos corpóreo-espaciais, uma vez que os comportamentos e seus variados movimentos corporais estavam indissociáveis do espaço.

Como se pode notar, a pesquisa na São Salvador foi profícua em termos das reflexões e das novas ideias que ela permitiu produzir. Acreditamos que essa pesquisa de graduação lançou as bases para o trabalho que nos propomos a realizar nesta dissertação. Afinal, foram com as ideias discutidas na monografia - de descrição geográfica, espaço público, interação

social, corpo e dança - que construímos o problema de pesquisa para esta dissertação.

Com toda essa discussão em mente, o questionamento que a pesquisa atual tentará responder é: *Por que a descrição geográfica pode ser importante para pensar os movimentos corpóreo-espaciais em situações de interação pública?* Para subsidiar essa indagação mais geral, pode-se pensar em algumas questões secundárias: (i) como descrever o sistema de posições de corpos no espaço público? (ii) como observar os movimentos corporais dos indivíduos em situação de interação pública? (iii) como as condições de observação participam da descrição? (iv) quais as relações entre comportamentos e morfologias? (v) como diferentes comportamentos se relacionam?

A fim de responder essas questões, partimos da hipótese de que as situações de interações públicas constituem um sistema de movimentos corpóreo-espaciais que correlacionam morfologias e comportamentos. Estamos chamando atenção para o fato de que as situações de interação poderiam ser entendidas a partir da posição, da localização, das relações, das proximidades e das distâncias dos movimentos corporais. Pensamos que os movimentos se relacionam com os comportamentos de outras pessoas co-presentes, com o mobiliário urbano, com as superfícies do terreno e com outras características morfológicas.

Ao considerar que nos questionamos sobre uma descrição geográfica dos movimentos corporais, o objetivo principal dessa pesquisa será o de *propor um modelo descritivo do sistema de movimentos corpóreo-espaciais em situações de interação públicas de lazer*. Como objetivos secundários, pretendemos: (i) elaborar procedimentos para a observação e a descrição dos corpos em situação de interação pública; (ii) analisar as condições de observação que orientam o processo descritivo; (iii) descrever as relações entre comportamentos e morfologias; (iv) relacionar padrões espaço-temporais de tipos de interação, de atividades e de movimentos corporais; (v) desenvolver um sistema gráfico-espacial dos comportamentos no espaço público.

1.1 Justificativa

Na geografia, as interações sociais em espaços públicos não são um tema inédito. Ao contrário, trata-se de um assunto já trabalhado em algumas pesquisas (GOMES & PARENTE-RIBEIRO, 2020; GOIS, 2015; SOUZA, 2014; CAMPOS, 2018; GARCIA-RAMON & ORZT & PRATS, 2014). O presente trabalho, porém, singulariza-se dos trabalhos precedentes por dois motivos principais.

O primeiro deles diz respeito à sua originalidade analítica. Acreditamos que a ideia de examinar os comportamentos das situações de lazer em espaços públicos como um conjunto ordenado de movimentos corporais que se constitui na relação com o espaço e com os movimentos corporais de outras pessoas é, na verdade, uma nova forma de construir esse fenômeno. Trata-se de uma proposta original de analisar as situações de interação social em espaços públicos a partir da espacialidade dos movimentos do corpo. Embora os trabalhos dos geógrafos mencionados acima deem ênfase à espacialidade dos encontros sociais públicos, nenhum deles tem como unidade de observação e de análise a dimensão espacial do corpo em interação. As localizações, as posições, as orientações, as extensões e as posturas dos movimentos corpóreo-espaciais estão no centro de nossas análises. Assim, a inovação deste trabalho reside em examinar um aspecto das interações públicas de lazer que, até o momento, não foi profundamente investigado: a linguagem corpóreo-espacial das interações sociais.

O segundo elemento que particulariza este trabalho é a sua proposta de construir um modelo descritivo de situações de interação social em espaços públicos. Embora existam trabalhos que deem destaque à espacialidade desse fenômeno, falta a eles um modelo mais geral de investigação. Em muitos momentos, estes trabalhos se restringem a descrições de lugares específicos. Assim, ao propor a formalização de um modelo geográfico de descrição das situações de interação social em espaços públicos de lazer, pretendemos tratar este fenômeno de forma mais abstrata, indo além da mera apresentação sobre o particular e produzindo um modelo geral que sirva para outras situações e espaços.

A fim de desenvolver esse modelo, estudamos as situações de interação de lazer no Parque de Madureira, Rio de Janeiro. Apesar do modelo ser desenvolvido a partir de trabalhos de campo realizados no Parque, ele é passível de ser reaplicado em outros espaços. O Parque de Madureira é tratado aqui, então, como uma espécie de laboratório onde o modelo foi criado. Nesse momento, parece-nos oportuno apresentar as características e as razões de escolha do Parque.

Imagine-se o leitor caminhando pelas calçadas movimentadas do bairro de Madureira, um importante subcentro comercial da cidade do Rio de Janeiro. Essas calçadas são ocupadas por vendedores de rua, vendedores formais, compradores, pessoas em situação de rua, transeuntes etc. De um lado da calçada, lojas projetam suas bancas de produtos. De outro lado, vendedores de rua distribuem seus produtos no chão, em mesas de plástico, em bancadas de madeira ou em carrinhos de mão. O resultado é uma densa ocupação voltada para o comércio.

Além de sua importância no mercado varejista, o bairro de Madureira é popularmente conhecido como *capital do subúrbio*, *berço do samba* e como *coração da zona norte*. Essas expressões apresentam muito bem a posição que o bairro ocupa dentro do imaginário da cidade do Rio de Janeiro: Madureira é um dos maiores símbolos do subúrbio carioca. O bairro é, nesse sentido, um lugar ímpar de reconhecimento do subúrbio. Quando se pensa em subúrbio na cidade do Rio, pensa-se em Madureira. Assim, quando visitamos Madureira, podemos ver o subúrbio; podemos conhecê-lo. Metaforicamente, Madureira é uma área onde a cidade do Rio se vê; onde ela vê seu lado suburbano.

Nesta capital do subúrbio, encontra-se um dos maiores parques públicos da cidade: o Parque Madureira. O principal acesso para o logradouro é pela rua Soares Caldeira ao lado do Shopping Madureira. Atualmente com 3,8 km de extensão e 259 mil metros quadrados em formato linear paralelo à linha de trem e à rede de transmissão de energia elétrica, o Parque corta os bairros de Madureira, Turiaçu, Rocha Miranda, Honório Gurgel e Guadalupe na zona norte da cidade do Rio de Janeiro (Figura 1). Em 2012, ano da inauguração do Parque, o logradouro se estendia de Madureira até Turiaçu em 1,5 km, Fase 1 do projeto construtivo. Porém, até este ano, o Parque passou por mais três fases de expansão física ocupando a área não edificada das torres de alta tensão em direção ao norte da cidade. Em 2015, foi concluída a Fase 2 do Parque e, em 2016, a terceira e a quarta fases chegando aos limites do bairro de Guadalupe. O projeto ainda prevê uma quinta fase de expansão chegando às margens da Avenida Brasil ao lado do Shopping Jardim Guadalupe.

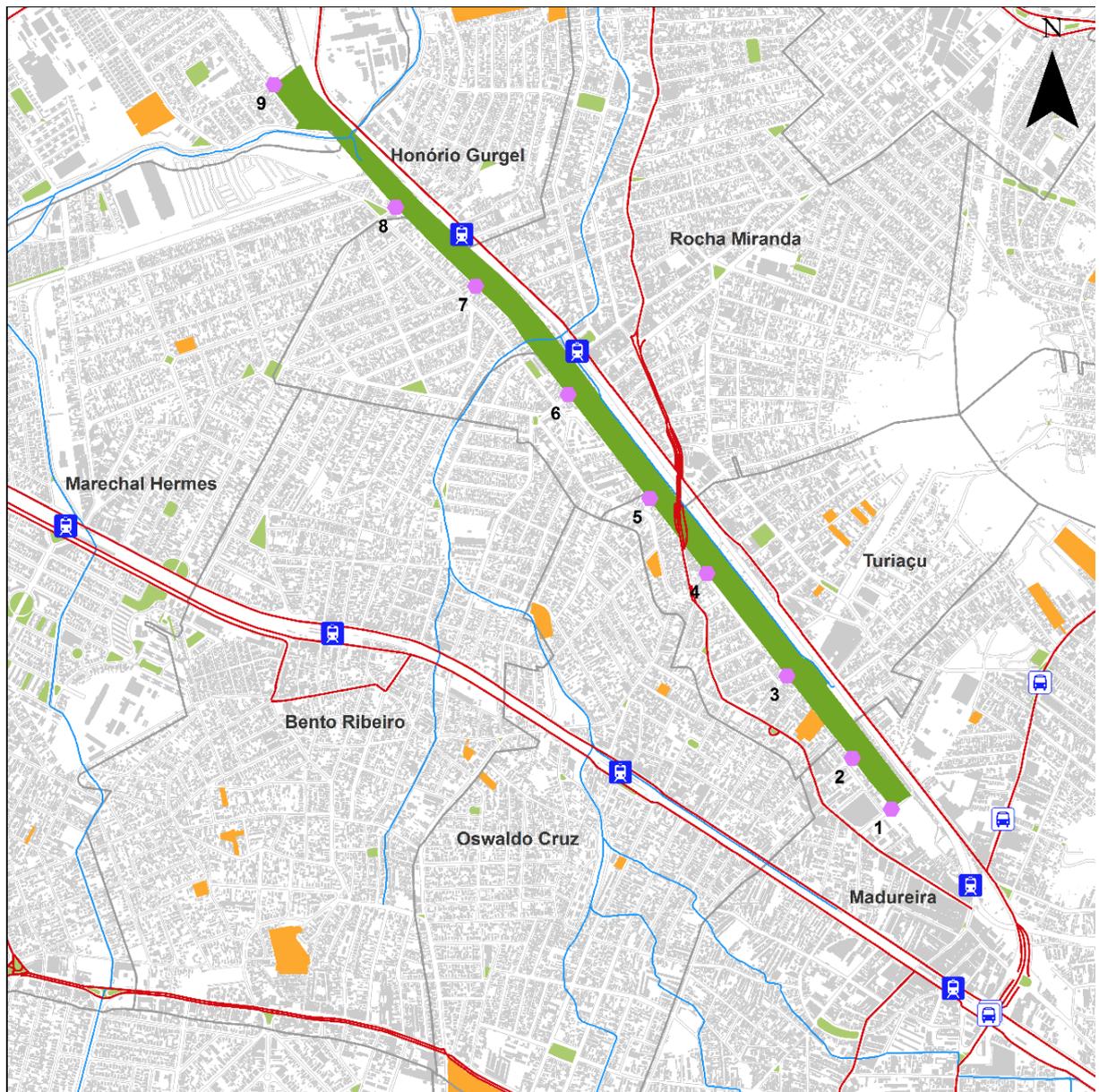
Apesar da Fase 5 não estar concluída, o Parque Madureira já é o terceiro maior parque urbano do Rio e é considerado uma das maiores áreas de lazer do subúrbio, recebendo grande afluxo de frequentadores e diversos eventos diariamente. Dentro desse quadro, o Parque se particulariza como um local ímpar para as interações sociais públicas de lazer na zona norte. Afinal, além do grande número de frequentadores diários, o Parque está localizado na capital do subúrbio carioca. É para o Parque de Madureira que boa parte do subúrbio se dirige quando se deseja encontrar pessoas, se divertir e relaxar. Essas duas características – a intensa ocupação e sua localização em um bairro de notória centralidade da zona norte – fazem do Parque de Madureira um espaço público de lazer relevante para a exposição pública do corpo e dos movimentos corporais dentro do coração da zona norte e dentro da própria cidade do Rio de Janeiro.

No que diz respeito à sua posição relativa, o logradouro conta com nove acessos para entrada e saída de pessoas. O logradouro está próximo de 4 estações de trem (Mercadão de Madureira, Madureira, Rocha Miranda e Honório Gurgel), de uma estação do BRT

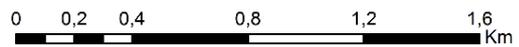
TransCarioca (BRT Mercado) e de diversos pontos de ônibus. Com exceção das áreas próximas aos centros comerciais de Madureira, de Honório Gurgel e de Rocha Miranda, as edificações no entorno do parque apresentam até 3 pavimentos e possuem função predominantemente residencial.

A despeito de seu grande comprimento, a largura do Parque varia de 60 a 70 metros. Paralela à rede de distribuição de energia, há a rua do Parque de Madureira que percorre internamente toda a extensão do Parque. Além da rua do Parque de Madureira, o logradouro conta com uma série de mobiliários destinados ao relaxamento, como quiosques, playgrounds, mesas de jogos, lagos etc.; à cultura, como teatros e áreas para shows; e ao esporte com quadras para diferentes atividades. Em termos da vegetação, o Parque é composto por elementos ajardinados com mais de 800 árvores nativas, além de flores e mais de 78.300m² de áreas verdes. O projeto ainda prevê o aproveitamento das características naturais do terreno, incluindo sua topografia. Portanto, pequenas diferenças de altimetria e elevações podem ser notadas por toda a extensão do Parque (BONELLI, 2013).

Na primeira área construída do Parque de Madureira (Fase 1), há uma subclassificação interna do logradouro público (Figura 2). De acordo com o engenheiro responsável pela construção (BONELLI, 2013), esta primeira seção do Parque é dividida em quatro áreas, cada qual com finalidades e morfologias específicas.



Acesso	
1 - Rua Soares Caldeira	5 - Rua Caburi
2 - Rua Manuel Marques	6 - Estada do Sapé
3 - Rua Pirapora	7 - Rua Tacaratu
4 - Rua Bernardino de Andrade	8 - Rua Américo Rocha
	9 - Rua Laura Brandão



Projeção Universal Transversa de Mercator
 Datum: SIRGAS 2000
 Fonte: DataRio
 Elaboração: Grupo de Pesquisa Território e Cidadania

Figura 1. Situação do Parque Madureira.



Figura 2. Plano de implantação da Fase 1 do Parque de Madureira.

Fonnte: Bonelli (2013).



Figura 3. Detalhes de implantação da Área 01.

Fonte: Bonelli (2013)



Figura 4. Detalhes de implantação da Área 02.

Fonte: Bonelli (2013)



Figura 6. Detalhes da implantação da Área 03.

Fonte: Bonelli (2013).



Figura 5. Detalhes da implantação da área 04.

Fonte: Bonille (2013).

A área 01, chamada de Praça do Samba, tem cerca de 22.460,69m² e é destinada a eventos musicais e culturais (Figura 3). Localizada entre as ruas Soares Caldeira e Manoel Marques, a Praça do Samba possui um palco de 309m² coberto por uma concha acústica em concreto armado, arquibancada com 350 lugares sentados e 10 lugares para pessoa com deficiência e uma área de 1.560m² destinada a 3.000 pessoas em pé (BONELLI, 2013). Além da Praça do Samba, a área 01 conta com um bicicletário Bike Rio, quatro quiosques, banheiros sanitários, posto de atendimento médico e um ponto de atendimento ao usuário. Margeando esta área do palco, há um amplo gramado com árvores e arbustos e uma faixa de ciclovia que se estende por todo o restante do Parque.

Como se pode notar, a Praça do Samba é um espaço previsto para receber unicamente eventos culturais. No entanto, como Rosa (2016) demonstra, nos períodos em que a praça permanece vazia, patinadores começaram a utilizar aquele espaço para a prática do esporte, colocando obstáculos e ensinando uns aos outros. Com o tempo, a administração do parque reconheceu este uso paralelo da Praça do Samba e colocou, nas proximidades e dentro da Praça, placas que diziam “espaço para patinadores”.

A área 02, também denominada de Parque Contemplativo, é um espaço de relaxamento localizado entre a via interna do Parque – limítrofe à linha de transmissão de energia – e a rua Pereira Leitão (Figura 4). Esta área conta com dois acessos: um na rua Manoel Marques e outro na rua Pirapora. Na área 02, encontramos a Nave do conhecimento¹, um edifício destinado à cultura e à educação digital aberto ao público com cursos de alfabetização digital, vídeos e filmes, arte, tecnologia etc.

O jardim sensorial e o jardim botânico são dois jardins suspensos em formato de círculos concêntricos. O primeiro possui espécies destinadas a estimular os sentidos olfativo e tátil dos frequentadores, enquanto o segundo apresenta espécies típicas da flora tropical. Próximo aos jardins, está o parque infantil. Delimitado por pequenas elevações de concreto que servem como assentos, seu interior é composto por uma superfície de areia na qual encontramos alguns brinquedos de madeiras.

Levando em conta que a área 02 do Parque é destinada ao público de terceira idade, encontramos espaços previstos para essa faixa etária, como uma academia da terceira idade com equipamentos para exercício físico. Além disso, dois outros mobiliários são

¹ Naves do Conhecimento são edifícios cujo principal objetivo é facilitar o acesso ao ambiente digital. São oferecidas oficinas, cursos e eventos relacionados à informática básica, economia criativa, tecnologias da informação, robótica, programação, trabalho e empreendedorismo. As Naves estão localizadas nos seguintes bairros: Engenho de Dentro, Irajá, Madureira, Nova Brasília, Padre Miguel, Penha, Santa Cruz, Triagem e Vila Aliança.

identificados: o espaço para o jogo de bocha e um conjunto de mesas de jogos. Por serem espaços de permanência, o projeto do Parque previu a instalação de caramanchões ao redor das mesas de jogos e no espaço de Bocha. No entanto, hoje, estas estruturas não se encontram mais nesses locais.

A despeito de ter sido pensada para o relaxamento e para contemplação, a área 2 também apresenta espaços destinados para o esporte como o tênis de mesa. Este espaço conta com duas mesas de aço inoxidável para a realização do jogo de tênis. Após o espaço de tênis de mesa, encontramos dois sanitários públicos e um quiosque comercial com venda de comidas e bebidas. Próximo ao quiosque, foi previsto um grande conjunto de lagos com um total de 1.263m² de espelho d'água (BONELLI, 2013). Margeando este conjunto de lagos, há um amplo espaço gramado com algumas pequenas elevações no terreno. Ainda, outro lago é encontrado em frente ao acesso da rua Pirapora.

Além das características esportivas e de contemplação, a área 02 conta com espaços de cultura e educação, como apresentado na Nave do Conhecimento. No projeto do Parque, consta também o Jardim das Esculturas, que prevê um espaço destinado à instalação de estátuas. Contudo, não há mais nenhuma escultura na área e nem mesmo a placa com a indicação “Jardim das Esculturas” existe mais. Além disso, há o centro de Educação Ambiental, que é um edifício formado por tetos e paredes verdes com placas de energia solar e calhas para captação de água de chuva. Suas funções são de administração do Parque e de local para desenvolvimento de atividades de educação ambiental.

É importante lembrar que o projeto previu o aproveitamento de características naturais do terreno, incluindo sua topografia. Em vista disto, o Parque conta com um mirante formado por um parapeito de madeira e cujo acesso se dá pela área do Jardim das Esculturas. Adjacente ao Mirante, há uma escada hidráulica e uma cascata que foram projetadas para inserir o elemento água ao projeto do Parque. É relevante relatar que, inicialmente, a cascata e a escada hidráulica foram projetadas como elementos cênicos. No entanto, os frequentadores, principalmente crianças, começaram a tomar banho em dias de calor no Parque. A administração do Parque, mediante ao uso recorrente da cascata como local de lazer aquático, reconheceu este novo comportamento. Uma amostra deste reconhecimento do uso da cascata foi a adição de uma faixa de areia em frente à cascata a fim de incentivar o uso do local como uma espécie de praia.

A área 03 do Parque é contígua à área 02 e não apresenta nenhuma separação física em relação a esta última (Figura 5). Também está localizada entre a via interna do Parque e a rua Pereira Leitão, contando com um acesso pela rua Bernardino Andrade. É interessante notar

que a diferenciação entre as áreas 02 e 03 é estabelecida pela morfologia. É a forte presença de equipamentos esportivos que distingue a área 03 das demais. Assim como o Mirante, foi aproveitada a altimetria do terreno para a construção de um Parque de Skate². Além disso, esta área esportiva é composta por um campo de futebol de grama sintética, duas quadras poliesportivas e uma quadra de vôlei de praia. Encontramos ainda um espaço de ginástica com aparelhos de exercício físico em aço *inox*, dois sanitários, um lago e um quiosque para venda de comidas e bebidas.

Rosa (2016), em seu trabalho sobre as regras e usos do Parque de Madureira, aponta que o Parque de Skate foi centro de debates entre frequentadores e a administração. Nas pistas de Skate, não era permitido utilizar bicicletas ou realizar o BMX³. No entanto, depois que um grupo de frequentadores entrou com um pedido formal junto à administração do Parque para a autorização do uso da pista por ciclistas, esta liberou a pista de skate todas as quintas-feiras para aqueles que quisessem realizar manobras com bicicletas.

Por fim, a área 04 do Parque se distingue de todas as outras por estar isolada fisicamente de outras partes do Parque (Figura 6). Separada por grades, há controle de acesso pois em seu interior se encontra a Arena Carioca, um espaço para *shows* e para teatro onde a entrada é cobrada. Na área 4, também encontramos a sede da inspetoria da Guarda Municipal, responsável pela segurança no Parque, e a estação de tratamento de esgoto.

Apresentada a Fase 1 do Parque (a seção original), faltam ainda mais três expansões do logradouro. No entanto, ao contrário da primeira fase em que tivemos acesso à dissertação do engenheiro responsável pela obra, não conseguimos encontrar o projeto de construção destas expansões do Parque. Por isso, as informações que serão apresentadas sobre as Fases 2, 3 e 4 do Parque provêm dos trabalhos de campo realizados.

² Trata-se de uma área formada por rampas, piscinas, escadas, corrimãos e outros mobiliários destinados à prática de *skate*.

³ Esporte de manobras radicais que utiliza bicicletas.



Figura 7. Parque de Madureira Fase 2



Figura 8. Parque de Madureira Fase 4



Figura 9. Parque de Madureira Fase 3

Fonte das figuras 7, 8 e 9: PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Parque de Madureira: um estudo de caso em obras públicas sustentáveis. Rio de Janeiro, 2017. Folheto elaborado pela secretaria municipal de urbanismo, infraestrutura e habitação.

Sobre a segunda fase do Parque (Figura 7), ela se estende pelos bairros de Turiaçu e Rocha Miranda e é cortada pela Avenida dos Italianos. Ademais, ela apresenta morfologias muito parecidas com aquelas encontradas na fase inicial. Esta semelhança entre as morfologias da Fase 1 com as da Fase 2 não é mera coincidência. Em virtude dos sucessos de determinadas unidades morfológicas da Fase 1 do Parque, foram construídas morfologias semelhantes nas Fases 2, 3 e 4 para potencializar o sucesso obtido. Em razão da popularidade da cascatinha⁴ e da faixa de areia na Fase 1, por exemplo, os organizadores do Parque dedicaram uma área considerável da Fase 2 para atividades aquáticas com as grandes cascatas e uma extensa faixa de areia⁵.

Outros equipamentos da Fase 1 se repetem na Fase 2. Encontramos dois jardins, um aromático e outro medicinal. Assim como na Fase 1, trata-se de jardins suspensos em superfícies de concreto. Além disso, há um palco para shows cuja superfície de madeira também pode ser usada para confraternizações. Ao redor deste palco, encontram-se dois quiosques e um parque infantil com brinquedos destinados a crianças pequenas. Em relação aos esportes, identificamos uma academia de terceira idade ao lado do jardim medicinal. As mesas para tênis estão próximas às cascatas. Quanto aos espaços de musculação, um está localizado ao lado das cascatas e o segundo está próximo ao parque infantil. Ademais, há uma quadra de futebol e uma quadra de basquete. Esta última está localizada sob a Avenida dos Italianos.

A terceira fase de expansão do Parque se estende pelos bairros de Rocha Miranda e Honório Gurgel (Figura 8). Nela, também encontramos equipamentos semelhantes àqueles da área original. Um interessante exemplo a ser levantado é o conjunto de áreas destinadas ao *skate*. Em razão do sucesso do Parque do *skate* na Fase 1, que atraiu eventos e competições para o logradouro, a organização decidiu dedicar mais áreas a esse esporte. Foram construídas, na Fase 3, a pista *halfpipe* e, ao lado desta, a Praça dos Skates com piscinas e rampas.

Após este espaço destinado ao skate, podemos identificar uma quadra de tênis. Ademais, há uma quadra poliesportiva seguida por uma academia da terceira idade, um espaço de musculação, um espaço para tênis de mesa e uma área destinada ao *snackline*. Esta última é formada por uma superfície arenosa ocupada por grandes palmeiras. Ainda na Fase 3, encontramos um conjunto de corpos hídricos chamados de “Lagos Olímpicos”. São cinco

⁴ Cascatinha corresponde a escada hidráulica que originalmente era cênica, mas passou a ser utilizada para banho por crianças.

⁵ Este conjunto de cascatas é chamado simplesmente de Cascata, enquanto a extensa faixa de areia é chamada de Praia de Madureira.

lagos em formatos circulares que encenam os aros olímpicos. Próximo ao limite da Fase 4, há o Edifício Multiuso que abriga diversas placas fotovoltaicas em seu teto e tem como principal objetivo sediar eventos culturais nesta seção do Parque. Este edifício está em frente à saída do Parque que dá acesso à estação de trem de Honório Gurgel.

Por fim, a quarta fase de expansão está localizada nos bairros de Honório Gurgel e Guadalupe (Figura 9). Ela é cortada pelo Rio Acari e tem saída pelas ruas Laura Brandão e rua Gaspar Adorno. Esta seção do Parque conta com um anfiteatro a céu aberto construído em um desnível do terreno. Esta fase conta ainda com um horto e uma escola de jardinagem. Passado o rio Acari, há uma quadra de futebol, um espaço de musculação, uma academia da terceira idade, um quiosque, um parque infantil, uma quadra de vôlei de praia, um jardim sensorial e um espaço destinado ao *slackline*. Salvo algumas pequenas exceções, pode-se dizer que muitos equipamentos da Fase 1 do Parque podem ser encontrados nas Fases 2, 3 e 4, seguindo muitas vezes a mesma forma física e estilo paisagístico original.

Após esta apresentação das características físicas do Parque, é notório que este logradouro conta com uma série de equipamentos cujas funções são previamente definidas desde seu projeto de realização. Trata-se, portanto, de um espaço público que apresenta uma morfologia muito direcionada para a realização de determinadas atividades. No entanto, esta acentuada orientação morfológica não exclui a possibilidade de haver certos usos dentro das interações cotidianas que transgridam aquilo que foi previsto no projeto de construção.

Os casos dos patinadores na praça do samba, dos banhos das crianças na cascata e dos ciclistas na pista de skate são exemplos de comportamentos que definiram novas funções aos equipamentos do Parque. Nestes três casos, a administração do espaço público reconheceu estes usos paralelos, seja por meio de mudanças na morfologia com a identificação de placas e a inserção de uma faixa de areia ou por meio de mudanças nas regras de uso com definição de um dia da semana para a prática do BMX.

A despeito da intensa orientação das atividades pela morfologia, estes eventos são indicativos de que os comportamentos em situações de interação podem redefinir usos, ocasionando mudanças no espaço construído e nas normas de funcionamento. Estamos chamando atenção para o fato de não serem somente as morfologias que influenciam os movimentos corporais no espaço público, mas também estes comportamentos podem redefinir as próprias morfologias. Há, portanto, uma conexão entre comportamentos e morfologias dentro de contextos interacionais. Este vínculo entre as formas físicas e os usos dos frequentadores no Parque de Madureira aponta para uma flexibilidade que relaciona comportamentos e morfologias em um espaço cujos equipamentos são muito direcionados.

Estamos diante de três características do Parque de Madureira: (i) o de lugar particular para a exposição pública de corpos no coração do subúrbio da cidade; (ii) a presença de uma morfologia muito orientada e (iii) de modificações nessa morfologia em virtude de comportamentos não previstos. Acreditamos ser interessante associar as últimas duas características ao fato de o Parque ainda estar em processo de expansão física. Como dito acima, o projeto prevê uma quinta fase de expansão até as margens da Avenida Brasil. Isto abre a possibilidade, como aconteceu nas Fases 2, 3 e 4, para modificações na morfologia em casos de demandas dos frequentadores, de novos comportamentos e de grande sucesso de determinadas unidades morfológicas.

Dentro deste contexto de orientação morfológica, modificações no espaço construído e de expansão física, o Parque de Madureira se particulariza como um espaço público na capital do subúrbio onde as interações sociais de lazer, mesmo fortemente direcionadas pela morfologia, podem modificar a estrutura física em um parque que se expande horizontalmente em direção ao norte da cidade. Essa relação particular entre morfologias e comportamentos é a segunda razão pela qual selecionamos esse logradouro como laboratório. Ele é o local a partir do qual desenvolvemos o modelo de descrição geográfica das interações públicas de lazer.

1.2 Estrutura da dissertação

O presente texto está estruturado em seis capítulos. O primeiro deles, a introdução, apresenta as principais ideias da dissertação, as justificativas da pesquisa e do recorte e, por fim, a estrutura do documento. O segundo capítulo, por sua vez, apresenta conceitos importantes como de interação social, de espaço público e de sistema geográfico. No terceiro capítulo, é realizada uma reflexão mais apurada sobre a ideia de corpo e de descrição geográfica, uma vez que nos propomos a descrever os movimentos corporais em situações de interação pública. Além disso, no terceiro capítulo, identificamos quais são as variáveis e as unidades de observação utilizadas na pesquisa.

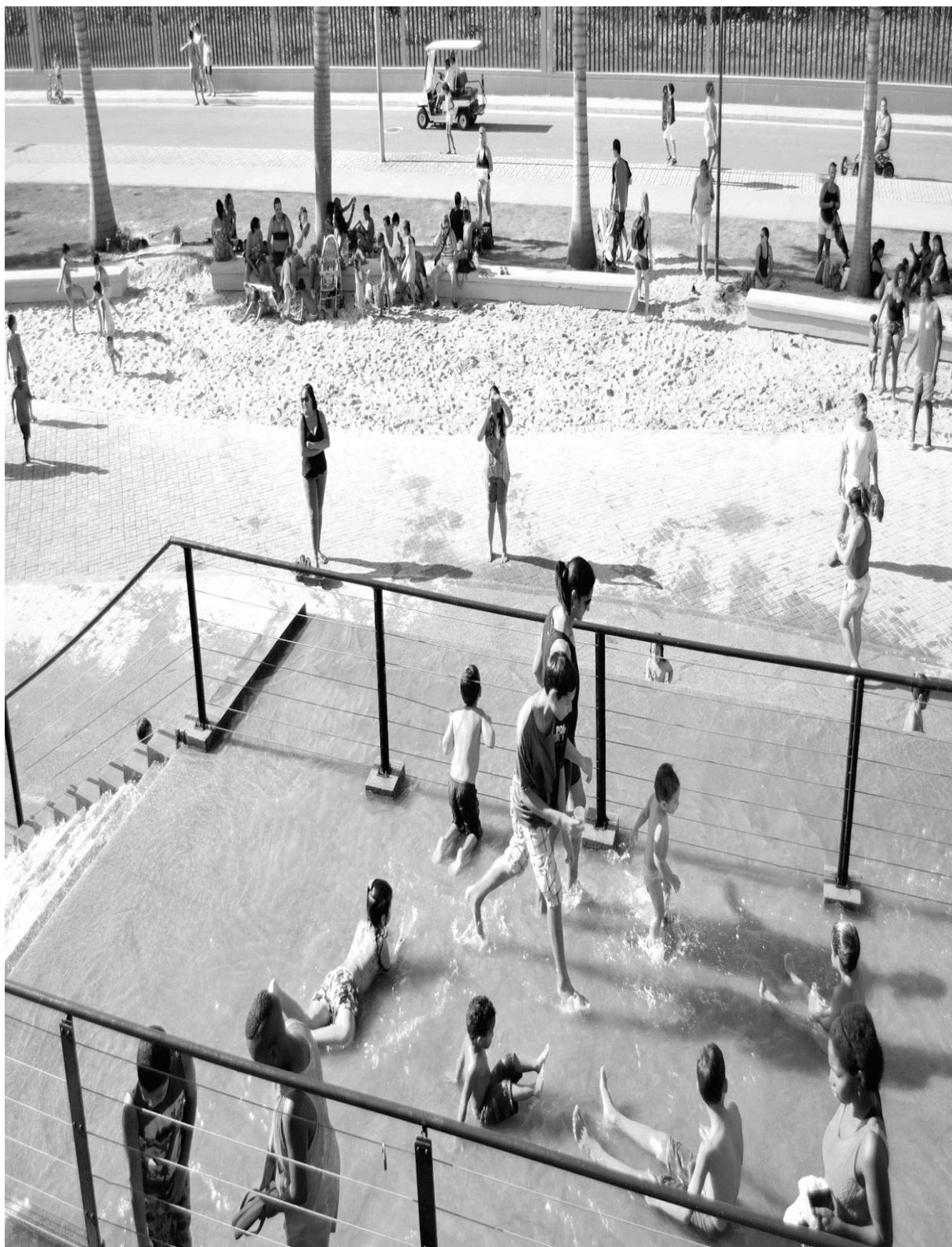
No quarto capítulo, intitulado *modelos descritivos*, faz-se uma breve discussão sobre o papel de modelos como dispositivos intelectuais da ciência, suas funções e suas limitações. Apresenta-se também a ideia de modelo coreográfico, as nossas escolhas de recorte e os procedimentos empregados na pesquisa. Por fim, discute-se os diferentes elementos que condicionaram a observação durante os trabalhos de campo e as dificuldades que a pandemia da COVID-19 impôs ao andamento da pesquisa empírica no Parque.

No capítulo cinco, são apresentados os principais resultados. Na primeira parte do

capítulo, é feita uma descrição das ocasiões sociais na área 02 do Parque. A intenção é construir uma generalidade sobre as interações que foram observadas, partindo de uma descrição geral sobre os movimentos corpóreo-espaciais em cada tipo de situação/ocasião social (festa de aniversário, convivialidade, encontros amorosos, jogos de tênis de mesa, shows etc.). Dessa maneira, exporemos o conjunto de situações/ocasiões sociais ordenadas espacialmente. Em seguida, descreveremos com maiores detalhes os movimentos corporais em uma ocasião social específica: a musculação. Ainda neste capítulo, é apresentada uma proposta de linguagem gráfica para a descrição dos movimentos corpóreo-espaciais.

No capítulo de conclusão, enfatizamos os aspectos gerais dos movimentos corporais nas situações de interação no Parque. Ademais, são reconhecidas as fragilidades do trabalho e as questões que ainda carecem de respostas. Por fim, defendemos a eficiência do modelo coreográfico na descrição geográfica das interações públicas de lazer.

2 ESPAÇOS PÚBLICOS, INTERAÇÃO SOCIAL E SISTEMAS



Cascata do Parque de Madureira, acervo Território e Cidadania (2015).

Nos últimos anos, a noção de espaço público foi o centro de inúmeros debates em diversas áreas das ciências humanas e sociais. Para ser mais preciso, desde a década de 1990, houve um aumento exponencial na quantidade de artigos e de ensaios que discutem esse conceito (SOUZA, 2018). As discussões sobre espaços públicos, no entanto, são anteriores à década de 1990. Até os anos 1960, por exemplo, utilizava-se expressões como *espaço cívico* ou *espaço coletivo* para designar os locais que mais tarde passariam a ser denominados de espaços públicos. Foi somente no final da década de 1950 e início dos anos de 1960 em que se cria um novo conceito: espaço público (TOMAS, 2001).

Muitos historiadores, sociólogos e filósofos traçam a origem do conceito à obra de Jürgen Habermas, elaborada no final dos anos de 1950 e publicada em 1962. Na época em que Habermas escrevia sua tese, o conceito de espaço público ainda não existia. Na realidade, sua preocupação não era cunhar um novo termo para designar os espaços onde os cidadãos se encontram e se cruzam. Sua atenção estava voltada para como, na Ágora da Grécia antiga e na Inglaterra e na França do século XVIII, houve a constituição de uma *esfera pública*; de um ambiente onde cidadãos debatiam e construíaam opiniões sobre assuntos de interesse público.

Habermas olhava para os salões, os clubes, as sociedades de leituras, os cafés, os jornais e as revistas do século XVIII. Ele investigava como, nesses ambientes, os cidadãos passaram a se apropriar e a discutir assuntos que, até então, eram debatidos exclusivamente pelas autoridades do Estado. Constituiu-se um ambiente de debate onde o cidadão poderia utilizar da razão para discutir temas relevantes. Em alguns casos, essas discussões dentro da esfera pública poderiam interferir ou mesmo influenciar as decisões tomadas dentro da esfera da política tradicional (HABERMAS, 1962).

De acordo com Tomas (2001), contudo, há um verdadeiro mito da criação do conceito de espaço público por Habermas. Tomas defende que Habermas cunhou o conceito de *esfera pública*, e não o de espaço público. O autor diz que se trata de um equívoco de tradução. A versão francesa optou por dar o título “*L’espace public*” ao invés de “*La sphère public*” à obra de Habermas. Por isso, criou-se uma confusão entre esses dois termos. De qualquer maneira, apesar de não ter cunhado o termo espaço público, Habermas se tornou um autor de referência e, portanto, deu as bases para desenvolver o conceito.

Hannah Arendt (1958), por sua vez, aborda explicitamente a noção de espaço público. Para a autora, existem três atividades fundamentais da vida humana: o labor, o trabalho e a ação. A primeira corresponde ao conjunto de processos biológicos do corpo humano, que incluem as atividades fisiológicas desde o nascimento até a morte do indivíduo. O trabalho corresponde aos elementos artificiais da vida humana. O trabalho produz um mundo artificial

de coisas produzidas pelo homem que se distinguem do ambiente natural. A ação, por sua vez, é a única atividade humana exercida entre os homens sem a necessidade de um material, seja natural ou criado pelo ser humano. A *ação* é a atividade humana que se origina da pluralidade; do fato de homens diferentes viverem e habitarem o mundo juntos. Em termos mais simples, a ação corresponde às associações decorrentes da pluralidade entre seres humanos.

Para a autora, a política é uma das formas de organizar a ação humana. Ela é uma maneira de gerir a pluralidade e as associações humanas por meio da persuasão e da argumentação. Trata-se de um novo tipo de contrato social que surge inicialmente na Grécia Antiga quando a vida pública se separou da vida privada. Dessa separação, surgem duas ordens diferentes: uma que é própria da família e outra que é do comum. Na política, os conflitos devem ser resolvidos pela razão e não pela força ou pela violência. Por outro lado, o chefe de casa impera com poderes despóticos. Arendt chega a afirmar que o despotismo dos bárbaros é comparável às organizações domésticas.

Apesar dessa anteposição entre vida privada e vida pública, as necessidades da vida doméstica compelem o ser humano a caminhar para a polis, para o domínio da política e da isonomia. A polis reconhece todos como iguais, enquanto a família é o centro da mais severa desigualdade. Ser livre não significa não estar sujeito às necessidades da vida. Não se trata de dominar ou de ser dominado. Liberdade é estar entre os pares, entre os iguais. A igualdade proposta pela política é a essência da liberdade. Nesse novo ambiente onde imperam a isonomia e a reciprocidade das relações sociais, pressupõe-se a existência de uma nova espacialidade; de um lugar onde todos são iguais: o espaço público.

Dentro dessa perspectiva, o espaço público surge na Grécia Antiga como um espaço de comunicação e argumentação, onde a pluralidade dos seres humanos se faz presente. Para Arendt (1958), então, os espaços públicos são locais que possuem relação direta com vida pública e com a política. Afinal, o espaço público é o lugar onde se institui o debate, onde os problemas ganham visibilidade, forma pública e de onde podem surgir soluções e acordos. Trata-se de um espaço da política onde se estabelecem os princípios e as condições através das quais uma norma organiza o conjunto de pessoas que ali coabitam. Em resumo, ele é uma arena de diálogo e de debate (BERDOULAY & GOMES & LOLIVE, 2004).

Dentro desses parâmetros, é possível observar, no conceito de espaço público, a existência de uma dimensão física relacionada à copresença de indivíduos e outra dimensão imaterial vinculada à comunicação social. Trata-se, afinal, de lugares que possibilitam encontros e comunicação. Essas duas dimensões compõem duas visões distintas acerca dos

espaços públicos: uma física e outra abstrata (GOMES, 2012). A primeira delas, ligada à arquitetura e ao planejamento urbano, tem sua preocupação voltada para as formas físicas que compõem o espaço público (equipamentos e materiais). A segunda visão, por outro lado, liga-se a um plano abstrato e imaterial. Desenvolvida essencialmente por cientistas políticos, a segunda perspectiva concebe o espaço público como um elemento fundamental da vida política e democrática. Partindo dessas concepções, Gomes (2012) afirma que:

uma abordagem propriamente geográfica do espaço público pode demonstrar exatamente a necessidade de estabelecer um diálogo profundo entre essas duas dimensões: a física e a abstrata, a da prática urbanística e a das teóricas análises dos politólogos (p. 20).

Para entendermos essa abordagem geográfica dos espaços públicos, é necessário partir de uma ideia preliminar: a acessibilidade. No geral, espaços públicos são entendidos como locais cujo acesso é franqueado a todos os indivíduos. Isso permite com que pessoas diversas compartilhem o mesmo espaço. Estamos diante, então, do primeiro atributo fundador dos espaços públicos: a copresença de pessoas (GOMES, 2012). É este atributo que faz do espaço público um lugar de encontro e de convívio entre diferentes. Essa coabitação origina um ambiente onde todas as pessoas estão sob a influência das ações umas das outras. Essa ação mútua exercida entre pessoas que estão na presença imediata uma das outras é denominada de interação social (GOFFMAN, 1963). Assim, uma interação social ocorre quando duas ou mais pessoas estão copresentes por um determinado período. Não é necessário que essas pessoas iniciem uma conversação para que a interação aconteça. A mera coabitação produz um contexto interacional.

Visto isso, pode-se dizer que os espaços públicos são locais particulares para a interação social. Basta pensar que, em espaços privados, como ambientes domésticos e clubes, o acesso à interação é restrito àqueles que compartilham de laços familiares, de amizade ou de grupo social. Em espaços públicos, ao contrário, o acesso é franqueado a todos os indivíduos. Nas interações em espaços públicos, ao contrário daquelas de espaços privados, não há um controle absoluto a respeito de quem ou com qual tipo de indivíduo uma pessoa pode interagir. Esta coabitação abre possibilidade para encontros entre diferentes pessoas que, em outros locais, não seriam viáveis.

Esta convivência entre pessoas diferentes institui diálogos e permite com que suas divergências tomem forma pública. Dessa maneira, problemas são reconhecidos publicamente e procuram-se soluções para eles. A publicidade dos conflitos que ocorrem nos espaços

públicos evidencia, por sua vez, o segundo atributo desses espaços: a visibilidade, os atos de ver e ser visto (GOMES, 2012). Nestes lugares onde a intimidade é diminuída⁶ em prol de regras que garantam a copresença, tudo ocorre aos olhos de todos. Os espaços públicos são lugares de exposição onde aquele que observa também é observado.

Este segundo atributo indica que todas as socializações em espaços públicos estão passíveis de serem vistas. Novamente, tomemos o exemplo de ambientes domésticos. Nestes lugares, a visibilidade é reduzida àqueles que participam do núcleo familiar ou de amizade. Em espaços públicos, o atributo da visibilidade põe as interações em estado de exposição pública. Desse modo, as interações construídas nesses espaços podem ser vistas por todos aqueles que estiverem copresentes. Não devemos nos esquecer, porém, que essa visibilidade possibilita que aqueles que estão sendo vistos também olhem. A exposição do espaço público viabiliza, pois, um jogo constante de ver e ser visto em que os comportamentos estão aos olhos de todos.

O terceiro e último atributo do espaço público é o de lugar de convívio democrático (GOMES, 2012). Não obstante à diversidade de indivíduos que frequentam os espaços públicos, as regras de convívio são iguais para todos. Trata-se de um conjunto de leis ao qual todas as pessoas estão subordinadas. Por esse motivo, os indivíduos devem ser imparciais às diferenças, subjugando-se a um código de regras que garantam a convivência. Todos os indivíduos devem se submeter ao comportamento isonômico das regras de coabitação, isto é, à civilidade. Esses comportamentos são a garantia do respeito com os outros. Eles configuram o espaço público como um lugar onde os contatos e as trocas se constroem segundo as regras que delimitam a liberdade de condução, tendo em conta o direito do outro. Estas características fazem do espaço público um local de exercício da vida pública e democrática.

Diferentemente de espaços privados em que pessoas podem criar regras de uso que ordenem as interações sociais de acordo com suas vontades e interesses, esta ação não é possível em espaços públicos em virtude da lei democrática que ali impera. Nesses espaços, todas as regras de socialização definem comportamento que possibilitam uma convivência democrática. Dessa forma, encontramos no espaço público interações sociais constituídas por

⁶ Em seu livro *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, Roberto da Matta (1997) apresenta a casa e a rua como dois espaços significativos da estrutura social brasileira. Para o autor, a casa é um espaço de naturalização das relações sociais, onde uma pessoa é integrada a um grupo por meio de laços de sangue e/ou amizade. Trata-se de um ambiente marcado pela familiaridade, pela intimidade, pela calma, pelo repouso e pela hospitalidade, onde as disputas devem ser evitadas e onde as relações são marcadas pelo caráter pessoal. A rua, por sua vez, está fundada na impessoalidade das leis. Todos são indivíduos iguais uns perante os outros. Nesse espaço, então, as relações de pessoalidade são subtraídas em meio à intensa fluidez e ao movimento indiferente das pessoas.

regras compartilhadas por diferentes indivíduos.

Em suma, o espaço público se configura como um local de coabitação regido por normas e onde a publicidade das ações é um dos elementos estruturantes. Estes três atributos – a convivência, a visibilidade e o local de exercício da democracia cotidiana – concedem qualidades específicas às interações sociais que lá ocorrem.

Nessa discussão sobre interação social em espaços públicos, é válido tomarmos como referência teórica os conceitos de *ocasião social*, *situação de interação*, *interação focada* e *interação desfocada* propostos por Erving Goffman (1963). De acordo com o autor, quando uma pessoa entra na presença imediata de outra, elas tendem a fazê-lo como participantes de uma *ocasião social*. Trata-se de um evento, de um acontecimento social mais amplo limitado no tempo e no espaço. Exemplos de ocasiões sociais são uma festa de aniversário, um piquenique, uma noite no teatro, uma ida à academia de musculação, uma reunião, um velório etc. Como foi dito, essas ocasiões sociais são circunscritas espacial e temporalmente. Por isso, o autor denomina de *situação de interação* o espaço-tempo em que uma ocasião social se desenrola. A situação de interação é:

o ambiente espacial completo em que ao adentrar uma pessoa se torna um membro do ajuntamento que está presente ou que então se constitui. As situações começam quando o monitoramento mútuo ocorre, e prescrevem quando a penúltima pessoa sai (GOFFMAN, 1963, p. 28, tradução livre).

Goffman define a situação como um dos elementos constituintes das interações. Segundo ele, a situação nos fornece o contexto espacial e temporal em que as ocasiões se edificam. Nas situações, há sempre um padrão de conduta que tende a ser reconhecido como apropriado por aqueles que estão copresentes. Por esse motivo, as atividades cotidianas estão sempre *situadas* em espaços-tempo específicos onde existem padrões comportamentais esperados.

Podemos pensar que a espacialidade ou, como Goffman diz, “o ambiente espacial completo” (1963, p.28) possui um papel importante na configuração dos comportamentos em uma dinâmica interacional. No limite, seria impossível estudar os comportamentos fora das situações que lhes conformam, uma vez que toda interação está profundamente vinculada ao espaço e ao tempo; toda interação está situada.

Dentro de ocasiões sociais, Erving Goffman (2010) propõe a existência de duas grandes formas de interação: focada e desfocada. No geral, estas formas de interação dizem respeito ao tipo de comportamento comunicativo que existe entre os copresentes. A interação desfocada trata dos aspectos expressivos do comportamento gerados pela mera coabitação em

um lugar. Em termos mais simples, quando os indivíduos entram na presença imediata uns dos outros, mesmo que não haja nenhuma comunicação oral, há uma espécie de trânsito comunicativo guiado, por exemplo, pela aparência e por alguns atos das pessoas: movimentação, posição, postura, gestos físicos etc. O segundo tipo de interação, a interação focada, “ocorre quando pessoas se juntam e cooperam abertamente para manter um único foco de atenção, tipicamente revezando a fala” (GOFFMAN, 2010, p. 34-35).

A fim de compreender melhor a dimensão espacial das interações sociais em espaços públicos, propomos investigar as interações como um sistema geográfico. Para isso, é necessário deixar claro o que estamos chamando de sistema de informações geográficas. Existe uma vasta literatura sobre esse assunto dentro da Geografia, principalmente aquela que se dedica a discorrer sobre as modernas tecnologias de georreferenciamento. No entanto, para o presente trabalho, limitamo-nos às contribuições propostas por Santos (1996) e por Gomes (2017). Na obra *A natureza do espaço*, Santos (1996) realiza uma longa discussão sobre espaço, técnicas, objetos, ações, redes, paisagem, tempo e diversos outros assuntos. Ao longo de toda a sua argumentação, o autor defende a tese principal de que a geografia é uma disciplina que estuda o “conjunto indissociável de sistema de objetos e sistema de ações que formam o espaço” (SANTOS, 1996, p. 62).

A despeito de não discorrer diretamente sobre o conceito de *sistema geográfico*, Santos utiliza diversas vezes a palavra sistema. No uso desse termo, entende-se que há uma ideia primordial de inter-relação. Em um sistema, os fenômenos seriam definidos com base no conjunto. Em outras palavras, as coisas só existem em correlação, pois nada em um sistema funciona de maneira separada ou individualizada. Um sistema geográfico, portanto, diria respeito às inter-relações sobre um plano espacial. Tratar-se-ia de correlações espaciais entre fenômenos. Por exemplo, a partir da localização de objetos, somos alertados para as relações que existem entre lugares diferentes. Conceber um sistema geográfico é, pois, investigar como fenômenos ganham sentido através das conexões espaciais entre eles.

Com ideias muito semelhantes àquelas sugeridas por Santos (1996), Gomes (2017) afirma que todo sistema possui um fundamento interativo. Isso significa que um sistema organiza os fenômenos em conjunto. Ele coleta, trata, recupera, armazena e distribui fenômenos que serão, em seguida, analisados em grupo. Um sistema geográfico se diferencia de um sistema convencional no sentido de que as informações são organizadas segundo um referencial locacional. No sistema geográfico, as informações são organizadas e reagrupadas de acordo com os lugares que ocupam. Por esse motivo, os fenômenos ganham um novo sentido quando analisados sob essa matriz espacial. Nas palavras de Gomes (2017), conceber

um fenômeno como um sistema geográfico é:

questionar as razões pelas quais coisas diversas estão situadas em posições diferentes ou por que as posições espaciais diversas podem explicar qualidades diferentes de coisas, objetos, pessoas e fenômenos (GOMES, 2017, p.20).

Depois de realizar uma breve apresentação sobre a noção de sistema, é necessário retornar àquilo que foi mencionado parágrafos acima: as interações sociais em espaços públicos podem ser vistas como um sistema geográfico. Acreditamos que os três atributos - a copresença, a visibilidade e a lei democrática - façam das interações cotidianas de lazer em espaços públicos um verdadeiro sistema. O primeiro atributo, a copresença, impele o indivíduo a regular seu comportamento diante da presença do outro. Logo, pode-se dizer que a própria interação pública é resultado de uma associação entre indivíduos mediada pelo espaço, ou melhor, pela coabitação.

A visibilidade, por sua vez, também estabelece uma associação espacial entre os frequentadores. São as posições ocupadas no espaço que determinam aquilo que está ou não aos olhos. Pelo campo visual, uma dada posição pode conectar pessoas que estão em pontos diferentes do espaço público. Por fim, as leis democráticas que regulam as interações nos espaços públicos estão circunscritas aos limites desse logradouro. Ao adentrá-lo, todos os frequentadores se conectam, pois todos estão submetidos ao mesmo conjunto de regras.

Posto que os atributos do espaço público colocam em relação as interações cotidianas, a chave de leitura desse sistema espacial das situações de interação pública são os movimentos dos corpos, ou melhor, os movimentos corpóreo-espaciais. Partimos da hipótese de que as situações de interações públicas constituem um sistema de movimentos corpóreo-espaciais que correlacionam morfologias e comportamentos. Estamos chamando atenção para o fato de que as situações de interação poderiam ser entendidas a partir da posição, da localização, das relações, das proximidades e das distâncias dos movimentos corporais. Pensamos que os movimentos se relacionam com os comportamentos de outras pessoas co-presentes, com o mobiliário urbano, com as superfícies do terreno e com outras características morfológicas.

3 DESCRIÇÃO E COREOGRAFIA



A plate from Kellom Tomlinson, *The art of dancing* (Londres, 1735)

Tendo em vista que este trabalho investiga o sistema espacial das interações sociais em espaços públicos de lazer, faz-se necessário apresentar as unidades de observação do sistema de movimentos corpóreo-espaciais.

3.1 Descrição geográfica de situações de interação pública

Investigar um sistema espacial mobiliza dois princípios básicos da análise geográfica: os princípios de localização e de conexão. O primeiro nos ajuda a pensar sobre a diversidade de fenômenos no mundo de acordo com o seu local de ocorrência. O segundo nos faz refletir sobre as relações impostas pela localização do fenômeno, a saber, as conexões que são estabelecidas em virtude de uma dada localização. Trata-se, em síntese, de duas noções que orientam o processo de análise do sistema espacial.

Dentro desse quadro de inquirição sobre a espacialidade dos fenômenos, pensamos que o sistema geográfico das interações em espaços públicos possa ser investigado a partir dos comportamentos e das morfologias em diferentes situações de interação. Acreditamos que, em cada tipo de situação de interação, podemos encontrar comportamentos específicos e relações com a morfologia igualmente particulares. Afinal, situações de interação diferentes correspondem a ocasiões sociais distintas, por exemplo, piqueniques, festas de aniversário, encontros amorosos, cuidado de crianças etc. Em cada uma dessas ocasiões, há uma situação de interação com movimentos corpóreo-espaciais específicos. Por esse motivo, as análises dos comportamentos e das morfologias serão apresentadas neste trabalho a partir de cada tipo de ocasião social observada em campo.

Como comportamentos, entendemos o conjunto de movimentos corporais dos indivíduos em determinada situação de interação. Subdividimos os comportamentos em dois tipos: aqueles que ocorrem dentro de interações focadas e aqueles que se fazem dentro de interações desfocadas. Nas interações focadas, quando pessoas conversam entre si ou mantêm o mesmo centro de envolvimento⁷, identificamos inicialmente quais atividades eram realizadas pelo grupo. Em seguida, descrevemos os movimentos corpóreo-espaciais. Esses últimos podem variar em termos: da localização, da posição, da postura, do deslocamento, da orientação, da cinestesia, da extensão, do toque e da direção do olhar. Por localização, entendemos o local onde o indivíduo se encontra. Como posição, considera-se as distâncias

⁷ De acordo com Goffman, *envolvimento* refere-se à capacidade de um indivíduo de manter sua atenção concentrada em alguma atividade disponível. Quando vários indivíduos mantêm o mesmo foco de envolvimento, estamos falando de uma interação focada. Por exemplo, em uma partida de dama, os jogadores podem não trocar nenhuma palavra entre eles, mas suas atenções estão voltadas para o jogo. O jogo é o envolvimento principal, que conecta esses dois indivíduos em uma interação focada por mais que não exista troca de palavras entre eles.

relativas em relação a objetos, a formas físicas e outros grupos de pessoas. Por postura, compreendemos a maneira como o corpo é mantido no espaço: em pé, deitado, sentado, agachado, inclinado etc. É evidente que existe uma variedade infinita de maneira com as quais um corpo pode permanecer no espaço. Todavia, os exemplos apresentados linhas acima foram observados com maior frequência.

Como deslocamentos, referimo-nos às mudanças da localização espacial do corpo dentro do espaço público. Para essa variável, indicamos se o corpo está, por exemplo, pulando, andando, em repouso, esticando-se, correndo. Além disso, é apontada a continuidade do deslocamento (contínuo ou com paradas), a velocidade (rápido, médio ou lento) e o tipo de equipamento utilizado, como skate, bicicleta etc. Orientação, por sua vez, é entendida como a posição de um corpo em relação ao outro: lado a lado, de frente um para o outro, perpendicularmente (90°), de costas, em ângulo agudo e em ângulo obtuso. Assim como a postura, há uma grande variedade orientações entre corpos. Contudo, esses foram os tipos de orientação mais observados.

Por cinestesia, fazemos referência à capacidade que uma pessoa tem de tocar, acariciar ou de ser tocada. Trata-se do potencial de encostar em indivíduos com seus braços, pernas e corpo. É uma forma de mensurar a distância de modo que a unidade de medida seja o próprio corpo. Por exemplo, quando pessoas estão muito próximas, sutis inclinações da cabeça ou do tronco são suficientes para tocar o outro indivíduo. Quando mais distantes, o toque pode ser produzido ao se estender o antebraço, o joelho ou cotovelo. Em um terceiro cenário, é necessário estender completamente os braços ou as pernas para alcançar o outro indivíduo. No quarto cenário, quando a pessoa está no limite do seu espaço pessoal com o braço e a perna estendidos e o corpo inclinado, mas ainda assim é capaz de tocar o outro. Por fim, o quinto caso ocorre quando o segundo indivíduo está completamente fora de alcance do espaço pessoal do primeiro.

Por extensão, referimo-nos ao tamanho de uma área que determinado comportamento mobiliza. O toque corresponde à frequência com que pessoas, em uma dada ocasião social, mantêm contato físico. Em certas ocasiões, o toque pode ser contínuo, prolongado ou intermitente. Em outras ocasiões, por sua vez, pode haver toques acidentais ou até mesmo não ocorrer nenhum tipo de contato físico entre pessoas. Por fim, a direção do olhar indica para onde se dirige a observação do indivíduo. A partir dos trabalhos de campo, identificamos três tipos de olhares, ou melhor, três formas de observação muito comuns em situações de lazer em espaços públicos. Mais adiante, discutiremos com mais atenção tais formas de olhar.

No geral, essas foram as variáveis observadas em núcleos de interação focada⁸. Por outro lado, ao analisarmos as interações desfocadas, utilizamos apenas algumas das variáveis mencionadas acima. Ao invés de descrevermos em detalhes os movimentos corporais que ocorrem dentro de um núcleo de interação, nossa preocupação era investigar as relações entre os diferentes núcleos de interação. Para isso, diferenciamos qual atividade principal estava sendo realizada por determinado grupo, sua localização, sua posição, os eventuais deslocamentos, as direções do olhar, as posturas e as orientações das pessoas em relação a outros grupos.

Apresentados os comportamentos e as suas variáveis, é necessário apresentar a segunda grande unidade de observação da pesquisa: a morfologia. Ela deve ser entendida em sentido amplo, compreendendo todo tipo de forma material que compõe o espaço público. Isto inclui aspectos do terreno (declives, corpos hídricos, material da superfície e vegetação); e equipamentos (bancos, mesas, balanços, quadras). De maneira geral, a morfologia compreende o conjunto de materiais físicos que pode orientar e/ou ser refuncionalizado pelos comportamentos.

Resta-nos saber, porém, como realizar o exame desse sistema de posições composto por comportamentos e morfologias. De acordo com Gomes (2017), o acesso a essa forma espacial de pensar é obtido pela observação e pela descrição. Estes procedimentos poderiam nos ajudar a investigar a espacialidade das interações sociais em espaços públicos de lazer e, ainda, nos auxiliam a desenvolver uma abordagem geográfica deste fenômeno. No entanto, para alcançarmos estas metas, é necessário ter clareza sobre aquilo que estamos chamando de descrição e de observação.

Certos autores (SAUER, 1956; BRUNET, 1980; ROSE, 2001; CLAVAL, 2001; COSGROVE, 2008; GOMES & PARENTE-RIBEIRO, 2013; BERDOULAY & GOMES & MAUDET, 2015; GOMES, 2017) afirmam que a Geografia está fundada em uma verdadeira tradição visual. Mapas, pinturas, gravuras, desenhos, croquis, fotografias, filmes, plantas, cartas, tabelas, gráficos, diagramas, fluxogramas, esquemas gráficos... Desde os seus primórdios, a Geografia esteve associada a dispositivos de visualização. Basta pensarmos que, na origem da palavra geografia, há a ideia de produzir uma inscrição ou um desenho da Terra. Esta prerrogativa gráfica para a produção de conhecimento geográfico perdura desde a Antiguidade Clássica até os dias de hoje.

⁸ É importante deixar claro que boa parte dessas variáveis foi inspirada nas detalhadas descrições do antropólogo Edward T. Hall (1963) sobre como indivíduos de culturas diferentes possuem práticas comportamentais com espacialidades distintas.

Esta tradição visual se refere, como advoga Cosgrove (2008), às conexões entre ver, imaginar e representar o mundo geograficamente. Central para isso é a ideia de observação. Neste trabalho, a observação não é entendida como mero olhar. Observar é a habilidade de ver o mundo a partir de determinadas categorias lógicas. Compreendemos, então, que a observação inclui tanto o ato ocular de registrar o mundo exterior, quanto, em um sentido mais abstrato, o ato de projetar e criar imagens. (COSGROVE, 2008).

As imagens, como aqui defendemos, são verdadeiros instrumentos para conhecer o mundo. Elas apresentam algo e, dessa maneira, permitem com que este algo possa ser estudado e conhecido. Na Geografia, a criação e a projeção dessas imagens foram historicamente realizadas através de descrições. Este vínculo entre a geografia e a prática da descrição é tão consolidado que seria possível dizer que a geografia é a ciência que procura descrever o mundo (CLAVAL, 2001). Estas descrições, como defende Gomes (2017), buscavam vínculos e associações entre os fenômenos. Elas possuem o objetivo apresentar como os fenômenos aparecem, relacionam-se e se conectam segundo um plano espacial. Por isso, um dos principais resultados de uma descrição é a produção de imagens, tanto no formato textual quanto no pictórico⁹.

De acordo com Paul Claval (2001), geógrafos possuem duas grandes preocupações ao descrever. A primeira é reconstituir com exatidão as informações recolhidas em campo e as experiências vividas. A segunda é escrever e produzir materiais gráficos. Contudo, é muito comum cometermos alguns equívocos ao fazermos descrições. Para o autor, existe uma inadequação entre a narração e aquilo que a geografia visa expressar através da descrição. A narração é um encadeamento linear, que reconstitui um caminho no espaço. Falhamos se apresentamos as coisas como um roteiro de viagem em que o autor expressa unicamente a sucessão de lugares pelos quais ele passou. O geógrafo deve comunicar uma informação que concerne a totalidade do espaço; ele deve criar uma imagem global. Por isso, é necessário pensar em um outro gênero literário diferente de um roteiro de viagem para realizar as descrições.

É preciso haver uma visão de grandes conjuntos e, ao mesmo tempo, uma leitura dos fenômenos na escala em que as pessoas normalmente o percebem. Descrições geográficas satisfatórias falam do terreno e das observações que fazemos campo. Ao mesmo tempo em

⁹ Comumente acreditamos que imagens se restringem àquelas em formato pictórico. Contudo, Gomes (2017) argumenta que as imagens produzidas pela descrição também podem ser textuais. Por exemplo, o autor afirma que Vidal de la Blache produzia imagens a partir de textos. Por meio de um raciocínio visual e espacial, Vidal de la Blache “desenhava” quadros utilizando palavras.

que elas apresentam aquilo que percebemos a partir de um ponto, as descrições expõem o conjunto em uma escala maior.

Para Claval, exemplos apropriados de descrição são os trabalhos de Vidal de la Blache. Em seus escritos, Vidal evoca partes de seu itinerário para destacar como certos fenômenos se apresentam a nível cotidiano. Concomitantemente, Vidal também apresenta o conjunto regional em um nível superior. Trata-se de uma forma de escrever que correlaciona os horizontes próximos com uma imagem de conjunto. Há, portanto, uma verdadeira dialética de níveis territoriais diferentes. O leitor é convidado por Vidal a participar de uma descrição que estrutura o espaço. Para Claval, passamos dos grandes horizontes à realidade local. Dessa maneira, o leitor é capaz de visualizar uma imagem geral do *pays* por meio de uma produção textual.

As descrições, neste sentido, constituem verdadeiras cenas na mente daqueles que leem e/ou observam as produções geográficas. Estas imagens reconstituem a complexidade das múltiplas interações espaciais entre fenômenos em conexão. Busca-se exprimir, em um formato imagético, as relações entre coisas no espaço tal qual elas se apresentam. Dessa forma, os fenômenos descritos em uma imagem poderiam ser pensados e analisados a partir da própria imagem.

Ainda sobre a descrição, partimos da classificação proposta por Alpers (1983). Ela afirma que a descrição é um modelo de investigação visual. Ao estudar duas escolas de pintura na Europa ocidental do século XVII, Alpers estabelece a oposição entre o modelo narrativo e o modelo descritivo. O primeiro modelo legitima as imagens através de suas relações com textos anteriores à produção gráfica. No descritivo, ao contrário, não há um texto ou uma narrativa subjacente à imagem. A preocupação central do modelo descritivo está na própria construção da imagem: produzir uma imagem que nos faça pensar e questionar as condições que orientam a observação.

A descrição não se resume ao levantamento exaustivo de um lugar. A descrição propõe um exercício contínuo de reflexão sobre os elementos que condicionam aquilo que se vê. Para Alpers (1983), este “olhar atento” é uma importante ferramenta para a produção de conhecimento; ele nos dá acesso a uma infinidade de fenômenos visíveis. Fortemente inspirado nessas ideias, Gomes (2013) propõe que alguns desses elementos que condicionam o olhar são eminentemente espaciais. Em busca dessa espacialidade do olhar, o autor aponta três principais elementos espaciais que participam da observação: o ponto de vista, a composição e a exposição.

O ponto de vista representa o lugar de onde se olha. Localizados em um determinado lugar, vemos coisas que não veríamos se estivéssemos em outro ponto. Trata-se de uma relação entre observador e observado a partir da localização de onde se observa. Esta relação é mediada pelo jogo de posições espaciais que permitem com que algo seja ou não visto.

Dentro de um logradouro público, onde a visibilidade é um dos aspectos fundadores deste tipo de espaço, a discussão sobre o ponto de vista pode ser interessante para refletir sobre as posições do olhar do pesquisador. Trata-se de uma oportunidade de autorreflexão sobre a nossa posição e, por conseguinte, sobre o nosso olhar dentro do espaço público. Ao adotarmos uma posição, privilegiamos um determinado campo de visão e, conseqüentemente, estamos marginalizando outros. Ao refletirmos sobre nossos pontos de vista em campo, desenvolvemos maior sensibilidade sobre a espacialidade a partir da qual se constroem nossos olhares. Assim, consideramos os limites e parcialidades da observação.

O segundo elemento, composição, corresponde à combinação de objetos que se associam para criar uma imagem. Em termos mais simples, a composição diz respeito ao jogo de posições relativas. Trata-se do lugar que os objetos ocupam considerando todo o conjunto de outros objetos. Em situações de interação públicas, por exemplo, uma investigação sobre a composição deve analisar as posições relativas das morfologias e dos comportamentos e as inter-relações que estes mantêm entre si.

O terceiro e último elemento é a exposição. Por exposição, queremos dizer que determinadas posições espaciais garantem maior ou menor externalidade. Este grau de externalidade possui uma implicação fundamental: ele institui o que deve ser exibido e o que deve ser mantido fora do alcance dos olhos. Dito de outra maneira, há uma delimitação sobre o que está ou não visível. Esta delimitação é mediada por posições espaciais. Isto quer dizer que existem posições privilegiadas que garantem que algo seja visto, olhado e apreciado.

O espaço público é, notadamente, um espaço de exposição. A morfologia, o acesso franqueado a todos e a presença de um público variado são fatores que garantem alto grau de exposição destes lugares e, por conseguinte, das ações que nele ocorrem. Isto não quer dizer, porém, que dentro de um espaço público a exposição seja igual em todos os lugares. A morfologia pode ter um papel determinante na definição de maior ou menor externalidade de certos lugares do logradouro público.

Estabelecido o pressuposto de que a descrição consiste em uma reflexão sobre as condições de observação, as ideias de Gomes (2013) sobre ponto de vista, composição e exposição podem ser úteis para conduzir uma reflexão sobre a espacialidade das condições do

olhar em situações de interação públicas. Igualmente, estas ideias também nos ajudam a compreender que uma descrição se origina de uma atividade de observação situada no espaço.

Deste modo, um modelo de descrição geográfica das situações de lazer em espaços públicos deve ser sensível à espacialidade da observação. A esse modelo descritivo, damos o nome de coreográfico, porque acreditamos que as interações sociais sejam constituídas por movimentos corporais expressivos e ordenados que compõem uma verdadeira dança sobre espaços públicos. Propomo-nos, então, a descrever essa dança atentando-se para a espacialidade do olhar, para os princípios de localização e conexão e para a produção de imagens.

3.2 Coreografia de corpos em interação

Tendo em vista a proposta de descrever os movimentos corpóreo-espaciais em situações de interação pública, faz-se necessário realizar uma pequena revisão sobre o conceito de corpo e, em seguida, argumentar como os movimentos espaciais do corpo ajudam a compor as situações de interação em espaços públicos de lazer. Em sua obra *Essai sur l'interiorité*, o filósofo Marc Richir (1993) argumenta a existência de uma longa tradição na filosofia que considera o corpo como uma das evidências mais consistentes da nossa existência. Nessa tradição, assume-se que é com o corpo e no corpo que nós nascemos, vivemos e morremos. Tal constatação levou muitos filósofos ao longo da história a se questionarem: temos ou somos o nosso corpo? Ou *teríamos* um corpo como um instrumento separado da mente e adaptado às necessidades da existência ou *seríamos* um corpo que poucas vezes perceberíamos sê-lo. Na visão do autor, essa questão produziu uma dicotomia pouco explicativa que reduziu o debate sobre o corpo na filosofia e, dentre outros aspectos, reforçou a divisão entre racionalistas e empiristas.

Por outro lado, Richir (1993) aponta que a fenomenologia, principalmente com o trabalho de Merleau-Ponty (1999), introduziu uma nova perspectiva sobre o corpo. Para este ramo da filosofia, seria necessário suspender todas as determinações dos debates anteriores e produzir ideias novas sobre o corpo sem um quadro de referência pré-estabelecido (SEAMON, 2000). Assim, o debate de ter ou de ser o corpo seria colocado de lado e passaríamos a nos questionar sobre as experiências do corpo: as sensações, as afeições, a afetividade, as paixões e o pensamento. Dessa forma, o corpo teria um papel fundamental para a construção de sentido, já que a percepção seria resultado da relação entre o mundo vivido e o corpo (Merleau-Ponty, 1999, p. 122).

Outro campo da filosofia que produziu importantes contribuições sobre o corpo são os trabalhos inspirados nas obras de Michael Foucault (1975 & 1978). Nesses trabalhos, o corpo é entendido como um lugar de inscrição - uma superfície na qual se inscrevem valores, moralidades e leis sociais. Nesse sentido, as estruturas sociopolíticas constroem os corpos através de relações de poder nas quais esses são marcados e transformados. Sob este ponto de vista, os corpos são construídos discursivamente dentro de um conjunto de normas sociais.

A geografia, assim como outras ciências sociais, inspirou-se nas reflexões produzidas por filósofos e deu origem a um novo campo de estudos voltado à discussão sobre o corpo e espaço. Contudo, esse campo está longe de ser homogêneo. Na realidade, existe uma grande diversidade de referenciais teóricos e metodológicos para enquadrar a espacialidade do corpo. Não obstante à heterogeneidade, a maior parte dessas abordagens procura livrar o corpo das amarras da neutralidade científica. Acredita-se que a produção de conhecimento tem como uma de suas consequências a descorporização do sujeito e a subtração das experiências (AZEVEDO & PIMENTA & SARMENTO, 2009). Por esse motivo, seria necessário produzir novas formas de investigação que coloquem o corpo de centro das reflexões.

Como exemplo dessa diversidade de abordagens, Simonsen (2000) defende que certos trabalhos sobre corpo na geografia procuraram repensar o dualismo corpo e mente, retomando a discussão se temos ou se somos o nosso corpo (DUNCAN, 1996; AINLY, 1998). Outro conjunto de geógrafos, já sob a influência da fenomenologia, trata como o corpo auxilia na construção de uma subjetividade espacial (TUAN, 1974; SEAMON, 1979, 2000; NAST & PILE, 1998). Nesse caso, os estudos estão vinculados à análise das emoções e das experiências sensoriais.

Outro grupo de geógrafos, apoiados nas ideias de Foucault, procura entender as inscrições de poder e de resistência no corpo, envolvendo questões de performatividade, de política do corpo e do corpo como espaço de contestação. Dentro das propostas de Foucault, os autores procuram identificar *dispositivos* de violência, coerção, inclusão ou de exclusão do corpo. Acredita-se que esse conjunto de dispositivos de subjugação do corpo se expressa de maneira variada em diferentes lugares. Essas ideias são trabalhadas principalmente em pesquisas de geografia feminista e de geografia *queer* que estudam violência, sexualidade, espaços de dominação e corpos marginais (MERRY, 1981; GORDON & RIGER, 1989; BELL & VALENTINE, 1995; VALENTINE 2007).

O presente trabalho, contudo, não se vincula a nenhuma das perspectivas apresentadas acima. Não pretendemos nos ater à discussão se temos ou somos o nosso corpo. Da mesma maneira, não estamos preocupados com os aspectos espaciais da subjetividade do corpo, nem

com as inscrições de poder que, para alguns, constroem o corpo. Ao contrário, em nosso trabalho, o corpo é visto como uma unidade física, indivisível, mensurável, localizável, relacional e situada em um contexto de interação. Procuramos entender como as práticas corporais, ou melhor, os movimentos corporais se articulam com o espaço. Para isso, tomamos como primeira fonte de referência teórica os trabalhos da *time-geography* desenvolvidos por Trosten Hägerstrand.

Conhecido por ser o fundador da *time-geography*, Hägerstrand foi um renomado geógrafo sueco cujos trabalhos lidam com fluxos e paradas de objetos e de pessoas no dia a dia, além de temas como migração, difusão e planejamento urbano. Hägerstrand registrava os movimentos cotidianos das pessoas em diários para identificar rotinas e padrões nas atividades dos cidadãos. No geral, Hägerstrand e seu grupo apresentaram ideias sobre como organizar atividades de trabalho, serviços, moradia e transporte em contextos urbanos. Para isso, foram utilizadas noções de tempo e de espaço como dimensões principais para analisar a adequação entre a localização dessas atividades e as necessidades diárias das pessoas (ELLEGARD, 2018).

Dentro desse campo, um conceito muito importante é o de *indivíduo*. Utilizado em sentido largo, o conceito de indivíduo compreende animais, objetos e seres humanos. Para a *time-geography* (HÄGERSTRAND, 1985), o ser humano é como um material, uma unidade física quantificável e cujo corpo está localizado em um lugar. Esta propriedade locacional é decisiva ao determinar quais atividades, tempos e lugares um dado ser humano pode se engajar.

Considerando o caráter espaço-temporal do corpo, Hägerstrand descreve o pulsar das cidades, os fluxos de movimento no espaço e no tempo. Ele aponta para existência de padrões nos movimentos individuais, ou melhor, para ritmos corporizados que ultrapassam os limites bidimensionais de um mapa comum. A fim de representar esses movimentos de corpos, ele propõe uma nova apresentação gráfica. Trata-se de um sistema de representação objetivo e neutro que abstrai, desmaterializa e representa o movimento corpóreo como uma linha; um trajeto no tempo e no espaço. Dessa forma, o corpo é, para a *time-geography*, uma unidade física indivisível, calculável e a partir da qual grandes padrões podem ser identificados (ELLEGARD, 2018).

Apesar da notória popularidade de suas ideias ao longo dos anos, Hägerstrand foi duramente criticado (ROSE, 1993; MAY & THRIFT, 2001; DIJST 2009, 2018). Uma parcela das críticas foi direcionada ao seu pouco interesse pelas experiências mentais, emocionais e para significados produzidos pelo ser humano. Outro conjunto de críticas se dirige ao fato do

corpo humano, nas obras de Hägerstrand, ser entendido como uma entidade corpórea que não possui expressões sexuais, de gênero ou raciais (DIJST, 2018). Em resumo, critica-se que, na *time-geography*, o corpo é um receptáculo genérico que somente carrega a pessoa ao longo de um caminho no tempo e no espaço (ROSE, 1993).

A despeito das críticas, Hägerstrand não nega a existência das emoções, das experiências mentais, das diferenças raciais e de gênero. Pelo contrário, já em seu famoso trabalho “*What about people in regional Geography?*” (1989), o autor admite que seres humanos possuem particularidades em relação a objetos e animais, por mais que sua noção de *indivíduo* os agrupe em uma mesma unidade conceitual. Em outro trabalho, “*Time-geography: focus on the corporeality of man, society and environment*”, Hägerstrand (1985) aponta algumas limitações de sua visão. Contudo, para alcançar seus objetivos, o autor optou por uma perspectiva física do corpo.

Outro referencial teórico importante sobre a noção de corpo é a obra *The hidden dimension*, do antropólogo estadunidense Edward T. Hall (1969). O objeto de estudo de Hall é o espaço pessoal e como o ser humano o constrói. O autor afirma que grupos culturais distintos vivem em mundos sensoriais igualmente diferentes. Por isso, as regras comportamentais de uso do espaço variam entre esses grupos.

Hall compara as noções de espaço pessoal entre estadunidenses e árabes. Em sua investigação, o autor nota que esses grupos usam o espaço pessoal de maneiras diferentes. Os estadunidenses analisados pelo autor possuem quatro tipos de distâncias – íntima, pessoal, social e pública. Em cada uma delas, ocorrem atividades e formas de interações específicas. Hall ilustra que, em uma interação entre um estadunidense e um árabe, o norte-americano se sente em geral desconfortável com a proximidade física que os árabes mantêm em conversações. Trata-se, como Hall defende, de mundos sensoriais distintos em que a espacialidade do corpo segue regras diferenciadas.

Acredita-se, então, que os limites do corpo humano não começam e terminam na pele. Ao contrário, pode-se imaginar que o corpo é circundado por uma série de campos com alcances espaciais distintos, que se expandem e se retraem dependendo da interação em que o indivíduo se encontra (HALL, 1969). Esses campos espaciais podem conceder informações sobre como diferentes grupos culturais constroem e dão sentido às suas práticas comportamentais. Assim, o corpo é uma unidade física dotada de padrões comportamentais espacializados que variam de cultura para cultura.

Em seu trabalho, Hall (1969) se atém a comparar grandes grupos culturais: estadunidenses, árabes, alemães, ingleses, japoneses, franceses etc. Contudo, o autor dá

indícios de que as variações da espacialidade do corpo não ocorrem exclusivamente entre pessoas de diferentes países. Ele nos diz que, em grandes cidades, grupos culturais diferentes podem, também, construir mundos sensoriais diferenciados. Isso significa que existiriam lógicas corpóreo-espaciais diversas dentro de uma mesma aglomeração urbana.

Posto isso, sabemos que existe uma ampla e variada bibliografia dentro e fora da geografia para discutir a noção de corpo. Todavia, optamos por duas referências teóricas: os trabalhos de Hägerstrand e de Hall. O primeiro nos faz considerar o corpo como uma unidade física indivisível, cujos movimentos no espaço estão localizados, posicionados e se desenrolam por um período de tempo. A segunda referência acrescenta a ideia de que o corpo e o seus movimentos estão inseridos dentro lógicas espaciais que variam entre tipos de interação e grupos culturais. Reconhecemos, porém, que essas perspectivas possuem limitações, pois desconsideram dimensões subjetivas do corpo, sentimentos, relações de poder e questões de gênero, raça, sexualidade e de classe social. Contudo, acreditamos que as perspectivas escolhidas nos auxiliarão a cumprir os objetivos apresentados páginas acima.

Haja vista essa breve discussão sobre o corpo, é necessário agora fazer algumas considerações sobre os seus movimentos. Rudolf von Laban (1978 & 1996), um dos maiores teóricos de dança do século XX, afirma que o movimento corporal nunca se esgota. Comumente pensamos que uma pessoa em repouso esteja fixada em um determinado lugar. Porém, desde o nascimento até a morte, o indivíduo está inserido no incessante fluxo de movimento que é a vida. O repouso em um determinado lugar nada mais é do que uma ilusão da parada, pois o corpo sempre entrará em movimento novamente. Se olharmos com maior atenção, no entanto, até mesmo nesses momentos de suposto repouso o corpo continua a se movimentar: a cabeça gira para olhar o que está em volta, o braço é esticado para pegar um objeto etc.

Se aceitarmos a proposta de que sempre estamos em movimento, alguns questionamentos podem ser levantados: como diferenciar um movimento do outro? Qual a diferença do movimento dançado para o movimento espontâneo do dia a dia? Para responder essas e outras questões, Laban (1960 & 1978 & 1996) cunha a noção de *esforço*, que é definida como o “impulso interior na origem de todo o movimento, seja ele dançado ou não” (1960, p.3). Para ele, o esforço é uma espécie de força vital que dá início ao movimento. O esforço contém qualidades como o peso, o tempo, o espaço e o fluxo. Esses são, para Laban, os elementos estruturantes que estão na origem do movimento corporal. Eles se combinam e dão forma ao movimento corporal.

A diferença entre o movimento comum e o movimento dançado reside na origem do esforço. No gesto comum, o ímpeto para o movimento provém de uma fonte externa enquanto a dança se origina de uma força interna ao próprio corpo. Laban diz que o movimento é dançado quando a ação exterior é subordinada ao movimento interior; quando o que nos move é o próprio prazer de se movimentar. Um novo movimento sempre começa no intervalo, isto é, no ponto zero de um novo esforço. Nesses limites, está a origem da dança (LABAN, 1960).

No entanto, qual a relação entre a dança e as interações sociais em espaços públicos de lazer? À primeira vista, pode parecer que não há qualquer vínculo, mas acreditamos ser possível realizar tal aproximação. Se compreendemos que as interações de lazer em espaços públicos poderiam ser vistas como um sistema de posições espaciais composto por comportamentos e morfologias, os movimentos corporais que compõem essas interações poderiam ser entendidos como uma verdadeira dança.

Afinal, assim como na dança os movimentos corporais se originam de um esforço interior, as práticas de lazer em espaços públicos se desenrolam em razão do desejo interior de interagir, de se associar com os copresentes sem uma finalidade objetiva. Nas interações em espaços públicos de lazer, o esforço dos movimentos corporais se origina, como na dança, de uma vontade interior e não de uma necessidade externa. Nos encontros cotidianos de lazer em espaços públicos, os movimentos corporais têm fim em si mesmos. A finalidade é o prazer da própria interação.

Em vista disso, acreditamos que essas interações sociais podem ser lidas através de elementos que se assemelham a uma dança. Uma dança composta por movimentos corporais que se relacionam entre si e com a morfologia do local estudado. Nesse sentido, se os rituais de interação de lazer compõem uma dança, o objetivo do nosso modelo geográfico é descrever essa dança cotidiana, os seus passos, os seus movimentos, as suas paradas, o seu ritmo entre outras características.

Nós não somos, contudo, os primeiros a dizer que um conjunto de comportamentos cotidianos poderiam ser lidos como uma dança. Jane Jacobs (1961), em seu clássico *Morte e vida nas grandes cidades*, utiliza a noção de um *ballet das ruas* para captar a riqueza da vida urbana cotidiana nas calçadas. Em sua rica descrição, a autora apresenta que cada pessoa reforça e/ou inibe o movimento de outras pessoas que estão ao seu redor. Estes pequenos movimentos corporais construídos uns em relações aos outros e situados em um lugar abrem um novo horizonte para se pensar a experiência corporal. Trata-se de uma nova forma de compreender a vida urbana a partir de elementos supostamente triviais, como a movimentação do corpo no espaço.

Além da Jane Jacobs (1961), outros autores (PRED, 1977; THIBAUD, 2001, SEAMON, 1980, 2000; DEMERITT, 2002) também haviam apontado para esta possibilidade de pensar movimentos cotidianos como danças. Isaac Joseph (1992), em seu texto *L'espace public comme lieu de l'action*, faz essa mesma associação ao refletir sobre os encontros sociais nos espaços públicos. De acordo com o autor, quando estamos na rua, vemos inúmeras coisas e essas coisas mudam constantemente a direção do nosso olhar. É difícil manter um único foco de atenção à medida que o mundo está a nossa volta e não somente a nossa frente. É essa questão chave da dança - como passar de uma posição para a outra, como se movimentar - que devemos utilizar para compreender o espaço público não apenas como um espaço de deliberação intersubjetiva, mas como um espaço de movimento, de reunião, de dispersão e de passagem (JOSEPH, 1992). É entender os parques e as praças públicas como um universo de mudanças de posições, de movimentos de corpos em interação. Acreditamos que o instrumento para observar e descrever esses movimentos corporais é a coreografia.

De acordo com suas origens etimológicas, a palavra coreografia é formada pela justaposição de duas outras palavras de origem grega: *khoreía*, que significa dança e *graphien*, que significa escrita ou desenho. Em uma primeira aproximação, coreografia quer dizer escrita da dança. O primeiro registro de uso deste vocábulo data do ano de 1700, quando o dançarino francês Raoul Auger Feuillet publicou o tratado "*Chorégraphie, ou l'art de décrire la danse par caractères, figures et signes démonstratifs*"¹⁰ (GOFF, 1995).

Segundo Goff (1995), a obra de Feuillet revolucionou a história da dança. Seu tratado elaborou, pela primeira vez, um sistema de notações em que uma dança foi registrada por meio de símbolos gráficos. Isto permitiu que dançarinos pudessem recriar, em outros momentos e lugares, uma dança qualquer com base em uma página escrita. A dança, uma das mais efêmeras formas de arte, passou, enfim, a ter um registro gráfico.

Este tratado é resultado da acumulação de conhecimentos adquiridos sobre a dança ao longo do século XVII. O interesse dos reis franceses Luís XIII e Luís XIV pela dança criou um cenário institucional favorável à produção e à pesquisa desta arte. Um exemplo desta valorização foi a criação, pelo rei Luís XIV, da Academia Real de Dança em 1661. Um dos mais importantes mestres dançarinos associados a esta academia foi Pierre Beauchamp, que, por sinal, auxiliou Feuillet na criação do seu sistema de notação (GOFF, 1995).

É relevante notar, ainda, que todos os tratados de dança anteriores ao trabalho de Feuillet compartilhavam de alguns elementos comuns: davam instruções sobre como executar

¹⁰ "Coreografia, ou a arte de descrever a dança por caracteres, figuras e signos demonstrativos". Tradução do autor.

as etapas do movimento, aconselham sobre o estilo de apresentação e prescreviam a etiqueta correta para as ocasiões em que a dança era realizada. Em resumo, descreviam as danças em detalhes. No entanto, como não havia registro gráfico antes do sistema Beauchamp-Feuillet, todas as descrições eram textuais (GOFF, 1995).

Em termos práticos, o tratado de Feuillet abriu novos horizontes para o estudo da dança. O registro dos movimentos corporais se tornou possível a partir do século XVIII. Como consequência, o número de trabalhos que descreviam danças aumentou significativamente a partir deste século, permitindo que, hoje, possa-se estudar e até mesmo recriar movimentos corporais praticados em outros tempos.

Após este rápido panorama, é possível dizer que a coreografia é um sistema de notações em que a dança pode ser apresentada por meio de símbolos gráficos. Laban (1978) define a coreografia como um conjunto de códigos de apresentação e de análise do movimento dançado. Para ele, a coreografia representa a composição e o planejamento da dança por meio de desenhos e símbolos.

Em seus trabalhos, Laban (1996) indica que existem muitos sistemas de notação da dança, incluindo modelos mais consagrados e outros mais recentes. Contudo, a maioria destes sistemas foi desenvolvida para descrever um tipo de movimento específico ou um estilo de dança que o coreógrafo em questão possuía maior familiaridade. Neste cenário de coreografias específicas, havia a necessidade de desenvolver um sistema de notação do movimento corporal que pudesse ser universalmente utilizado. Para alcançar este objetivo, Laban aperfeiçoou diversas formas de representações gráficas que o ajudaram a propor uma nova coreografia, que foi por ele intitulada de “Kinetografia”.

Seu interesse em construir esse modelo gráfico deriva de uma preocupação maior sobre o próprio movimento corporal. Para ele, o movimento é uma linguagem humana passível de análise. Por isso, seria possível encontrar uma ordem subjacente aos movimentos de maneira a torná-los compreensíveis. O instrumento para identificar estas regularidades é a coreografia. Para identificar estes padrões, a coreografia deve descrever as formas do movimento corporal.

Central para esta ideia de forma do movimento é a noção de espaço. De acordo com Laban, comumente separamos o espaço e movimento como se fossem duas entidades que existissem separadamente. No limite, este argumento nos levaria a pensar que o espaço seria um vazio sobre o qual objetos simplesmente se movimentam. Da mesma maneira, o movimento seria um mero acontecimento sobre o espaço. Laban é contrário a esta visão

simplista. Defende-se que o movimento é um fluxo situado em uma dada localidade. Por esse motivo, ele sempre deve ser pensado em relação à sua localização. Chamamos atenção, assim, para um aspecto importante do movimento corporal: ele sempre está intimamente vinculado ao espaço. Por essa razão, pode-se dizer que os movimentos do corpo são sempre movimentos corpóreos-espaciais, uma vez que movimentos são indissociáveis do espaço.

A unidade de análise para se pensar esta relação entre o movimento corporal e o espaço é a forma. Acredita-se que a forma do movimento corporal possui uma dimensão espacial que deve ser descrita e analisada pela coreografia. Esta última é, então, um sistema de notação que considera que os movimentos corporais são eles mesmos constituídos de relações espaciais. A tarefa de um coreógrafo é criar figuras, símbolos ou imagens que apresentem as formas espaciais dos movimentos do corpo. O acesso às formas espaciais do movimento do corpo é obtido pela coreografia, pela descrição do movimento a partir de um conjunto de códigos. Coreografar uma dança significa observá-la, atentar-se para as regularidades que a orientam a produzir registros gráficos sobre ela. Sabendo que a coreografia é uma forma de descrever o movimento do corpo, resta-nos refletir como realizar essa descrição, como construir um modelo coreográfico das situações de interação em espaços públicos de lazer.

4 MODELOS DESCRITIVOS



Fonte: EISNER, Will. A Vida na grande cidade. São Paulo: Quadrinhos na Cia, p. 240, 2009.

O que é um modelo? Quais as suas funções e suas limitações? Quais tipos de modelos existem? Qual o papel das imagens na modelagem geográfica? Neste capítulo, discutiremos rapidamente sobre essas e outras questões com o objetivo de apresentar uma nova categoria de modelo: a de modelo descritivo. Essa associação entre modelagem e descrição será importante para o desenvolvimento do modelo coreográfico. Por fim, serão apresentados os recortes da pesquisa empírica no Parque de Madureira, as condições de observação e as dificuldades que a pandemia da COVID-19 impôs à realização dos trabalhos de campo no ano de 2020.

4.1 A construção de um modelo descritivo: a coreografia

Em um artigo denominado *Modelos, Paradigmas e a Nova Geografia*, Haggett e Chorley (1975) lançam as bases para uma nova maneira de produzir conhecimento na geografia. A intenção dos autores era redirecionar a geografia dentro das tendências científicas da época. Para isso, Haggett e Chorley defenderam o uso de um novo dispositivo intelectual: os modelos. Apesar da defesa do uso da modelagem em pesquisas da Geografia, os autores admitem que não há nenhum consenso entre os filósofos e historiadores da ciência a respeito do que é um modelo e de qual sua função dentro do campo científico. No entanto, há a concordância de que o uso de modelos sempre exige um cuidado metodológico redobrado.

Em outras palavras, a utilização de modelos deve ser acompanhada por uma reflexão aprofundada sobre a sua natureza, características, funções, tipos e os seus riscos. No que tange à natureza dos modelos, Haggett e Chorley defendem que modelos podem ser uma teoria, uma lei, uma hipótese ou mesmo uma ideia estruturada. Apesar desta aparente diversidade, todos os modelos partem da complexidade do mundo para produzir um quadro simplificado e inteligível. Trata-se de uma tentativa de decompor o mundo real em sistemas simplificados de acordo com as características essenciais do fenômeno que se deseja estudar.

Quanto às características de um modelo, os autores indicam o seu caráter subjetivo. A construção de um modelo é seletiva à medida que o pesquisador seleciona e observa elementos específicos. Detalhes superficiais são dispensados e valorizam-se aspectos fundamentais do fenômeno estudado. Sobre esse assunto, Haggett e Chorley expõem uma interessante metáfora: modelos são como fotografias seletivas. Eles iluminam um aspecto da realidade, mas obscurecem outros. Além da subjetividade do modelo, devemos destacar sua natureza sugestiva. A maioria dos modelos busca generalizações ou padrões para que sejam

feitas previsões. Dentro desse quadro, modelos funcionam como verdadeiros instrumentos especulativos que reformulam o mundo real em uma forma mais familiar, simplificada, acessível, observável e passível de tirar conclusões.

Sobre os riscos da utilização de modelos, os autores afirmam que algumas modelagens podem ser muito simbólicas, formalizadas ou excessivamente simplificadoras e generalistas. Um modelo nesses parâmetros produziria previsões inadequadas, ultrapassando o que os dados empíricos permitem verificar. Haggett e Chorley apontam ainda funções dos modelos. Alguns possuem caráter aquisitivo, pois estabelecem a maneira com a qual a informação é definida, coletada e ordenada. Modelos também têm uma função de fertilidade à medida que possibilitam a extração de uma grande quantidade de dados e, por conseguinte, de produção de informações. Eles podem ter uma funcionalidade lógica pois permitem explicar o fenômeno; uma função normativa porque possibilitam a comparação entre eventos; uma função sistemática uma vez que reconhecem relações entre fenômenos; e, por fim, uma função construtiva pois tornam possível a elaboração de teorias e leis.

Nenhuma dessas funções, contudo, é exclusiva de um único modelo. Na verdade, um modelo pode exercer todas as funções mencionadas acima (HARVEY, 1969). O desafio reside em definir qual a sua função principal. À medida que nos deparamos com uma diversidade de funções, qualquer definição de modelo se torna extremamente difícil. Na tentativa de traçar uma definição, Harvey diz que diversos filósofos propuseram conceituações muito quadradas ao ponto de não se tornarem mais úteis para uma pesquisa prática. Por outro lado, muitos cientistas empíricos caem no erro de traçar definições tão soltas ao ponto da palavra “modelo” perder o seu significado e talvez até seu potencial explicativo.

Além dessa dificuldade de definir com clareza o que são os modelos, o uso de modelagem encontra problemas metodológicos, epistemológicos, lógicos e processuais (HARVEY, 1969). Apresentaremos rapidamente cada um desses problemas. No que diz às querelas metodológicas, há duas principais questões: definir quais as funções que um modelo está exercendo; e como estabelecer a funcionalidade de um modelo para a investigação de um determinado fenômeno. Segundo Harvey (1969), esses problemas nunca foram resolvidos. O que se sabe é que modelos diferentes são usados para diferentes funções. Eles podem ser utilizados para conectar teoria e experiência, experiência com imaginação, teorias com outras teorias, criações imaginativas com teorias formais etc. Por isso, todo modelo deve deixar claro quais são os seus objetivos e funções. Uma falha em identificar a função de um modelo pode levar a erros no procedimento, uma falha metodológica (HARVEY, 1969).

Além dos problemas mencionados acima, é comum lermos que modelos científicos são instrumentos que revelam a realidade e, mais do que isso, explicam o passado, o presente e preveem e controlam o futuro. Assim concebido, um modelo seria um conjunto de afirmações sobre a realidade. Suposições como essas confundem modelos com teoria. Para Harvey (1969), no entanto, é necessário traçar claras distinções entre teorias e modelos. Apesar de manterem correlações, modelos são diferentes de teoria. De acordo com esse autor, “um modelo pode ser considerado como uma expressão formalizada de uma teoria” (1969, p.246).

Um modelo deve ter a mesma estrutura formal de uma teoria. Ele, contudo, pode fazer referência a uma parte da teoria ou a todo o domínio da teoria. No primeiro caso, o modelo pode ser visto como um experimento processual em que a abstração da teoria é levada a analisar uma parte da realidade que está sob o domínio da teoria. No segundo caso, o modelo serve para transferir a teoria para uma realidade mais familiar, mais próxima, mais controlável e mais facilmente manipulável.

Isso quer dizer que um modelo é uma forma de manipular uma teoria complexa a partir de um determinado paradigma de análise. Um modelo seria um todo ordenado, onde postulados são satisfeitos por meio de determinados procedimentos investigativos (HARVEY, 1969). Na geografia, comumente construímos teorias a partir de um modelo. Isso traz riscos. O primeiro é pensar que a teoria precisaria necessariamente de uma modelo para interpretá-la e analisá-la. Além disso, haveria o perigo de supor uma correspondência direta entre o objeto de observação do modelo e os conceitos da teoria (HARVEY, 1969).

Apresentadas as dificuldades de identificar a função de um modelo e de distingui-lo de uma teoria, outro problema comum é a ausência de clareza entre modelos e analogias. Um modelo exprime a estrutura de uma determinada teoria. O modelo poderia ser pensado como uma espécie de esqueleto teórico, cujas características e propriedades estão contidas dentro de uma teoria. Na ausência dessa última, usamos um modelo como um dispositivo para representar o que pensamos. Se um modelo funciona mais para indicar uma teoria, então ele não funciona como um *modelo de*, mas sim como *modelo analógico* (HARVEY, 1969).

É importante não confundir o *modelo de* um cientista com analogias que ele pode invocar para explicar características de seu modelo ou teoria, e que também podem tê-lo ajudado em sua construção teórica. Estamos chamando atenção para a necessidade de diferenciar dois tipos de situação. A primeira em que um modelo pode conter apenas elementos e características estruturais que já estão contidos na teoria. A segunda é um modelo analógico que contém elementos e características estruturais que não estão contidas na teoria.

Essa diferenciação de *modelos de* e *modelos de analogia* só pode ser traçada quando uma teoria geral, desenvolvida por um texto adequado, for utilizada para mostrar que o modelo está funcionando em um dos dois modos (HARVEY, 1969).

De acordo com Harvey (1969), existe ainda um conjunto de problemas processuais no uso de modelos. Cientistas sempre se preocupam como e dentro de quais circunstâncias um procedimento de pesquisa é justificável. Esses problemas processuais podem ser vistos nas formas com as quais teorias surgem na ciência e no papel que modelos desempenham nesse processo. Por isso, é necessário distinguir entre modelos *a posteriori* e modelos *a priori* (HARVEY, 1969).

Os modelos *a posteriori* começam com observação empírica de onde um número de regularidades comportamentais podem ser extraídas. Para explicar essas regularidades, uma teoria é proposta, além de diversos conceitos. Essa teoria deve ser representada por uma estrutura na forma de modelo que, por sua vez, pode ser usado para facilitar a dedução ou o simples cálculo. Nesse caso, a função do modelo é de simplesmente representar algo que já é conhecido. Se uma teoria existe e se o modelo contém termos e estruturas referenciadas à teoria, então as condições de *modelo de* foram encontradas (HARVEY, 1969).

Um dos papéis dos modelos *a posteriori* é permitir a fácil manipulação de relações e facilitar os procedimentos de testes. Quanto menos sofisticada é uma teoria, menor o controle que possuímos na relação teoria-modelo. Não podemos, então, dizer se as conclusões tiradas do modelo podem ser transferidas para a teoria ou se um teste bem-sucedido do modelo indica um teste bem-sucedido da teoria que o modelo representa. Resumindo, se a relação modelo-teoria é debilitada, as conclusões do modelo não podem ser facilmente aplicadas à teoria. Uma falha em especificar a teoria pode levar automaticamente a uma perda do controle da relação modelo-teoria.

Os modelos *a priori* já possuem uma dinâmica um pouco diferente. Nós começamos com uma espécie de cálculo e, em seguida, nós procuramos identificar o domínio de objetos e eventos para os quais podemos aplicar esse cálculo. Se esse “cálculo” for aceitável, pode-se pensar que ele seria aceito como um modelo representativo de uma teoria. Então, da estrutura do cálculo, nós inferimos a estrutura da teoria. O modelo *a priori* é o primeiro passo e a teoria é desenvolvida a partir do modelo.

Os modelos *a priori* são muito mais comuns que os modelos *a posteriori*. Nesse cenário, o modelo *a priori* se torna um construto analítico anterior que é aplicado à realidade, enquanto a teoria é um construto que cresce da experiência com o mundo real (HARVEY, 1969). Contudo, o uso desse tipo de modelo é seguido por alguns problemas epistemológicos.

Primeiro, é extremamente difícil dizer se a teoria que governa os comportamentos descritos pelo modelo possui as mesmas características do modelo. Estamos diante de problemas de inferência e de controle (HARVEY, 1969). Com isso em mente, Harvey propõe uma progressão em que o modelo a priori ajuda a desenvolver uma teoria. Esta, por sua vez, desenvolve um outro modelo a posteriori mais sofisticado.

Em resumo, o uso de modelos impõe uma série de dificuldades metodológicas, epistemológicas, funcionais e lógicas. Não obstante a esses obstáculos, há uma multiplicidade de tipos de modelos que performam uma multiplicidade de funções associadas com uma diversidade de definições. Cada modelo desempenha uma capacidade lógica de performar uma função requerida. Uma teoria tem como o objetivo expor a ordem no aparente caos e, conseqüentemente, permitir com que informações possam ser comparadas. Ao procurar uma teoria, começamos com um modelo a priori. Nessa situação, precisaríamos legitimar as transformações da propriedade do modelo em propriedades que construam uma teoria.

Criar uma teoria envolve, em alguma medida, usar um modelo a priori. Mas se o seu uso produz perigos, especialmente quando a relação modelo-teoria não pode ser muito bem controlada, como utilizar modelos? Para evitar os perigos mais óbvios associados ao uso de modelos, algumas regras processuais podem ser sugeridas (HARVEY, 1969). (i) A função proposta do modelo deve ser claramente especificada; por exemplo, está sendo usado para representar uma teoria, sugerir uma teoria, prever a partir de um conjunto de dados na ausência de uma teoria adequada etc. (ii) A função de um modelo específico não deve mudar dentro de um projeto de pesquisa para outro sem as ressalvas adequadas. (iii) Um modelo usado para inferir ou representar uma teoria deve ser preferencialmente identificado com uma e apenas uma teoria.

(iv) Os modelos devem ser identificados a partir da teoria que o deu origem. (v) As conclusões tiradas a respeito de uma teoria a partir da manipulação de um modelo não devem ser aceitas automaticamente. O relacionamento teoria-modelo deve ser sempre alvo de constantes reflexões. (vi) As conclusões tiradas de um modelo serão aceitáveis somente na medida em que o modelo esteja inserido em uma teoria viável. (vii) A multiplicidade de funções, tipos e definições de um modelo devem ser totalmente apreciadas em qualquer desenho de pesquisa (HARVEY, 1969).

Essas regras processuais são muito gerais. Agora precisamos considerar com mais detalhes alguns dos problemas que surgiram na geografia em relação ao uso de modelos. A primeira avaliação a ser feita é a grande quantidade de modelos a priori em nossa disciplina. Harvey (1969) diz que o excessivo uso de modelos a priori é esperado em uma disciplina

onde a teoria é pouco desenvolvida, como é o caso da Geografia. Para o autor, usamos modelos a priori para sugerir teorias ou para permitir a previsão na ausência de teorias.

O problema, no entanto, reside no vício ou no apego desnecessário a modelos que são apenas representações parciais de teorias que estão longe de serem completas ou claramente desenvolvidas. Para Harvey (1969), esse vício tão comum na geografia leva a uma verdadeira cegueira intelectual onde aceitamos um modelo como uma teoria. O autor chega até mesmo a afirmar que a história da geografia poderia ser pensada como a história do uso incorreto de modelos. Na geografia, os modelos se tornaram instrumentos perigosos para se fazer previsões na ausência de teoria.

Para reverter esse quadro problemático, é necessário que a construção de modelos em geografia seja direcionada para a criação de teorias geográficas. Trata-se de uma tarefa complexa que levará muito tempo até que possuamos teorias relativamente completas que sustentem modelos com grande poder explicativo. Contudo, é um desafio que precisa ser enfrentado.

De qualquer modo, vista a discussão apresentada até o momento, já somos capazes de dizer que modelos são sempre simplificações da realidade. Mais precisamente, um modelo é uma visão de um dado pesquisador sobre a realidade. Esta simplificação é feita dentro de um objetivo operacional de ação, de previsão ou de explicação. No entanto, ao invés de deformar a realidade, acreditamos que os modelos ajudam a conformá-la, a torná-la mais visível e compreensível nos moldes de uma determinada representação. Em geral, essa representação proposta por um modelo na geografia tende a ser visual (BRUNET, 1980). Estamos chamando atenção para o fato de que modelos geográficos possuem a tendência de se apresentarem de forma gráfica.

Por modelos geográficos, Brunet (1980) entende toda e qualquer representação simplificada de um comportamento espacial. Em um sentido mais estrito, um modelo geográfico representa um arranjo espacial, a saber, um conjunto mais ou menos coerente de lugares colocados em relação. Contudo, uma representação desenvolvida a partir de um modelo geográfico não mostra diretamente o arranjo. Este último não está dado na imagem, mas cabe ao leitor interpretá-lo. Assim, o arranjo é fruto de uma construção intelectual. O modelo dá as bases e os elementos que mostram a organização espacial de algo, mas é o leitor que deve interpretar as imagens produzidas a fim de identificar os arranjos. As imagens, nesse caso os modelos, nos auxiliam a construir uma ideia (BRUNET, 1980).

Um exemplo relevante dessas apresentações gráficas dos modelos geográficos são os *coremas* de Brunet (1980). Esse autor concebe os *coremas* como estruturas elementares da

organização espacial. Trata-se de símbolos demonstrativos que exprimem, em geral, estratégias de dominação do espaço. A combinação de diferentes *coremas*, por sua vez, expressa uma diversidade de formas de organização espacial da sociedade. A proposta de Brunet é desenvolver modelos que utilizem coremas, formas de apresentação imagética-espaciais de ações, para analisar determinados fenômenos.

Posto isso, já somos capazes de refutar alguns equívocos que comumente estão associados à produção de modelos (BRUNET, 2001). (i) Há a recorrente afirmação de que *modelar é simplificar e, por conseguinte, perder informações*. Ora, toda explanação requer uma distinção entre dados fundamentais e dados secundários. Sempre é necessário selecionar o essencial. Por isso, não concordamos que essa característica seja um aspecto negativo dos modelos. (ii) *Alguns modelos são de difícil compreensão*. Realmente, certos modelos são pouco legíveis, mas este problema pode ser resolvido com algumas reconsiderações sobre a estrutura do modelo em questão. (iii) *É impossível realizar generalizações em razão da singularidade dos lugares*. Ao nosso ver, trata-se de um julgamento ingênuo. Nenhuma ciência seria possível se não houvesse algum grau de generalização. Os modelos são, ao nosso ver, um dos instrumentos que permitem essas generalizações. (iv) *Os modelos em Geografia provêm de outras ciências*. Em grande medida, isto é verdade. Algumas ciências já se dedicaram à modelagem e nos inspiramos em suas contribuições. (v) *Modelos fazem previsões e encaixam forçosamente a realidade dentro deles*. Essa afirmação está equivocada. Sabemos bem que nenhum modelo ou cientista atualmente tem o poder ou pretensão de esgotar a realidade social em um único modelo. (vi) *Modelos obscurecem processos que acontecem na sociedade*. Trata-se, novamente, de um julgamento apressado. Modelos, como dito acima, são fotografias seletivas. São feitos recortes para se analisar determinados aspectos da realidade e não outros.

No caminhar de sua argumentação, Brunet (2001) elenca ainda alguns aspectos fundamentais da modelagem. (i) Os modelos devem ter significado. É necessário entender de onde eles vêm e o que os produz. (ii) Modelagem não se resume à generalização. Há necessidade compreender as estruturas e dinâmicas de objetos únicos. (iii) Há uma tendência na geografia de produzir imagens como modelos. (iv) Modelar não é unicamente simplificar. (v) Modelagem é um procedimento de pesquisa. Como tal, exige padrões e regras de uso rigorosos.

Apresentadas as propostas de Brunet (1980 & 2001), é possível dizer que modelos espaciais são, na maior parte dos casos, representacionais. Eles procuram reproduzir, em um suporte gráfico, os padrões observados em um determinado sistema de interesse. No limite,

pode-se pensar que a discussão sobre modelagem na geografia poderia se encaixar em um debate mais amplo sobre tradição visual e, em alguma medida, sobre observação e descrição.

Para sustentar essa afirmação, tomemos como referência alguns dos trabalhos desenvolvidos por Carl Sauer (1925; 1956). Este autor afirma que a geografia é uma ciência que produz conhecimento pela observação. Para ele, deve-se observar a variação, a posição, a extensão, a presença, a ausência e a função de diferentes elementos que compõem a paisagem. Dessa maneira, é realizada uma descrição. O trabalho e a educação do geógrafo eram, pois, aprender a observar e a representar. Um dos principais resultados desse trabalho era a confecção de imagens a partir das descrições realizadas. Essas imagens eram, em seguida, utilizadas para interpretar e esquematizar as complexidades do mundo observado. Assim, Sauer criou procedimentos de como descrever a paisagem, guiando-se por um conjunto de técnicas observacionais. Desses procedimentos, foram confeccionadas imagens que permitiram identificar as paisagens culturais.

Acreditamos que Sauer produziu um modelo, cujas ferramentas analíticas concediam coerência e consistência às práticas de observar e de descrever. Trata-se daquilo que chamaremos nesta dissertação de *modelo descritivo*: um tipo de modelagem cujas preocupações fundamentais residem nas condições de observação, na escrita, na produção de imagens e na investigação sobre formas espaciais. Um modelo descritivo é entendido aqui como um conjunto rigoroso de procedimentos observacionais e descritivos que visam produzir uma imagem simplificada e inteligível do mundo. Trata-se de um quadro analítico que decompõe o mundo em imagens mais transparentes e compreensíveis. A partir dessas imagens, são realizadas interpretações e análises.

Modelos descritivos são, então, construtos analíticos cuja função principal é descrever. Ou melhor, eles são um conjunto de procedimentos observacionais e descritivos que visam produzir grafismos a partir dos quais arranjos espaciais possam ser investigados. Em razão de seu caráter descritivo, há, nesses modelos, preocupações com as condições de observação, com a escrita, com a produção de imagens e com a investigação de formas espaciais. Esses quatro elementos não só particularizam esse tipo de modelo como também organizam o quadro analítico sobre o qual os procedimentos são definidos e desenvolvidos. Em resumo, esses modelos compõem paradigmas de análise fundados na coerência e no rigor de práticas de observação e de descrição.

Com objetivo de produzir esse tipo de modelo, o geógrafo deve ter controle sobre a coleta e a seleção de dados, assim como sobre a manipulação da informação. Ao definir, medir e classificar os fenômenos com os quais ele está lidando, o geógrafo também

desenvolve maneiras características de representá-los (talvez a técnica representacional mais conhecida pelo geógrafo seja a de mapeamento). Assim, é possível falar que as funções principais de um modelo descritivo são observar, descrever e produzir imagens. Tais modelos, como qualquer outro, não excluem julgamentos de valor, escolha e seletividade. Contudo, isso não dá ao geógrafo a licença para fazer o que bem entender. As obras clássicas dos geógrafos regionais franceses encontram, por exemplo, um equilíbrio entre a apresentação de informações factuais e relatos literários habilmente construídos que conseguem evocar uma imagem da "personalidade" de uma região (CLAVAL, 2001). Ao nosso ver, esses geógrafos regionais franceses possuíam um modelo descritivo: uma forma particular e organizada de efetuar a descrição com vistas à produção de uma imagem.

Nesse sentido, esses modelos devem ser interpretados como auxiliares que garantem a consistência e a coerência em nossa descrição geográfica. Da mesma maneira que devemos considerar indesculpável se um mapa for internamente inconsistente (digamos, os mesmos símbolos significam coisas diferentes em pontos diferentes), são necessários padrões de consistência e de coerência na descrição. Vejamos agora os quatro pontos centrais de todo modelo descritivo.

Páginas acima, argumentamos que a descrição está intimamente vinculada à observação. Além disso, foi apresentado que a descrição consiste em uma reflexão sobre as condições que guiam a observação (ALPERS, 1983). Não é de se esperar, portanto, que um modelo descritivo, além de um conjunto sistemático de procedimentos observacionais, tenha o cuidado de ponderar sobre os diferentes elementos que podem orientar o processo observacional em campo.

Além da preocupação sobre as condições de observação, inclui-se na lista de elementos estruturantes de um modelo descritivo o cuidado com a escrita. Não há consenso sobre como se deve efetuar uma descrição geográfica, muito menos sobre como escrever essa descrição. Sobre a escrita, Darby (1962) aponta que enfrentamos dois grandes problemas: primeiramente, há uma enorme dificuldade de descrever uma área maior do que se pode ver. Logo, o trabalho descritivo também é limitado pelo alcance e pelo interesse do olhar do pesquisador. A segunda dificuldade apresentada por Darby diz respeito à escolha das palavras para descrever.

Em comparação a uma fotografia, a uma pintura ou a qualquer outro material pictórico, a construção de uma imagem em um texto se dá de maneira gradual. Ao contrário de um material pictórico em que o observador vê uma fotografia como um todo, a imagem de um texto não está pronta de imediato ao leitor. Esta imagem é construída gradualmente

através da leitura. Trata-se de elementos colocados em sucessão que, aos poucos, constituem uma imagem na mente do leitor. Por esse motivo, é necessário certo cuidado com as escolhas das palavras, uma vez que elas podem facilitar ou dificultar a construção destas imagens.

Ademais, um modelo fundado na prática descritiva deve tomar cuidado para não criar procedimentos que façam um inventário monótono, exaustivo e excessivamente técnico. Por isso, como indicam Darby (1962) e Tuan (1957), uma das possibilidades é adicionar metáforas, ideias e belas palavras ao texto. Ao invés de ser de difícil compreensão, o texto descritivo deve ser elucidativo em sua capacidade de apresentar e explicar o funcionamento de um dado fenômeno, como também deve gerar certo prazer estético ao leitor. Dessa maneira, o geógrafo pinta paisagens com palavras. Não devemos, no entanto, pintar paisagens monocromáticas ou pálidas. É necessário adicionar cor e vividez ao texto. Metáforas são belos instrumentos para alcançar esta meta.

Apesar do incentivo em usar metáforas e outras figuras de linguagens, é importante manter certa atenção para impedir que a descrição seja excessivamente carregada de subjetividade. Por isso, há necessidade de estabelecer certo rigor com as nomenclaturas e as classificações (ZUSMAN, 2014). Estamos argumentando, finalmente, que a dimensão textual em um modelo de descrição não deve ser excessivamente técnica, como também deve evitar altas cargas de subjetividade. Trata-se de um cálculo difícil. Alguns autores podem acabar, em determinados momentos de seu texto, privilegiando um ou outro tom de escrita. Seja como for, é essencial permanecer em estado de vigilância constante a respeito de quais palavras são utilizadas, como elas são empregadas e quais sentidos são construídos para elas.

Sobre a importância de materiais pictóricos em modelos descritivos, partimos do argumento de que imagens são instrumentos importantes para a descrição. Gomes (2017) concorda com Alpers (1981) ao afirmar que uma descrição pode gerar diversos tipos de registros gráficos. Este autor, no entanto, vai além das ideias propostas pela historiadora da arte e defende que, não só o olhar, mas as próprias imagens produzidas pela descrição são instrumentos importantes na produção de conhecimento.

Gomes (2017) concebe que as imagens não são simples ilustrações ou objetos secundários, mas sim ferramentas portadoras de sentidos próprios que nos estimulam a refletir. Diferentemente de um texto, elas são capazes de restituir a complexidade das múltiplas interações sobre um mesmo plano dentro de um enquadramento. As imagens são, portanto, uma forma de ver – já que na origem da ideia de descrição está o cuidado com o olhar – e uma forma de pensar – uma vez que elas são instrumentos que nos levam a raciocinar sobre aquilo que é visto (GOMES, 2017).

É certo que há uma longa discussão sobre imagens na geografia (ROSE, 2001). Para este texto, reforçamos nossa posição contrária à tendência atual que busca subverter a autoridade expressiva das imagens, retirando a atenção da integridade da própria imagem para as suas condições de produção, circulação e recepção. Nestas discussões iconoclastas, comumente reduzem a imagem a sinônimo de mentira e desconfiança. Acredita-se que a verdade estaria em qualquer outra parte; jamais na representação imagética.

Em contraposição a esta tendência, ressaltamos que as representações gráficas têm um papel importante na criação de significado para as representações. Para isso, é necessário prestar atenção naquilo que a imagem transmite, isto é, reconhecer a sua autoridade expressiva. Pensamos que “as imagens possuem a capacidade de mostrar aos olhos do observador aquilo que ele habitualmente olha, mas não vê. Elas exigem a contemplação e o exame acurado do objeto da descrição” (GOMES, 2017, p. 27).

Descrever consiste, então, em interrogar, sintetizar e representar a diversidade de fenômenos observados por meio de elementos gráficos, como mapas, fotografias, filmagens etc. (COSGROVE, 2008). A constituição de um modelo descritivo exige, portanto, uma produção de registros gráficos (fotos, filmes, croquis, desenhos, etc.) que nos permitam pensar sobre o fenômeno estudado.

Por fim, se estivermos de acordo que o trabalho de pesquisa geográfico está vinculado à investigação visual dos lugares, como foi defendido por Sauer (1956) e por Gomes e Parente-Ribeiro (2013), devemos sempre estar atentos ao detalhe e à composição de uma cena. Tradicionalmente, este trabalho de observação tem sido associado à descrição. Com ela, poderíamos criar uma imagem e, assim, compreender melhor o fenômeno analisado. Contudo, se a geografia é a ciência da observação e esse trabalho observacional está vinculado à descrição, resta-nos ainda uma questão fundamental: o que observamos e descrevemos?

Para Sauer (1925 & 1956) e Cosgrove (2008), a resposta para esta pergunta é a forma. É evidente que os objetos de pesquisa da Geografia são muito variados. No entanto, estes autores defendem que a forma é recorrentemente fonte de atenção para geógrafos. De acordo com Sauer e Cosgrove, geógrafos possuem um verdadeiro “olhar morfológico”. Trata-se da atenção espontânea que concedemos à forma e ao seu padrão. Historicamente, os estudos da forma são feitos sob a nomeação de morfologia. A geografia, dentro desse quadro, tem se preocupado em compreender a origem e os elementos que modelam as formas do relevo. Questiona-se ainda sobre o porquê de uma determinada forma estar presente na paisagem e como ela está relacionada a outras formas.

Nos estudos de Geografia Humana, a forma também se mantém como um elemento de grande preocupação. Jean Brunhes (1910), em seu clássico trabalho *Geografia Humana*, argumenta que a forma interessa pelo seu conjunto. Para ele, a investigação da forma deve passar por cinco variáveis: o material que a compõe; a origem; a localização; a posição e as adaptações às condições geográficas. Contudo, não estamos interessados em estudar a forma de casas, como é a preocupação de Brunhes, mas o seu trabalho pode nos orientar sobre a importância da investigação das formas nas descrições geográficas.

Em resumo, todo quadro analítico que pretende construir um conjunto consistente de procedimentos observacionais e descritivos deve ter essas quatro preocupações como fundamentos. Sabemos que a classificação em *modelos descritivos* ainda é uma proposta inicial e que precisa de maior sofisticação teórica. Todavia, é partindo da premissa de que certos modelos possuem como função principal descrever, que propomos um modelo descritivo para situações de interação social em espaços públicos de lazer: o modelo coreográfico.

As origens para esse modelo se encontram na pesquisa sobre a sociabilidade noturna na Praça São Salvador. Certos comportamentos como beber cerveja, sentar-se na calçada, caminhar para encontrar um amigo, abraçar um conhecido, virar a cabeça para observar rapidamente o grupo ao lado etc. chamaram a nossa atenção em razão das regularidades comportamentais em dinâmicas de lazer em espaços públicos. No limite, esses movimentos ordenados e ritmados do corpo passaram a ser vistos como uma dança que compunha a situação de interação social na Praça São Salvador.

Essa proposta nos levou à atual pesquisa de mestrado: produzir um modelo descritivo do sistema de movimentos corpóreo-espaciais em situações de interações públicas de lazer. A esse modelo, damos o nome de modelo coreográfico, pois a coreografia é o instrumento para descrever a dança. Uma coreografia contém figuras, símbolos ou imagens que apresentem as formas espaciais dos movimentos do corpo. O acesso às formas espaciais do movimento do corpo é obtido pela descrição do movimento a partir de um conjunto de códigos. O modelo coreográfico é, portanto, um quadro analítico que permite enquadrar os comportamentos cotidianos como uma dança a partir de descrições da espacialidade do movimento corporal. O modelo coreográfico tem como principal função descrever. Sobre esse modelo, precisamos fazer alguns comentários antes de nos atermos aos procedimentos empregados. Primeiramente, precisamos delimitá-lo como um modelo descritivo.

As condições de observação são um ponto central sobre o qual vamos discorrer mais adiante. No que diz respeito à escrita do modelo coreográfico, é necessário ter atenção

especial com as denominações dos comportamentos. Para isso, a descrição textual terá um papel fundamental em apresentar as interações e causalidades entre os tipos de comportamentos, em explicar os seus significados e em evocar os aspectos estéticos do fenômeno observado. Desta maneira, procura-se construir imagens na mente de nossos leitores para que eles consigam imaginar as cenas de interação que estão sendo descritas. Metáforas são utilizadas, classificações são pensadas com cuidado e palavras são responsabilmente escolhidas. Enfim, a escrita foi organizada em torno de um vocabulário que, ao nosso ver, garanta inteligibilidade.

O modelo coreográfico também deve produzir grafismos dos movimentos corporais das pessoas em situação de interação. Estas imagens nos auxiliarão a identificar os padrões, ou como poderíamos dizer, as coreografias das interações sociais. Estes grafismos são elucidativos o suficiente para apresentar as correlações entre comportamentos e morfologia e esclarecedores para explicar os padrões de movimentos corporais.

Resta, ainda, o último elemento fundamental dos modelos descritivos: a forma. De acordo com Laban (1960), a relação entre corpo e espaço deve ser pensada pela forma espacial dos movimentos corporais. Isso significa que os movimentos do corpo possuem uma forma que deve ser descrita pelo modelo coreográfico. Além disso, o modelo coreográfico também deve se ater às formas físicas do logradouro público estudado. Sobre essas últimas, é necessário pensa-las em termos de seu material, de sua origem, de sua localização, de sua posição em relação às outras formas ou comportamentos e de suas adaptações em relação projeto arquitetônico previsto. Sabemos, no entanto, que esta investigação sobre os materiais físicos exigirá um olhar treinado e sensível para as formas topográficas à medida que estas não são simples tábulas rasas onde se desenvolvem as interações sociais. Na verdade, elas possuem um papel ativo dentro da dinâmica interacional.

Apresentadas algumas propriedades do modelo coreográfico, é necessário reconhecer que ele possui, de início, alguns problemas lógicos. Como Harvey (1969) aponta que a maior parte dos modelos em geografia são modelos a priori, o modelo coreográfico não é uma exceção. Não há uma teoria bem estabelecida na geografia que trate dos comportamentos cotidianos como um conjunto de movimentos corporais inscritos no espaço, ou melhor, como uma dança. Com isso em mente, o modelo que aqui propomos não nasce de uma teoria; ele não cumpriu o papel de estruturar uma teoria a partir de um quadro analítico que a aproxime da realidade concreta.

O modelo coreográfico nasce de uma analogia entre a regularidade comportamental e a dança. A pesquisa na Praça São Salvador nos permitiu fazer essa associação pela primeira

vez e pretendemos, com essa dissertação, afirmar o potencial analítico do modelo em questão. No entanto, é importante deixar claro que esse modelo não reivindica qualquer capacidade de predição ou de efeito causal, mas propõe unicamente revelar os arranjos espaciais dos encontros sociais públicos de lazer. Em outros termos, o modelo coreográfico não é um instrumento para simular ou prever comportamentos que, por sua natureza cotidiana e fugaz, podem ser muito imprevisíveis e aleatórios. O modelo coreográfico é uma forma de realizar aproximações para explicar fundamentos; ele busca padrões ou estruturas comportamentais. Trata-se, ao nosso ver, de um instrumento sugestivo e fértil para sugerir outras questões. Conforme sugere Clifford (2008), modelos que surgem de uma analogia, como é o caso do modelo coreográfico, são trampolins construtivos para a edificação de teorias.

Isso significa que o modelo coreográfico pode nos dar a base para construir uma teoria geográfica sobre a dança cotidiana em espaços públicos no futuro. Antes disso, contudo, é necessário reconhecer como o modelo funciona, quais são suas hipóteses, quais são seus significados, objetivos, limitações e potencialidades. Esta é, afinal, uma das propostas desta dissertação: produzir uma reflexão mais cuidadosa sobre a complexidade do modelo. Esta discussão será realizada ao longo do texto. No entanto, já é possível afirmar que o modelo coreográfico é um modelo a priori oriundo de práticas observacionais e descritivas. Ele produz imagens formalizadas do mundo; ele é um dispositivo representacional que busca apresentar os padrões observados e descritos. Dessas imagens, extrai-se o conhecimento e o entendimento sobre a espacialidade dos movimentos corporais em situações públicas de interação. Com tais características, a apresentação de imagens se mostra como uma chave importante para uma metodologia geográfica vigorosa.

4.2 A definição de um recorte

As primeiras atividades realizadas no Parque de Madureira foram trabalhos de campo exploratórios que tinham como objetivo identificar características gerais do logradouro. Para isso, levamos cadernetas de campo, caderno de desenho e croquis em dois dias diferentes de observação: 03/07/2019 (Quarta-feira) e 06/07/2019 (Sábado). Estes dias foram escolhidos para investigar possíveis diferenças entre um dia útil e um final de semana. Para percorrer toda a extensão de 3,8 km do Parque, selecionamos previamente 25 pontos de parada. Cada um dos pontos foi escolhido por apresentar equipamentos (quadras, jardim, mirante, lagos etc.) onde haveria maior probabilidade de encontrar concentrações de pessoas. Para cada ponto, descrevemos a fisionomia do local, identificando equipamentos, a localização e sua posição relativa. Em muitos casos, foi necessário utilizar o caderno de desenhos para elaborar

croquis com a localização da morfologia. Em seguida, descrevemos os comportamentos. Localizamos onde estava cada pessoa, a atividade realizada, os eventuais deslocamentos e sua relação com a morfologia.

Os campos começavam às 14h. Porém, até percorrer todos os vinte e cinco pontos de observação, terminamos às 20h no primeiro dia e às 21h no segundo. Apesar de termos conseguido coletar uma série de dados preliminares sobre as interações de lazer do Parque, o intervalo de tempo da observação era muito grande. A natureza do dado coletado no primeiro ponto às 14h era muito diferente do dado do vigésimo quinto ponto às 21h. Em um mesmo dia, observamos tempos muito diferentes ao tentar percorrer todo o Parque. Diante desta dificuldade inicial, uma das opções levantadas foi recortar uma seção específica do logradouro em que pudessemos realizar uma observação sistemática.

Em um primeiro momento, pensamos em escolher uma entre as quatro fases de expansão do Parque para realizar os trabalhos de campo. Entre estas fases – a primeira (2012), a segunda (2015), a terceira e a quarta (ambas em 2016) –, selecionamos a Fase 1. Acreditamos que esta extensão do logradouro seria a mais adequada para realizar os trabalhos de campo, uma vez que, além de ser a área original e a primeira a ser construída, ela serviu como base para a concepção e edificação de todas as outras três expansões.

Pensamos que as Fases 2, 3 e 4 foram construídas a partir de um espelhamento das morfologias que obtiveram sucesso na Fase 1. Ao nosso ver, o grande sucesso da cascata e da faixa de areia da Fase 1 incentivou a construção de mobiliários semelhantes na Fase 2: a Praia de Madureira e o conjunto de cascatas. A Fase 3, por sua vez, apresenta as pistas *halfpipe* e uma Praça de Skate para repetir o êxito do Parque de Skate da Fase 1. Por fim, a Fase 4 conta com uma série de quadras de esportes, como se houvesse a intenção de reproduzir, na Fase 4, o sucesso das áreas esportivas da Fase 1. Parece-nos que as expansões foram construídas para potencializar os elementos bem-sucedidos na área original do Parque. Finalmente, a Fase 1 orientou todas as outras expansões do logradouro público.

Contudo, mesmo após a escolha pela seção original do Parque, ainda lidamos com o mesmo problema identificados nos trabalhos de campo exploratórios: trata-se de uma área com 1,5 km de extensão. Uma das saídas para a escolha de um local ainda mais específico de observação dentro da Fase 1 foi reconsiderar as classificações de áreas propostas no projeto de construção do Parque. Como já apresentado, a seção original do logradouro possui quatro áreas previstas inicialmente pela administração. As áreas 01 e 04 são destinadas às atividades culturais por possuírem teatros e locais para shows. A área 03 é destinada à prática de esporte

por possuir grande quantidade de quadras. A área 02, por sua vez, é concebida como um local de relaxamento e contemplação.

No Parque, não existem regras de uso específicas para cada uma dessas áreas. O que há são regras gerais para a boa convivialidade em todo o Parque. Como não há normas de conduta particulares para cada local, a divisão dos usos do parque é definida pela presença ou não de equipamentos que permitem a realização de cada tipo de atividade. Dessa maneira, a classificação das áreas do parque é feita pela morfologia. Isto significa que o que define as classes de área do parque não são regras, mas a morfologia presente em cada um desses espaços.

A morfologia antevê e orienta os comportamentos que devem ser realizados em cada local do Parque, já que a diferenciação interna do logradouro é ditada pela forma e pelo mobiliário que compõe cada área. Esta classificação de área é uma forma de organização da vida social no Parque ao orientar onde fazer esporte, onde se engajar em atividades culturais e onde relaxar. Ao considerar a relevância da morfologia nesta organização, selecionamos a área 02 como o recorte espacial interno à própria Fase 1 do Parque.

A escolha da área 02 se justifica em virtude da variedade de equipamentos presentes neste local. Enquanto as demais áreas apresentam equipamentos muito direcionados para a prática de esporte ou para atividades culturais, a área 02 apresenta mobiliários para relaxamento e contemplação, assim como apresenta equipamentos para atividades culturais e esportivas. Além dos gramados, jardins, mirantes, mesa de jogos e lagos, a área 02 possui a Nave do Conhecimento e o Centro de Educação Ambiental, onde são realizadas práticas culturais ligadas à educação digital e à sustentabilidade. Ademais, a área 02 conta com espaços para tênis de mesa, jogo de bocha, academias para a terceira idade e espaços de musculação. Todos esses equipamentos estão relacionados à prática esportiva.

É importante deixar claro, no entanto, que não pretendíamos restringir a nossa descrição somente à área 02. Ao contrário, tínhamos em mente investigar todo o setor 1 do Parque. Contudo, a pandemia da COVID-19 e a implantação de um regime de isolamento social na cidade do Rio de Janeiro impôs restrições à continuidade dos trabalhos de campo no ano de 2020. Como ficará mais evidente adiante, a maior parte de nossos trabalhos de campo foi realizada durante o ano de 2019. Em razão das medidas de isolamento social, os trabalhos de campo de 2020 foram duramente comprometidos, já que o Parque ficou fechado por quatro meses.

Quando foi reaberto no dia 22 de julho de 2020, o momento era bem diferente do ano precedente. Ao longo de 2020, a população carioca enfrentou uma grave pandemia com uma soma de quase 13 mil mortes. Somente nos bairros atravessados pelo Parque, foram contabilizados 419 óbitos¹¹. Em razão desse quadro de insegurança sanitária generalizada, novas regras de uso foram implantadas. Nos primeiros meses de reabertura, por exemplo, estavam proibidas as práticas de esportes pois poderiam causar aglomerações. Da mesma forma, ficou proibida a entrada sem máscaras e recomendava-se uma distância de 1,5 metros entre uma pessoa e outra. A preocupação com a transmissão da COVID-19 fez com que as pequenas condutas corporais ganhassem uma nova luz. Comportamentos, antes esquecidos no fluxo da vida cotidiana como os toques e as distâncias entre indivíduos, foram levados a um patamar central no processo de interação, pois o corpo se tornou um agente de infecção. Assim, o convívio público no Parque para o lazer era desincentivado e, em alguns momentos, até mesmo proibido.

Apesar do curto intervalo de tempo entre 2019 e 2020, acreditamos que as situações de interação de lazer no Parque de Madureira foram profundamente transformadas, porque o Parque permaneceu fechado por meses desregulando rotinas de atividades e porque os próprios comportamentos passaram a ser revistos para evitar a transmissão do vírus. Ao nosso ver, trata-se de dois momentos distintos para o exercício da interação social pública. Como resultado, os próprios padrões corpóreo-espaciais podem ter sido alterados. Mesmo assim, entre os meses de setembro e novembro de 2020, realizamos alguns trabalhos de campo no Parque de Madureira.

Ao realizar esses trabalhos de campo, nossa intenção não foi realizar um extensivo levantamento de dados como ocorreu em 2019, muito menos fazer uma comparação entre as práticas de interações públicas de lazer antes e durante a pandemia da COVID-19. Nosso objetivo continuou o mesmo: produzir um modelo descritivo de situações de interações cotidianas em espaços públicos. Para isso, frequentamos o Parque de Madureira durante o período de flexibilização do isolamento social na cidade do Rio para testar os métodos e os procedimentos empregados nos trabalhos de campo de 2019. Tentamos tirar proveito desses dois momentos distintos das situações de interação em um mesmo logradouro público para averiguar os procedimentos, as suas características, as suas propriedades e as suas limitações.

Por motivos de segurança, realizamos menos trabalhos de campo em 2020 se compararmos com o ano de 2019. Nós fomos ao Parque somente para observar e testar os

¹¹ Esses dados foram retirados do Painel COVID Rio em 24/11/2020. Link de acesso: <https://experience.arcgis.com/experience/38efc69787a346959c931568bd9e2cc4>

instrumentos que foram utilizados no ano anterior. Ver suas potencialidades, fraquezas, o que valorizam ou deixam de valorizar. Dessa forma, foi possível fazer uma reflexão mais acurada sobre os procedimentos que foram usados para coletar os dados. Fazer trabalhos de campo durante a pandemia nos fez refletir ainda mais sobre as condições de observação. Finalmente, o propósito desses trabalhos de campo era colocar o modelo à prova com a intenção de refiná-lo.

Posto isso, os dados que serão apresentados nesta dissertação foram coletados durante os campos de 2019. Logo, eles se restringem aos movimentos corpóreo-espaciais observados e descritos na área 02 do setor 1 do Parque de Madureira. Todavia, esses dados foram reavaliados à luz das contribuições oriundas dos trabalhos de campos durante a pandemia.

4.3 Procedimentos

Como nossas unidades de observação são os comportamentos e a morfologia, decidimos começar nossos trabalhos de campo mais sistemáticos com a descrição da forma da área 02. Esta descrição da morfologia foi realizada nos dias 07 e 11 de setembro do ano de 2019. Visto que o objetivo era de retratar somente os equipamentos e a estrutura física da área 02 do Parque, não nos preocupamos em realizar esta descrição em um horário ou dia da semana específico. Apesar da flexibilidade de mudanças na estrutura física do Parque, sua morfologia não é alterada em curtos intervalos de tempo. Por isso, acreditamos que dois dias de observação tenham sido suficientes para descrever a morfologia do local.

Com a caderneta de campo, descrevemos o entorno da área 02, atentando-se para o que existia ao redor desta seção do Parque, por exemplo, as casas, o comércio, as ruas, pontos de ônibus, linhas de trem etc. Em seguida, preocupamo-nos em identificar quais eram os acessos de entrada e saída. Dentro da própria área 02, olhamos para a diversidade da superfície do terreno em termos dos materiais que a compõem e de suas diferenças de altimetria. Descrevemos, ainda, cada local de atividade (jardim, lago, mesa de jogos, espaço de musculação), prestando atenção em sua localização, posição, o material de que é composto, sua forma e os mobiliários. Estes trabalhos de campo tiveram como principal resultado a elaboração de um croqui que auxiliou nos passos seguintes (Figura 10).

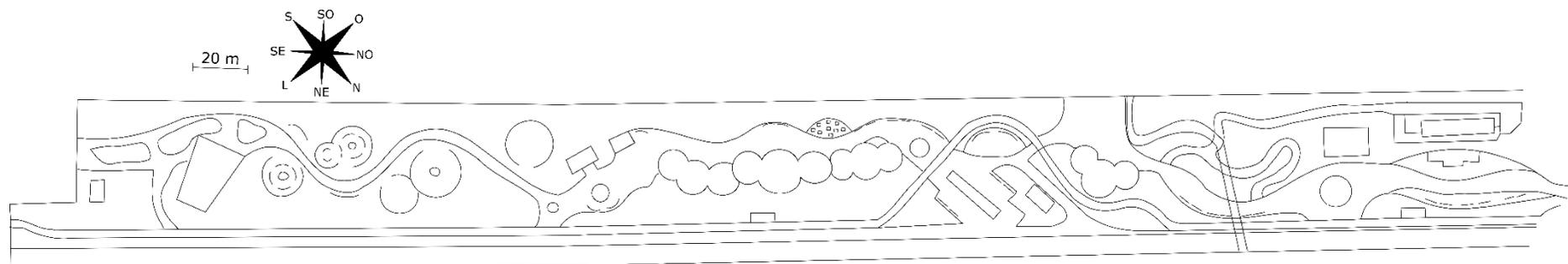


Figura 10. Croqui da área 02.

Depois desta descrição da morfologia, voltamos nosso olhar para a segunda unidade de observação: os comportamentos. Para realizar esta descrição, dividimos a observação em duas etapas. Os procedimentos da primeira etapa estão voltados a descrever as interações desfocadas, a saber, as relações entre os diferentes núcleos de interação (intergrupais). Os procedimentos da segunda etapa, por sua vez, permitem uma descrição mais detalhada dos movimentos corporais, considerando o núcleo de interação dentro de uma determinada ocasião social (intragrupal).

Tanto na primeira quanto na segunda etapa, as unidades de observação são as mesmas. A diferença reside na quantidade de variáveis mobilizadas para realizar a descrição e nos tipos de instrumentos utilizados. Por exemplo, ao descrever as interações focadas, são utilizadas mais variáveis do que nas descrições das interações desfocadas. Nessas últimas, por sua vez, fizemos uma subclassificação entre *as permanências de interações desfocadas* e *os deslocamentos de interações desfocadas*. A primeira corresponde aos grupos que, durante a observação, estão parados em um determinado local. Já a segunda diz respeito aos grupos que estão em deslocamento, correndo ou andando por exemplo. Fizemos essa separação porque era preciso desenvolver certos procedimentos para descrever as pessoas em deslocamento e outros para descrever os indivíduos em repouso.

Essa divisão nada mais é do que o resultado de uma dificuldade operacional em descrever pessoas paradas e em deslocamento da mesma maneira. Apesar dessa separação, frisamos que ambas são interações desfocadas. Na discussão dos resultados, as interações desfocadas serão apresentadas como uma coisa só, visto que, no curso da vida cotidiana, essa distinção não existe. Grupos de interação que se deslocam e grupos em permanência podem se influenciar mutuamente.

Para descrever as permanências de interações desfocadas, utilizamos uma ficha de observação e o croqui da área 02 do Parque. As permanências são pausas nos movimentos das pessoas. Como Laban (1996) defende, seres humanos estão sempre em estado de movimento. O que identificamos como permanência nada mais é do que um momento de pausa em dado lugar dentro de um fluxo maior de movimento do indivíduo. Para investigar estes pontos de paradas, preocupamo-nos em localizar as pessoas dentro das situações de interação do Parque

Para observar e descrever essas interações desfocadas, fazíamos *percursos de observação*, que consistem em caminhar pelo espaço público percorrendo certos trajetos e realizando paradas em determinados pontos que permitissem observar melhor os comportamentos dos indivíduos. Nos dias 11, 14, 18, 21, 22 e 25 de setembro de 2019, entre

dias úteis e finais de semana, frequentamos a área 02 de manhã (7h às 12h), de tarde (12h às 18h) e de noite (18h às 22h) em trabalhos de campo que duravam entre 5 a 7 horas de duração. Em intervalos de uma hora em uma hora, caminhávamos por toda a extensão da área 02 com o croqui em mãos, plotando a localização de cada pessoa encontrada no momento da observação. Ao caminhar, parávamos em determinados pontos do Parque próximos às concentrações de pessoas para que pudéssemos plotar, com o máximo de cuidado, a localização de cada uma. Por dia de trabalho de campo, realizamos de 5 a 7 percursos; um percurso por hora. Nos trabalhos de campo de 2020, fomos ao Parque nos dias 19, 20, 21, 23 e 24 de outubro para descrever as permanências de interações desfocadas. Todavia, neste ano, os trabalhos de campo duravam no máximo duas horas por questões de segurança. Eram apenas, portanto, dois percursos de observação por dia de trabalho de campo.

Nem o percurso e nem os pontos de parada dentro deste trajeto eram definidos previamente. Ambos eram escolhidos no momento do campo. Trata-se de um procedimento flexível em que o trajeto e as paradas eram decididos em relação à presença ou não de pessoas em determinados lugares. Em linhas gerais, optamos por percursos e pontos de repouso próximos às pessoas, permitindo que as observássemos melhor. Para registrar o que era realizado, desenhamos nosso trajeto em croquis e pontuamos onde eram realizadas nossas paradas.

É importante salientar que a observação não era realizada somente nos pontos de parada. Seja em repouso ou ao caminhar pelo Parque, mantínhamos um olhar atento em todos os momentos. Por isso, podemos dizer que o percurso de observação é o ato contínuo de observar – parado ou em deslocamento. Tanto o caminho quanto as paradas são definidas de acordo com aquilo que se vê (Figuras 11, 12 e 13).

Logo após a plotagem da localização de todas as pessoas em um determinado ponto do percurso, descrevemos as atividades que estavam sendo realizadas no momento da observação. Para a descrição dessas atividades, fizemos uso de uma ficha de observação (ANEXO I) que nos ajudou no processo descritivo. Para cada grupo e/ou pessoa, indicamos a atividade realizada. Em seguida, procuramos identificar a ocasião social à qual aquele grupo se vinculava (convivialidade, encontro amoroso, cuidado de crianças etc.), assim como buscamos reconhecer os limites espaciais e temporais da ocasião, ou seja, a situação de interação. Além disso, escrevemos a posição ocupada pelo grupo e sua relação com a morfologia. Em termos mais simples, indicamos a posição daquele determinado indivíduo e/ou grupo em relação aos outros a sua volta. Sobre a relação com a morfologia, atentamos para a altimetria do local ocupado, o material da superfície sobre o qual estavam, a qual

equipamento estavam vinculados, como usavam o equipamento e se estavam sob a sombra ou em áreas iluminadas.

Ademais, identificamos os pequenos deslocamentos que poderiam estar vinculados às atividades. Em seguida, reconhecemos a postura (em pé, deitado, sentado, agachado, inclinado), a orientação em relação às outras pessoas (lado a lado, perpendicular, ângulo agudo, ângulo obtuso etc.). Por fim, identificamos para onde se direcionam os olhares dos indivíduos.

Seja como for, nesta primeira etapa da pesquisa, não nos atemos em descrever os pequenos movimentos corporais que estão associados a cada tipo de atividade. Pensamos que cada situação de interação mobiliza sim certo conjunto de movimentos corporais típicos. No entanto, este tipo de descrição preocupada com os pormenores dos movimentos corporais ao realizar uma determinada atividade ficou restrita à segunda etapa de pesquisa.

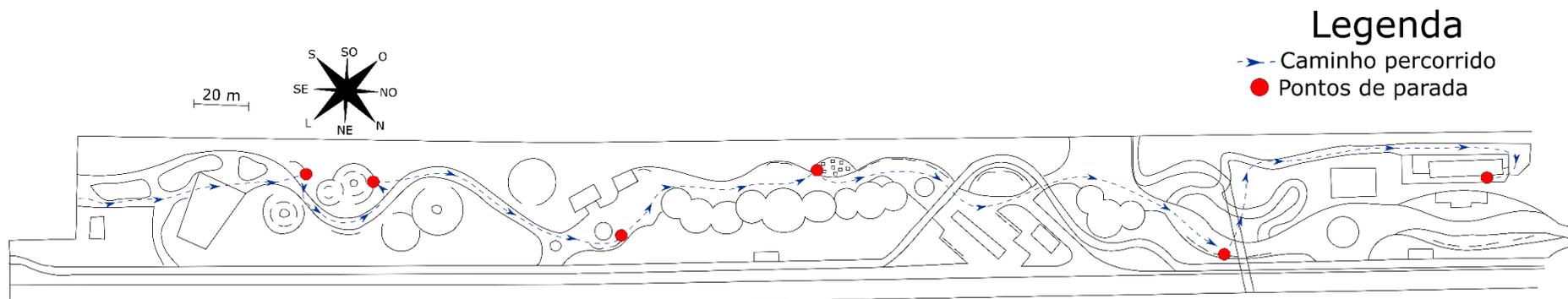


Figura 13. Exemplo 1 de percurso de observação.

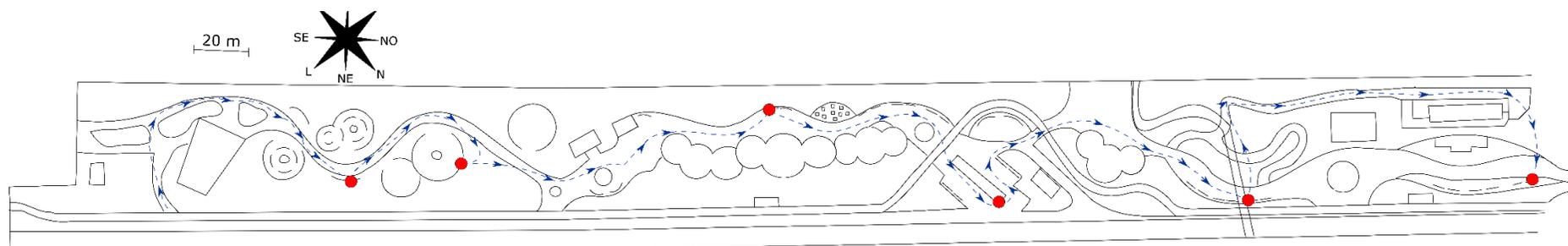


Figura 12. Exemplo 2 de percurso de observação.

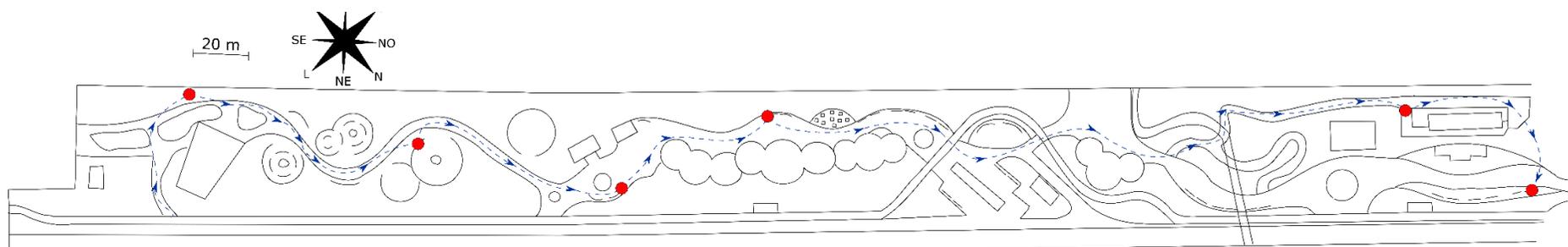


Figura 11. Exemplo 3 de percurso de observação.

Ainda dentro da primeira etapa de pesquisa, dedicamo-nos à observação das interações desfocadas em deslocamento. Para descrevê-las, seria necessário desenvolver um conjunto de procedimentos que nos permitissem analisar esse tipo de movimento corporal. A primeira consideração a ser feita diz respeito ao ponto de vista. Considerando que cada ponto de vista permite que determinadas coisas possam ou não ser observadas dentro de um certo campo de visão, foi necessário manter atenção sobre quais pontos de vistas seriam privilegiados para a observação dos deslocamentos.

Em razão do formato linear do parque e de suas eventuais diferenças de altimetria, definimos a existência de três tipos de pontos de vistas diferentes considerando diferentes posições espaciais. O primeiro deles, intitulado de ponto de vista lateral (Figura 14), corresponde àqueles pontos de observação em que o pesquisador se posiciona próximo às paredes que definem os limites do Parque. Destes pontos da lateral do Parque, podíamos observar, com um único campo de visão, a rua do Parque de Madureira, os gramados, as calçadas internas do Parque. De costas para a parede de limite do Parque, tínhamos uma vista que permitia a observação de uma lateral à outra do Parque.

O segundo tipo de ponto de vista foi denominado de central (Figura 15). Ao levar em conta que o logradouro apresenta de 60 a 70 metros de largura de uma parede a outra, nós nos posicionamos no meio do caminho entre estas duas paredes. Nesta posição, possuíamos uma limitação: não era possível observar todos os deslocamentos a nossa volta em um único campo de observação. O campo de visão de um ser humano é de quase 180 graus. Logicamente, isto impossibilitava que observássemos o que acontecia às nossas costas. Por exemplo, ao observar a rua interna do Parque, não era possível ver o que se passava nos jardins, gramados ou lagos, que estavam a nossas costas. O inverso também era verdade. Como resultado, tínhamos que, de um único ponto, produzir dois ou mais campos de visão para descrever os deslocamentos a partir deste tipo de ponto de vista.

O terceiro tipo de ponto de vista é chamado de oblíquo (Figura 16). Dado que, no mirante, há uma significativa elevação altimétrica no terreno, era possível ter uma vista oblíqua sobre o que acontecia nas áreas baixas. Assim como o ponto de vista lateral, podíamos observar, com um único campo de visão, a rua do Parque de Madureira, os gramados, os caminhos internos do Parque. Neste caso, no entanto, tínhamos um ponto de visão
mais
elevado.

Legenda

● Ponto de observação

Detalhe do campo de visão

Alto Médio Baixo

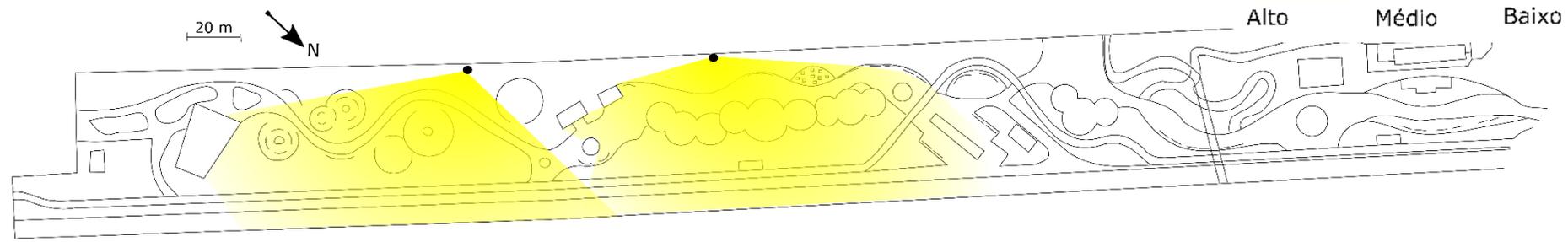


Figura 16. Pontos de vistas laterais.

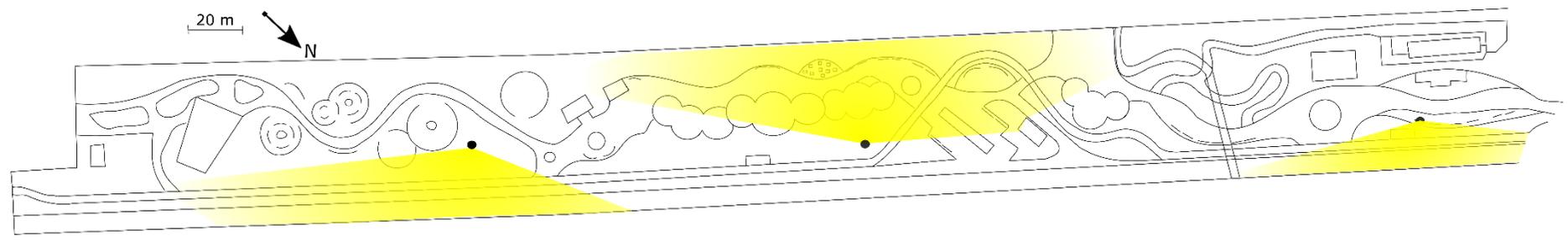


Figura 15. Pontos de vistas centrais.

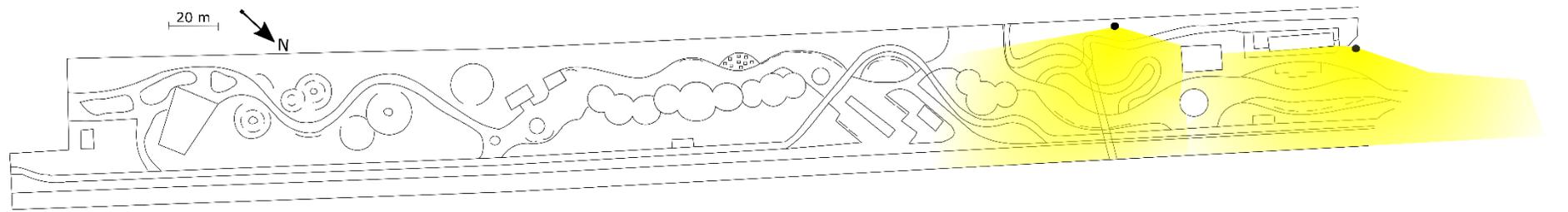


Figura 14. Pontos de vistas oblíquos.

Por fim, ao considerar estes três tipos de pontos de vista, privilegiamos o ponto de vista lateral e o oblíquo para a observação dos deslocamentos. Isto se justifica pelo fato destes tipos de pontos de observação permitirem, dentro de um único campo de visão, captar visualmente toda ou quase toda a extensão de 70 metros de largura do Parque. O ponto de vista central, por seu turno, exige que o pesquisador movimente constantemente o olhar para que a observação dos deslocamentos fosse possível.

Definidos os tipos de pontos de vista favorecidos, demos início aos trabalhos de campo. Nos dias 24, 27, 28 e 29 de setembro de 2019, incluindo dias úteis e finais de semana, frequentamos a área 02 do Parque de manhã (7h às 12h), de tarde (12h às 18h) e de noite (18h às 22h) em trabalhos de campo que duravam entre 5 a 7 horas de duração. Nos dias 27, 28, 29 e 30 de outubro de 2020, também foram feitos trabalhos de campo para descrever os deslocamentos das interações desfocadas. Evidentemente, neste ano foi necessário diminuir o tempo dos trabalhos de campo para evitar riscos a nossa saúde. Por isso, os trabalhos de campo duraram apenas duas horas em cada dia.

Para a descrição dos deslocamentos, fixamos três fases para a observação. A primeira delas consiste em identificar os principais trajetos realizados a partir de um determinado ponto de vista. No caderno de campo, identifica-se a data, o horário e o ponto de vista. Em seguida, tomamos notas de onde saíam as pessoas, para onde se direcionam e o caminho percorrido levando em consideração o ponto de observação. Por exemplo, sentado no gramado em frente à entrada do parque infantil, observamos um fluxo de pessoas saindo da parte de trás da Nave do Conhecimento caminhando pela calçada até desaparecer de vista próximo à entrada dos banheiros. Dessa maneira, identificamos os trajetos de acordo com os pontos iniciais e finais do deslocamento e do caminho percorrido.

A segunda etapa consistiu em um levantamento quantitativo da intensidade dos deslocamentos registrados na primeira fase. No caderno de campo, identificamos cada tipo de deslocamento. Abaixo dessa identificação do trajeto, deixava-se um espaço em branco onde era anotada cada pessoa que realizava aquele deslocamento particular. Durante 15 minutos, tempo definido para esta observação quantitativa, contamos cada pessoa que se movimentava por tipo de deslocamento.

Depois deste levantamento numérico, seguia-se para a terceira fase: a descrição das formas de se deslocar. Com o uso de uma ficha de observação (ANEXO II), buscava-se descrever as diferentes maneiras de se deslocar em cada um dos trajetos. Para isso, era descrito o meio de se deslocar (a pé, bicicleta, patins), a continuidade (com paradas ou de

forma contínua) e a velocidade (alta, média ou baixa). Em seguida, reconhecemos a postura (em pé, deitado, sentado, agachado, inclinado), a orientação em relação às outras pessoas (lado a lado, perpendicular, ângulo agudo, ângulo obtuso etc.). Por fim, identificamos para onde se direcionam os olhares dos indivíduos. Assim como a segunda fase, a terceira também era realizada durante 15 minutos. Depois deste tempo, mudava-se o ponto de vista e retomamos o processo desde o início.

Todos os procedimentos até agora apresentados compuseram a primeira etapa dos trabalhos de campo desenvolvidos na área 02 do Parque de Madureira. Os dados coletados nesta primeira etapa nos deram indicativos de ocasiões sociais e situações de interações que se destacavam. Além desse aspecto quantitativo, identificamos as principais atividades realizadas e os grandes fluxos de deslocamento que estavam vinculados a determinada situação de interação. Enfim, esta primeira etapa dos trabalhos de campo, além de todos os dados gerais sobre a área 02, possibilitou que fossem identificadas situações de interação privilegiadas para a prática do lazer no Parque.

A segunda etapa de trabalhos de campo consistiu uma descrição detalhada dos movimentos corporais nas situações de interação do Parque. Apesar de termos encontrado algumas situações importantes para o lazer público, restringimos nossa investigação mais detalhada a uma única situação de interação: a musculação no espaço destinado a esse fim. No exame de qualificação, apresentamos os movimentos corpóreo-espaciais dessa situação de interação. Esses resultados são decorrentes de dois dias de observação, dia 02 e 04 de outubro de 2019, em que frequentamos o local do final tarde até a hora de fechamento do parque em um total de 6 horas de observação contínua para cada dia.

Nossa pretensão para a dissertação, contudo, era fazer a mesma análise detalhada em outras situações de interação no Parque. No entanto, a pandemia da COVID-19 e o regime de isolamento social impossibilitou que assim o fizéssemos. Em razão dos riscos de exposição ao vírus decorrentes da realização de trabalhos de campo, optamos por não investigar outras situações de interação, mas nos restringir àquela que havia sido descrita no ano anterior: o espaço de musculação. Analisar outras situações exigiria mais tempo de observação e, por consequência, mais riscos. Por isso, frequentamos o espaço de musculação nos dias 30 de outubro e 6 de novembro de 2020 do final da tarde até o novo horário de fechamento do Parque às 20h.

Assim como na primeira etapa, nossas unidades de observação continuaram sendo os comportamentos (movimentos corporais) e a morfologia. No que concerne a esta última

unidade de observação, detalhamos os aspectos físicos do local, identificando a posição, a localização, o material da superfície, os equipamentos e a forma. Em seguida, nossa atenção se direcionou aos movimentos corporais.

Buscamos descrever a dimensão espacial dos movimentos corporais na realização de atividades. No caso investigado, a atividade principal era a musculação apesar de haver outras. Descrevemos a localização, as posições, os deslocamentos, as posturas, as orientações, a cinestesia, os toques, os olhares e as extensões dos corpos presentes nessa situação de interação. Com um croqui da subárea e com o caderno de campo, dávamos números para identificar cada uma das pessoas e detalhamos, ao longo de horas de observação contínua, a atividade e os movimentos de cada corpo presente naquele local.

Os procedimentos aqui propostos são resultados de um cuidadoso processo de escolhas que permitiram descrever a espacialidade do movimento corporal. Em conjunto, eles dão forma ao quadro analítico do modelo coreográfico. É evidente que aperfeiçoamentos ainda podem ser realizados, assim como podemos associar esses procedimentos a certos conceitos e outras referências teóricas. Porém, destacamos que esta é a base analítica sobre a qual se funda o modelo coreográfico. Portanto, esses procedimentos não devem mudar sem as devidas ressalvas e muito menos podem ser aplicados em outras situações que não sejam a de lazer nos espaços públicos.

4.4 As condições de observação

Nas páginas anteriores, defendemos a posição que descrever é realizar um exercício contínuo de reflexão sobre as condições de observação. Finalmente, se nos propomos a desenvolver um modelo de descrição geográfica das interações sociais em espaços públicos de lazer, nossa reflexão sobre as condições de observação deve ser sensível à espacialidade e à natureza interacional do fenômeno que estudamos. Com isso em mente, há alguns elementos que condicionaram nossas observações nos trabalhos de campo e que merecem comentários especiais. Há pelo menos seis aspectos que influenciam decisivamente o processo de descrição. Esses elementos são: o ponto de vista, a exposição, as circunstâncias ambientais, os aspectos conjunturais, as categorias de observação e, por fim, as interações em campo.

É evidente que alguns desses elementos são notadamente espaciais: ponto de vista e exposição. Como Gomes (2013) defende, eles são fundadores da espacialidade do olhar. Para além destes elementos já apresentados por Gomes em seu livro *O lugar do olhar*, é interessante adicionar a essa lista mais quatro elementos que não necessariamente possuem

uma raiz espacial como os dois anteriores, mas são de suma relevância para investigar a descrição das situações de interação públicas. Estamos falando das circunstâncias ambientais, de aspectos conjunturais, das categorias de observação e das interações em campo. Ao total, cada um desses seis elementos nos ajuda a pensar como é feita a observação geográfica das situações de interação social.

O primeiro deles, o ponto de vista, é uma expressão que estabelece uma relação direta entre o local de observação e aquilo que está sendo observado. Como Gomes (2013) defende, trata-se de um dispositivo espacial que nos permite ver determinadas coisas e, ao mesmo tempo, impossibilita que vemos outras. Estes diferentes campos de visão possuem um papel decisivo na observação das situações de interação. Para exemplificar sua importância, voltemos àquele procedimento que foi definido como *Percurso de Observação*. Nele, caminhamos pela área 02 e permanecemos em determinados locais. A parada em um determinado ponto de observação é, notoriamente, um ponto de vista. Porém, a caminhada é também um ponto de vista, ou melhor, um conjunto de pontos de vistas em movimento.

Cada um desses pontos de vistas nos concede enquadramentos diferentes. De acordo com Chelkoff e Thibaud (1992), o enquadramento é um fenômeno essencial que delimita e dá unidade à cena urbana. Ele possui uma função dupla de diminuir o olhar a uma parte do ambiente visual, ao mesmo tempo em que valoriza e unifica aquilo que se encontra visível a partir de um determinado ponto de vista. Dessa forma, ele joga com o de dentro e o de fora, com o observável e o não observável. Em razão de seu campo visual reduzido, o ser humano é impulsionado a desviar constantemente seu olhar, a multiplicar seus pontos de vistas e enquadramentos para produzir uma visão mais geral. Parece-nos, pois, que o poder do olho - sua capacidade de percorrer lugares, atentando-se para diferentes elementos - advém do limite reduzido do seu campo visual. Por causa desse limite, o olho deve constantemente andar por diferentes lugares (CHELKOFF & THIBAUD, 1992).

De mesmo modo, nossa observação em campo caminha por diferentes pontos de vistas. O enquadramento é constantemente substituído por outro à medida que os limites visuais são alterados com a mudança do nosso ponto de observação. Assim, é importante considerar como nossas escolhas como pesquisadores influenciam na estruturação de um quadro de visibilidade. Afinal, um ângulo pode abrir campos de visão, assim como pode fechar outros. Em campo, nós balançamos nosso olhar por diferentes enquadramentos que, ao final, permitem com que se construa uma imagem geral. Pensamos que nossa observação em campo é constituída por um olhar vagabundo. Ele vaga por diferentes pontos de vistas, não se

fixa nenhum enquadramento específico, mas ainda mantém seu interesse primário nos movimentos dos corpos.

Com tudo isso em mente, temos consciência que os caminhos e as paradas escolhidas permitiram que observássemos determinadas coisas, mas também limitaram nosso campo de visão para outras. Esta ambivalência do ponto de vista – sua capacidade de mostrar e, concomitantemente, de limitar a observação de acordo com a posição – deve ser levada em consideração. Isto evidencia que a observação sempre parte de um lugar; ela possui um caráter situado. Uma das estratégias para diminuir esta parcialidade situacional do olhar é a multiplicação dos pontos de vista (CLAVAL, 2012), utilizar diferentes enquadramentos. Tentamos, ao longo de nossos trabalhos de campo, diversificar os caminhos e de pontos de observação para evitar que produzíssemos uma visão parcelar dos movimentos corporais.

O segundo elemento é a exposição. Trata-se de um dispositivo posicional que permite que algo esteja ou não ao alcance dos olhos. No sentido primário do termo, exposição é a ação de colocar em vista; apresentar algo aos olhos. Trata-se da maneira pela qual objetos e indivíduos são mostrados no ambiente construído. Acreditamos que a exposição é medida pela posição espacial que um determinado objeto ou pessoa ocupa. Enquanto um lugar de exposição, é bem verdade que o espaço público garante grande visibilidade às atividades dos indivíduos. No entanto, a morfologia faz com que a visibilidade varie de local para local. Isso significa que as formas arquitetônicas participam das condições de observação de nós pesquisadores. Quando estamos no espaço público, nosso olhar é limitado por barreiras visuais como edifícios, vegetação, elevações, mobiliários etc.

Diferentemente de teatros em que os bastidores e os palcos são muito bem definidos, isso não é uma verdade no espaço público. O quadro construído, ou melhor, a morfologia ajuda a definir aquilo que está ou não ao alcance dos olhos. Por exemplo, uma grade autoriza observar para além dos limites que ela própria define. Caso a grade fosse um muro, a exposição dos objetos e pessoas além seria profundamente alterada. Além da morfologia, outro elemento que participa da exposição de objetos e de pessoas nos espaços públicos é a iluminação. À noite, a iluminação elétrica exerce um papel importante para a exposição, uma vez que cria zonas de luz, penumbra e de sombra. Este sistema implica em uma assimetria de exposição de pessoas localizadas "dentro" e "fora" de cada uma dessas áreas.

Sabendo dessas diferenças de exposição e de visibilidade, cabe a nós pesquisadores driblarmos as assimetrias para observar o máximo possível. Reconhecemos, porém, que nunca será possível alcançar o objetivo idílico de tudo observar e descrever. No entanto, sempre será

necessário multiplicar os pontos de vistas. Na área 02 do Parque de Madureira, por exemplo, a parte de trás de arbustos e árvores, áreas de penumbra e sombra à noite, atrás dos quiosques e o caminho de acesso ao mirante são locais de pouca exposição. Para observar o que acontece e quem está nesses locais de pouca visibilidade, tivemos que ir até eles. Nestes casos, não basta tomar uma posição distanciada para observar. É necessário estar lá, aproximar-se.

As circunstâncias ambientais são outro elemento que influencia na observação e na natureza dos dados coletados. Por circunstância ambiental, entendemos aspectos externos às situações de interação que interferem diretamente na sua dinâmica: dia/noite, dia útil/final de semana, ensolarado/chuvoso, presença/ausência de público entre outras. Em nossas observações, tomamos cuidado em especificar todas essas possíveis interferências. Por exemplo, os trabalhos de campo de 2019 foram realizados no mês de setembro. Naquele ano, porém, o mês setembro foi marcado por muitas frentes frias na cidade do Rio de Janeiro. Por consequência, esses trabalhos de campo foram caracterizados por temperaturas mais baixas. Isto é relevante quando associamos ao fato de termos observado pouquíssimas crianças tomando banho na cascata. Afinal, isso é justificado em parte pelo aspecto climático. Talvez, se estivesse mais calor, poderíamos ter observado uma dinâmica diferente no uso da cascata e, por consequência, nossos dados também seriam diferentes. Já no ano de 2020, os campos foram realizados em dias de altas temperaturas, de céu claro, com grandes concentrações de pessoas.

Sobre os trabalhos de campo no ano de 2020, a pandemia da COVID-19 nos chamou a atenção para outro importante elemento que pode condicionar nossas observações: os aspectos conjunturais das situações de interação. Os núcleos de socialização não flutuam sobre um vazio social. Eles podem ser influenciados por certas circunstâncias exteriores à própria dinâmica interacional. Com isso em mente, chamamos de *aspectos conjunturais* grandes acontecimentos ou eventos que se desenrolam por um determinado período e que podem influenciar diretamente as situações de interação e as condições de observação do pesquisador. Um show no Parque de Madureira, por exemplo, pode alterar profundamente as rotinas cotidianas das pessoas que utilizam o espaço público. Da mesma forma, é necessário estar atento em que medida esses acontecimentos ou circunstâncias de ordem maior podem transformar as maneiras de fazer os trabalhos de campo e, no limite, de modificar os procedimentos de observação e de descrição.

A pandemia da COVID-19 e as regras de isolamento social impuseram mudanças nas formas de proceder os trabalhos de campo. Os procedimentos em si não foram alterados. Foram utilizadas as mesmas fichas, croquis e etapas de coleta de dados. A mudança reside, no

entanto, nas formas como os trabalhos de campo eram levados. De maneira geral, se antes nos aproximávamos dos grupos para melhor descrevê-los, esse método ficou comprometido com a pandemia da COVID-19. Por medida de segurança, portávamos máscaras durante todo o trabalho de campo e mantínhamos uma distância maior dos frequentadores. Ao invés de trabalhos de campo de duravam 7 horas, os de 2020 duravam no máximo 2. Da mesma maneira, optávamos por ocupar locais que não estivessem sendo utilizados por ninguém. Por fim, tentávamos nos manter afastados das grandes aglomerações de pessoas por mais que, em determinados momentos e lugares, esse distanciamento era quase impossível em razão da quantidade de frequentadores no Parque.

Em resumo, todas essas pequenas mudanças nas maneiras de proceder os trabalhos de campo alteraram as nossas condições de observação. Todavia, ressaltamos que os procedimentos não foram modificados. Mesmo dentro de uma conjuntura diferente, eles foram capazes de coletar dados e descrever os movimentos corporais dos indivíduos. Este é o ponto sobre o qual o pesquisador deve se ater diante de uma grande mudança conjuntural. As condições de observação podem mudar diante de novos aspectos contextuais, mas os procedimentos ainda devem ser potentes para enquadrar e descrever o fenômeno. Acreditamos que os métodos do modelo coreográfico foram bem-sucedidos nesse propósito. Mesmo diante de uma nova conjuntura, eles foram capazes de alcançar seu objetivo de descrever.

Como quinto elemento, indicamos as categorias de observação. Em uma pesquisa sobre encontro social em espaços públicos, poderíamos enquadrar o estudo das interações sociais e a partir de uma diversidade de lentes: aspectos socioeconômicos dos frequentadores, a idade, o gênero, a cor de pele etc. No entanto, selecionamos duas outras unidades de observação – os comportamentos e as morfologias – através das quais a pesquisa é realizada. Por consequência, nossas observações são feitas a partir destas duas unidades e de suas respectivas variáveis. Caso mudássemos as unidades de observação, todo o processo de observação e de descrição precisaria ser remodelado para dar conta de analisar o fenômeno com base em um novo enquadramento. Por esse motivo, dizemos que as categorias indicam aquilo que será efetivamente observado em campo.

O sexto elemento condicionante da observação são as interações em campo. Primeiramente, o pesquisador deve reconhecer que ele não é um observador cujo ponto de vista zenital o tornaria um cientista que tudo vê e que tudo sabe. Ele deve admitir que não possui o ponto de vista aéreo, que observa tudo o que acontece sem que os outros percebam a sua presença. Ao contrário, a descrição das situações de interação deve passar pelo

reconhecimento que o pesquisador está lado a lado das pessoas que ele observa, que ele mesmo está inserido e faz parte das dinâmicas interacionais que ele deseja estudar.

Ao produzir uma descrição das situações de interação, devemos estar atentos às múltiplas formas com as quais as pessoas podem interagir conosco e o quanto isso pode influenciar em nossa própria observação. Vejamos, novamente, o caso do *Percurso de Observação*. Como já foi dito, tanto o caminho quanto os pontos de parada não eram definidos previamente. Eles eram definidos de acordo com a presença ou ausência de pessoas. Parávamos e caminhávamos perto dos indivíduos. Nós os identificamos e, em seguida, nos aproximávamos. Logo, nosso ponto de vista era definido em relação àqueles que desejávamos estudar.

Caso nos aproximássemos demais durante os trabalhos de campo de 2019, recebíamos olhares de desagrado e, em alguns casos, as pessoas poderiam até mesmo sair de seus lugares e se distanciar. Nestes casos, nós não éramos os únicos a observar; as pessoas também nos observavam e possuíam reações à nossa presença. Isto é mais do que esperado, afinal, o jogo de ver e ser visto é uma das características que funda o espaço público. Ao mesmo tempo em que nos posicionamos em relação a eles para descrevê-los, as pessoas nos viam e poderiam se (re)posicionar em relação a nós.

Nos casos da observação das interações desfocadas, temos um exemplo elucidativo. Em geral, nos sentamos no local e tiramos da mochila as fichas de observação, a caderneta de campo, o estojo com as canetas e começamos a coletar os dados. Esta nossa apresentação no espaço público gerava três tipos de reação: a indiferença, em que as pessoas direcionavam seus olhares para nós, mesmo que momentaneamente, e seguiam suas atividades ignorando a nossa presença. A segunda reação, o interesse, acontecia quando pessoas curiosas se aproximavam para observar por cima de nossos ombros o que anotamos ou, em casos mais raros, elas saíam de seu percurso original e vinham nos questionar sobre o que fazíamos. Por fim, notamos também a reação de aborrecimento, quando a pessoa notava que estava sendo observada e saía de seu lugar ou quando, ao caminhar, preferia um caminho mais longo para não passar perto de onde estávamos.

Outro exemplo interessante dessa interação entre pesquisador e frequentadores ocorreu durante os trabalhos de campo de 2020. Nas primeiras vezes em que retornamos ao Parque, usávamos máscara e *face shield*. Ambos os equipamentos eram utilizados para garantir maior segurança e diminuir os riscos de contaminação pelo vírus. Apesar da determinação de uso obrigatório de máscara dentro do Parque, poucas eram as pessoas que de fato a utilizavam.

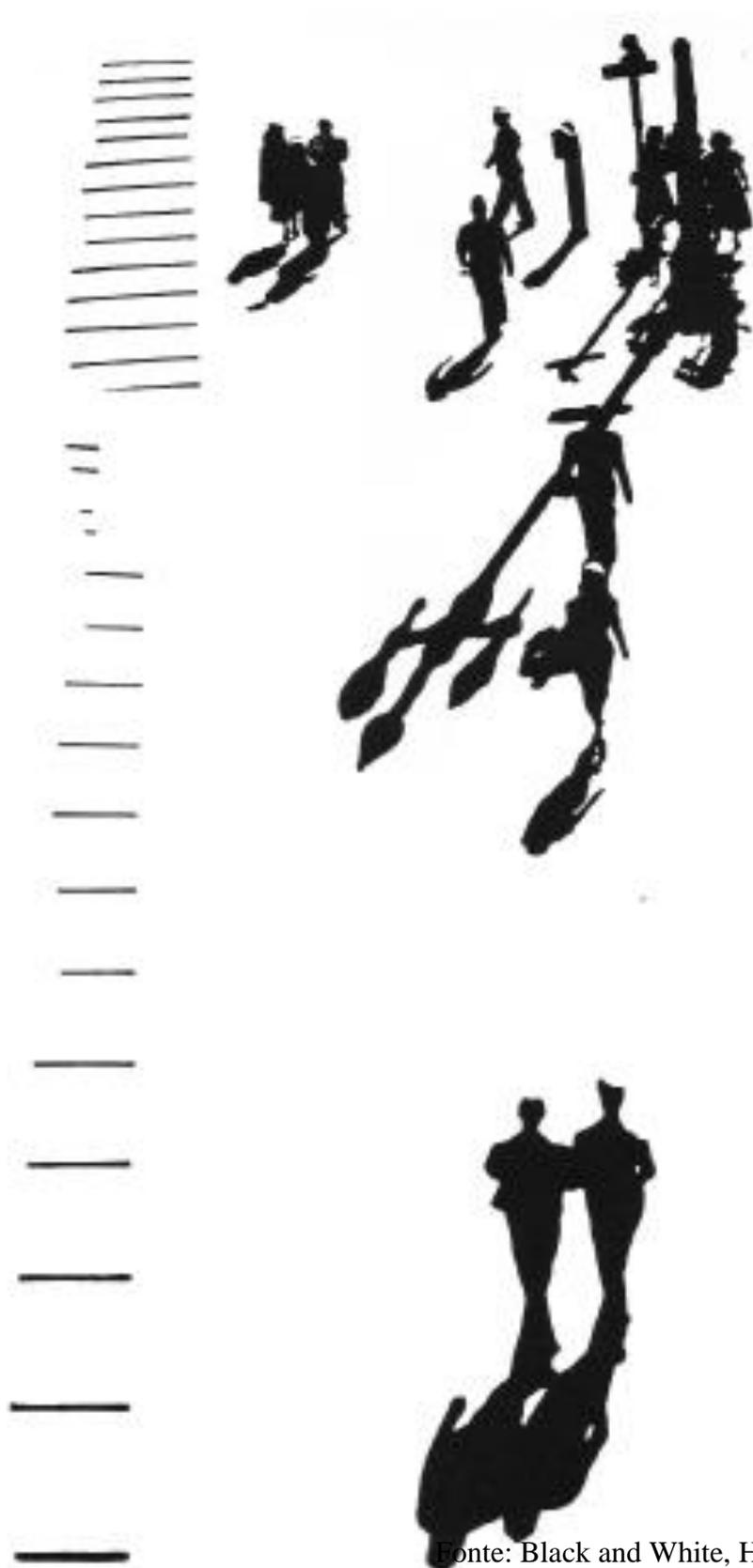
Havia diversas aglomerações onde a maior parte dos indivíduos não utilizava qualquer equipamento de proteção.

Dentro desse cenário, era notório que estávamos chamando a atenção quando permanecemos no Parque com máscara e *face shield*. Recebíamos muitos olhares. No segundo dia de trabalho de campo, notamos que alguns frequentadores desviavam seus percursos para não se aproximarem de nós. Nesse momento, decidimos fazer um teste. Retiramos o *face shield*, mas permanecemos com a máscara. Minutos depois, notamos que os olhares diminuíram e deixamos de ser um centro de atenção. Os frequentadores passaram a se comportar com maior normalidade a nossa volta. A partir de então, passamos a utilizar somente a máscara.

Visto isso, não há como negar que, ao descrever as situações de interação, o pesquisador também está inserido dentro das dinâmicas interacionais que ele estuda. Ele se posiciona espacialmente em relação aos seus objetos de estudo, assim como as pessoas também se posicionam em relação a ele. Por isso, acreditamos que uma reflexão sobre as condições de observação deva levar em conta as interações em campo. Não possuímos um olhar zenital absoluto, mas um olhar situado espacialmente e construído em relação aos outros indivíduos a nossa volta.

Nesta seção, apontamos que o ponto de vista, a exposição, as circunstâncias ambientais, os aspectos conjunturais, as categorias de observação e as interações em campo são os elementos que condicionam nosso olhar durante o processo descritivo. Apesar do caráter preliminar desta argumentação, é relevante apontar os elementos a partir dos quais a observação pode se tornar objeto de reflexão.

5 OS RESULTADOS



Fonte: Black and White, Henry J. Fagliano (1956)

Neste capítulo, faremos uma descrição das situações de interações de lazer da área 02 do Parque de Madureira. Em um primeiro momento, serão descritos as morfologias e os comportamentos que compõem cada tipo de situação/ocasião social (festa de aniversário, convivialidade, encontros amorosos, jogos de tênis de mesa, shows etc.). Trata-se de uma descrição das situações/ocasiões, considerando os aspectos físicos do terreno e os principais movimentos corporais. Dessa maneira, apresentaremos o conjunto de situações/ocasiões sociais ordenadas espacialmente.

Em um segundo momento, serão apresentados os movimentos corpóreo-espaciais em uma situação de interação específica: a área de musculação. Nessa seção, nos atermos aos pormenores dos movimentos corporais dentro do próprio núcleo de interação focada, considerando todas as variáveis (localização, posição, deslocamento, postura, orientação, toque, extensão, cinestesia e direção do olhar). Ademais, será apresentado uma proposta de sistema gráfico para a representação dos movimentos corpóreo-espaciais. Ao final, será exposto um quadro geral das situações de interação da área 02 do Parque de Madureira.

5.1 As situações de interação do Parque

As ocasiões que aqui serão descritas não correspondem à totalidade de interações sociais que podem ser encontradas na área 02 do Parque de Madureira. De todas as ocasiões observadas, selecionamos apenas algumas para descrever nesta dissertação. A justificativa da escolha dessas ocasiões reside nas suas relações com o lazer, com o ócio e com práticas relacionadas à diversão. Desconsideramos ocasiões sociais que não estivessem diretamente vinculadas ao lazer. Por exemplo, era comum observar grupos de moradores em situação de rua na entrada dos banheiros para tomar banhos. Do mesmo modo, grupos de guardas municipais circulavam em suas rondas pelo parque. Todos eles foram desconsiderados nessa descrição.

Desse filtro preliminar, identificamos 12 ocasiões sociais que estão vinculadas ao lazer na área 02 do Parque de Madureira: realização de refeições, convivialidade, cuidado de crianças, encontros amorosos, musculação, alongamentos, jogos de tênis de mesa, rolezinhos, shows de rock, shows de forró, festas de aniversário e exercícios físicos nas vias de circulação. Nesta seção do capítulo, descreveremos cada uma dessas situações de interação com exceção da musculação, que será tratada em detalhes na segunda desde capítulo. Por enquanto, nos dedicaremos à descrição das outras 11 ocasiões sociais.



Figura 17. Detalhes de implantação da Área 02.

Fonte: Bonelli (2013)

Primeiramente, imagine que entramos na área 02 do Parque de Madureira pela rua Manuel Marques (Figura 17). Nos deparamos com um grande portão de grades e, ao cruzá-lo em direção ao noroeste, há um caminho formado por tijolos brancos à nossa frente. A este caminho, daremos o nome de calçada interna. A sudoeste, há um gramado com alguns arbustos bem aparados. A nordeste, há um pequeno quiosque rodeado por uma área gramada: o quiosque da bicicleta. Neste estabelecimento, cadeiras e mesas de madeiras são projetadas sobre uma área formada de tijolos brancos. Além desse quiosque próximo à rua Manuel Marques, há outro estabelecimento comercial localizado nas imediações dos lagos: o quiosque comercial. Neste último, cadeiras e mesas de plástico são colocadas na frente do quiosque e ao seu entorno. Para proteger seus clientes da exposição ao sol ou à chuva, duas grandes tendas de lona são abertas. Em ambos os quiosques, vende-se comidas e bebidas. Nas manhãs, as mesas e cadeiras estão recolhidas. Na hora do almoço e no início da noite, elas estão montadas para receber clientes que buscam refeições prontas.

Estamos diante do primeiro tipo de ocasião social: a realização de refeições. Trata-se de pessoas que consomem alimentos nos quiosques. Nesses locais, a situação é delimitada espacialmente pelas mesas e cadeiras de que são colocadas no entorno (figura 18¹²). Essa situação de interação ocorre principalmente das 11h às 13h e das 18h às 20h. Nesses horários, é possível notar que os grupos de frequentadores tendem a pular uma mesa em relação ao outro grupo que esteja se alimentando. Isso ocorria tanto antes quanto durante a pandemia da COVID-19. No entanto, em razão das regras de isolamento social deste ano, as cadeiras e mesas estão mais afastadas umas das outras.

Em todo o caso, as pessoas mantinham-se sentadas e recorrentemente viraram suas cadeiras para se voltarem em direção à rua com a intenção de observar o movimento dos frequentadores nas calçadas. Alguns grupos chegavam até mesmo a orientar suas cadeiras em formação de meia lua para observar o Parque. Eles conversavam entre si e observavam. Comer nos quiosques era, em grande medida, uma atividade de contemplação da vida cotidiana do espaço público.

¹² Neste capítulo, há croquis de localização para cada situação de interação. Sobre esses croquis, devemos fazer duas ressalvas. Primeiro, decidimos apresentar a situação de interação em sua maior abrangência espacial, considerando todos os locais que podem ser mobilizados por ela. Em segundo lugar, optamos por representar a área da situação de interação de forma desfocada. Assim, os limites da situação de interação não muito claros. Essa escolha foi intencional à medida que desejamos expressar que as fronteiras das situações de interação nunca são, na vida cotidiana, muito claras ou precisas

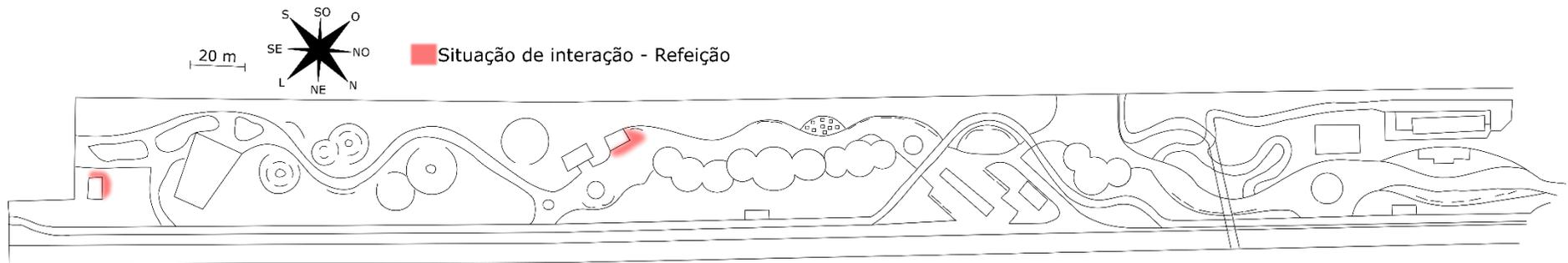


Figura 20. Abrangência espacial da situação de interação das refeições.



Figura 19. Abrangência espacial da situação de interação da convivialidade.



Figura 18. Abrangência espacial da situação de interação cuidado de crianças.

Outra ocasião social muito importante na área 02 do Parque é a convivialidade. Por convivialidade, estamos chamando todas as atividades de relaxamento em que pessoas se reúnem em pequenos grupos para conversar e observar o fluxo de frequentadores do Parque. Essa ocasião social ocupa a maior extensão no terreno. Em outras palavras, a situação de interação da convivialidade ocupa boa parte da área 02 do Parque. Desde a área gramada em frente à Nave do Conhecimento até o gramado em frente à cascata (figura 19). De forma geral, as áreas gramadas, os bancos e as muretas são as morfologias e as superfícies privilegiadas para essa ocasião.

É o momento de detalharmos quais são os lugares mobilizados pela convivialidade. Imagine-se em pé em frente à Nave do Conhecimento. Trata-se de um edifício formado por um teto verde e por grandes paredes de concreto e cujo terraço projeta uma grande sombra sobre a calçada interna. Se olharmos em direção ao noroeste a partir da entrada da Nave do Conhecimento, podemos identificar muitas formas. Vemos com clareza a rua do Parque de Madureira onde sempre há pessoas correndo ou se exercitando. Ao lado da rua, encontramos a calçada de paralelepípedos acinzentados, que chamaremos de calçada externa. Ao lado desta calçada, há uma ciclovía marcada por uma faixa vermelha.

A nordeste do nosso ponto de vista na Nave do Conhecimento, vemos o Jardim sensorial e, a sudoeste, o Jardim Botânico seguido por um grande banco de concreto em formato curvilíneo. Os jardins são formados por círculos concêntricos de concreto de meio metro de altura. Suspensas nessas elevações circulares de concreto estão as plantas, que parecem carecer de um cuidado mais adequado. Ervas daninhas ocupam o local que deveria ser somente de espécies tropicais, no caso do Jardim Botânico, e de espécies que estimulam os sentidos no caso do Jardim sensorial

Ao caminhar pela calçada interna rumo ao noroeste, notamos que este percurso está fica cada vez mais sinuoso. Parece-nos que a calçada interna descreve curvas como de meandros de um rio. Esta disposição da morfologia nos orienta a seguir as curvas. A poucos metros a noroeste dos jardins, há a academia da terceira idade e o parque infantil. A sudoeste da academia e o parquinho, há a calçada interna e uma área gramada elevada adjacente ao muro limítrofe do Parque.

A nordeste, por sua vez, encontramos uma outra área gramada, a calçada externa e a rua. No gramado próximo à calçada externa, há algumas palmeiras e apenas uma pequena elevação altimétrica. A academia da terceira idade é delimitada por uma mureta de concreto em formato circular cuja entrada dá para a calçada interna. A academia possui uma superfície

de paralelepípedos acinzentados onde encontram-se um múltiplo exercitador, um puxador de costas com peitoral, um aparelho de caminhada individual e outro de esqui individual. No parque infantil, encontramos uma forma semelhante àquela encontrada na academia de terceira idade: uma mureta de concreto em formato circular unida fisicamente à mureta da academia de idosos. Dentro do parquinho, no entanto, há uma superfície de areia onde estão duas gangorras, dois balanços, um escorregador e uma casinha de madeira. No centro, há uma pequena árvore ainda em crescimento.

Depois do parquinho e da academia de terceira idade, avista-se o espaço para o jogo do tênis de mesa. Assim como as outras áreas vistas anteriormente, esta também é delimitada por muretas de concreto. Seu interior é marcado por paralelepípedos acinzentados sobre os quais há duas mesas de tênis em aço *inox*. A entrada deste espaço dá para a calçada interna. Ao seu redor, há gramado que, próximo ao muro de limite do parque, apresenta uma pequena elevação.

Outra área muito utilizada para a convivialidade são os gramados e os bancos ao redor do complexo de lagos. Trata-se de três lagos contíguos uns aos outros e em formato circular demarcados por pequenas muretas de concreto. A nordeste desses lagos, há o gramado composto palmeiras e alguns desníveis no terreno. Neste mesmo gramado, há um espaço de musculação em formato retangular cuja superfície é composta por tacos de madeira. A sudoeste, há uma área gramada, bancos curvilíneos, um espaço de jogos com nove mesas de concreto e, para cada uma das mesas, quatro cadeiras de mesmo material. Toda esta área de jogos é delimitada por uma superfície de tijolos avermelhados. Mais para noroeste, conseguimos ainda observar outro conjunto de seis bancos curvilíneos de concreto margeando a calçada interna.

O Jardim das Estátuas também é um local muito utilizado para a convivialidade. Apesar de não haver nenhuma estátua no local, é importante fazer algumas considerações. Primeiro, há bancos curvilíneos de concreto. A sudoeste destes bancos, há uma grande elevação do terreno composta por uma superfície gramada. Nesta superfície, nota-se a existência de caminhos de tijolos brancos que saem da calçada interna e sobem toda a inclinação traçando curvas no terreno em direção ao mirante. A noroeste, um edifício destaca-se na paisagem: o Centro de Educação Ambiental, formado por tetos e paredes verdes. Acima de nossas cabeças, há uma passarela.

Por fim, o último local destinado à convivialidade é a área da cascata. A cascata é ligada às 10h da manhã e desligada às 18h, mas em 2020 ela se encontra desligada para evitar

aglomerações. Contígua à cascata, há um espaço formado por concreto que demarca a zona até onde as águas da cascata se estendem. Em seguida, a nordeste, há a calçada interna com seus tijolos bancos. Imediatamente após, nota-se uma faixa de areia em formato de meia-lua sobre a qual seis bancos curvilíneos de concreto estão dispostos. Adjacente à faixa de areia, observamos uma área gramada com alguns pequenos arbustos próximos ao Centro de Educação Ambiental e dez palmeiras dispersas retilinearmente respeitando o limite entre a areia e o gramado. Sobre o gramado, há ainda uma área de musculação em formato retangular composta por um piso de madeira e equipamentos de exercícios físicos em aço *inox*. Após a grama, identificamos a ciclovia, a calçada externa e a rua.

Como se pôde notar, boa parte da área 02 é mobilizada pela convivialidade. Todavia, é importante reconhecer que os locais são ativados em momentos diferentes. Por exemplo, poucos são os espaços utilizados de manhã. Nos horários matutinos, a situação de interação de convivialidade é restrita a áreas pontuais dentro dos jardins e a alguns bancos. Os gramados não são quase nunca utilizados. No entanto, à medida que o dia avança, a quantidade de pessoas engajadas nesse tipo de interação aumenta significativamente. Por conseguinte, mais espaços são mobilizados. Há um movimento crescente no decorrer da tarde e que decai com o avançar da noite. Nos feriados, todavia, essa dinâmica é diferente. De manhã, já há uma intensa movimentação de frequentadores, que cresce no decorrer da tarde e decai à noite com o avanço da hora.

Na maior parte das vezes, o exercício da convivialidade ocorre em repouso. As pessoas estão paradas e sentadas sobre bancos, muretas ou sobre o gramado. Caso estejam em dupla, colocam-se em geral lado a lado. Trata-se da forma de orientação mais comum já que, além da conversa, a dupla observa a movimentação dos indivíduos no Parque. No entanto, algumas duplas sentadas sobre as muretas se orientam uma de frente para outra. No caso de grupos, eles tendem a manter uma formação circular, com exceção de grupos localizados nas áreas gramadas próximas ao limite do parque. Nesses locais, os grupos mantêm uma orientação em meia lua, voltada para as vias de circulação do parque.

Quando os frequentadores decidem permanecer sobre os gramados, eles trazem cangas sobre as quais eles se sentam, se deitam ou se mantêm apoiados sobre os cotovelos. Em casos de grandes grupos, eles podem mobilizar até três ou quatro cangas ocupando uma área de cinco a oito metros quadrados. Em grandes grupos, também é muito comum notar a presença de *coolers* com bebidas e de cadeiras de praia. Outro aspecto importante é a procura por sombra. Em razão da pouca disponibilidade de locais sombreados na área 02 do Parque, os frequentadores buscam se instalar sob a sombra de arbustos, de palmeiras e de outras plantas.

Logo, existe uma vinculação entre a localização dos grupos de convivialidade e projeção da sombra de vegetais. Em termos mais simples, onde há sombra, há duplas ou grupos de conversa. Em alguns casos, os grupos se localizam tão próximo da planta ao ponto de ser comum que algum membro do grupo permaneça sentado com as costas apoiadas na árvore.

Outro movimento corporal importante para as ocasiões de convivialidade são as direções do olhar. Como dito acima, essa variável é identificada pelos movimentos da cabeça do indivíduo. Procuramos identificar para onde ele direciona seu foco de atenção a partir daquilo que é observado. Na tentativa de compreender os direcionamentos do olhar durante a ocasião da convivialidade, propomos a existência de diferentes tipos de olhares. Uma distinção inicial entre olhares "não focalizados" e olhares "focalizados". O primeiro olhar desliza sobre as coisas sem realmente as ver e apenas fornece uma caracterização grosseira da situação. Trata-se de um olhar excursivo em que se averigua sem muita atenção o que se passa ao seu entorno, movimentando a cabeça rapidamente. O segundo tipo de olhar, por sua vez, apreende a cena especificando os detalhes; o olhar está interessado em algo específico e, por isso, a cabeça se mantém voltada para observar o objeto ou o grupo durante um tempo. O foco do envolvimento é bem claro.

A passagem do primeiro tipo de olhar para o segundo tipo pressupõe que algo no entorno tenha atraído a atenção ou suscitado interesse. Algo prendeu o interesse do frequentador ao ponto de ele transformar o olhar desatento e "não focalizado" em um olhar direcionado que consiga perceber em detalhes e com velocidade o que chamou a sua atenção. A olhadela é esse tipo de olhar tão comum em situações de convivialidade. Ela mostra que notamos a presença de um elemento que merece atenção e que nos traz um pouco de interesse. A olhadela representa o olhar intermediário, entre a visão periférica "não focalizada", que garante a vigilância das aparências normais, e o olhar focalizado como acontece em uma interação focada.

A olhadela é uma forma de observação muito comum na convivialidade que procura entender instantaneamente o que os outros fazem ou vão fazer. Assim, membros de um determinado núcleo de interação podem desviar seus olhares do envolvimento principal e direcioná-lo rapidamente para pontos de interesse fora do núcleo de interação. Por meio desse olhar, adquirimos informações para lidarmos com a situação de interação.

Repetir a olhadela ou a transformar em um olhar mais longo manifesta que temos um interesse particular ao que é olhado. Nestes casos, solicitamos com o nosso olhar um novo status de interação: uma interação focada, de participação direta. No entanto, no geral, a olhadela é mobilizada de maneira que ela pareça como parte de uma atividade banal de

sondagem do ambiente. Caso algum indivíduo perceba que é alvo de diversas olhadelas, há um certo embaraço.

Nas interações desfocadas, o reconhecimento do outro passa pelo desconhecimento, pela manutenção de um anonimato, de uma indeterminação e pela exclusão da participação direta como modo de organização da copresença. A olhadela constitui um dos principais meios para manter essa distanciação. Mesmo que ela represente um olhar focalizado, onde manifestamos a atenção pelo outro, sua brevidade mostra àquele que é visto que não buscamos reduzir sua indeterminação. Nós não solicitamos participar daquilo que está a acontecer. Apenas identificamos a existência de algo que acontece a nossa volta. Essa prática tão comum na convivialidade - olhar rapidamente para o lado com intenção de ver o que o outro é ou o que ele faz - é um dos fundamentos da interação desfocada sobre a qual se constrói boa parte das situações de interação em espaços públicos de lazer.

Ainda sobre a convivialidade, mencionamos acima que essa ocasião ocorre principalmente quando indivíduos estão em repouso sentados em determinado local. No entanto, é importante reconhecer que a convivialidade acontece também quando os frequentadores estão em deslocamento. Nesse caso, os deslocamentos acontecem principalmente nas calçadas internas, externas e sobre os gramados da área do lago. Em geral, os trajetos são realizados em baixa velocidade. Sem dúvidas, a calçada interna é o principal caminho para esse deslocamento vagaroso em que as pessoas caminham lado a lado. Nele, encontram-se os grupos de amigos que conversam entre si, os casais que escolhem um local para permanecer, os adolescentes que saíram da escola e vão dar uma volta no Parque antes de irem para casa e, finalmente, as pessoas que simplesmente desejam assistir à agitação do Parque. Em todos estes casos, temos deslocamentos lentos destinados ao prazer do convívio. É comum que, nesse tipo de trajeto, os membros do grupo façam pequenas pausas para observar e, em seguida, sigam seu caminho.

Nos trabalhos de campo de 2019, era comum observar pessoas que, nesse trajeto vagaroso e contemplativo pela calçada interna, desviavam seus caminhos em direção ao mirante. Composto de madeira, o mirante é um parapeito que se projeta dois metros à frente da bancada onde se encontram os aros olímpicos. Deste ponto de vista, é possível observar toda a extensão que vai da frente do Centro de Educação Ambiental até a rua em frente ao Parque de skate. Neste campo de visão, identificamos a escada e a cascata hidráulica que estão imediatamente abaixo da escarpa do mirante. Sobre esse mirante, diversas pessoas decidem parar para observar a vista enquanto conversam com os outros indivíduos que as acompanham. Em 2020, no entanto, o acesso ao mirante estava bloqueado com grades de

ferro. Após questionar um guarda municipal sobre a necessidade do bloqueio, ele nos disse que as grades tinham a função de limitar o acesso a um ponto muito visitado no Parque e, assim, evitar eventuais aglomerações.

Apresentada a convivialidade, é o momento de descrever outra situação de interação comum no Parque de Madureira: o cuidado de crianças. Essa ocasião social ocorre em uma área muito semelhante àquela da convivialidade. Para ser mais preciso, o cuidado de crianças acontece principalmente no parquinho infantil, na academia da terceira idade e no gramado entre o parquinho e a ciclovia próximo ao parquinho. Além disso, a faixa de areia, o gramado e a calçada interna em frente à cascata também são lugares privilegiados para essa ocasião social (figura 20).

Aqui é importante fazermos uma consideração. Ao contrário da convivialidade em que há uma contiguidade espacial da situação de interação por toda a área 02 do Parque, o mesmo não poderia ser dito do cuidado de crianças. Esse tipo de ocasião social ocorre em duas situações distintas: uma nas imediações do parquinho e outra na cascata. É evidente que, dependendo do dia e do horário, os alcances espaciais dessas situações mudam, mas não há contiguidade espacial entre as duas situações. Por exemplo, em dias como domingo ou feriados de manhã e à tarde, além do parque infantil e da academia da terceira idade, as crianças e seus responsáveis ocupam todo o gramado do parquinho até a Nave do Conhecimento. Ademais, a calçada interna, o Jardim Botânico, o Jardim sensorial e o espaço de tênis de mesa também são usados pelas crianças. Já a situação espacial da cascata se expande e chega a ocupar até mesmo a ciclovia e a calçada próxima à rua.

Em dias úteis, no entanto, a situação de interação é diferente. O uso fica restrito ao parquinho, a academia da terceira idade e a uma pequena área do gramado entre o parquinho e a rua. Os horários também não são os mesmos. Em dias de semana, essa ocasião começa às 16h e se estende até às 21h. Nesse caso, é interessante notar o papel da iluminação. À noite, os responsáveis limitam as brincadeiras das crianças à área gramada mais iluminada pelo poste de luz. A intenção dos adultos é manter atenção sobre as crianças. Por isso, eles limitam as suas atividades a locais que sejam mais visíveis.

A primeira característica a respeito dos movimentos corporais nessa ocasião social é a vinculação entre as crianças que brincam e correm por diferentes locais e os responsáveis que as observam. Essa responsabilidade de cuidar das crianças se expressa nos movimentos corporais dos adultos. Em geral, o adulto ou o grupo de adultos está sempre voltado para onde a criança brinca. Caso a criança brinque no parquinho, o adulto se desloca para próximo e volta seu corpo para o interior dessa área. Por outro lado, se a criança brinca no gramado

próximo à calçada externa, o adulto se volta para esse local com o objetivo de cuidar e de manter certa vigilância sobre as crianças.

Essa relação atinge o seu episódio mais eloquente nos domingos de manhã e à tarde. Nesses momentos, o parquinho está repleto de crianças que compartilham os brinquedos e brincam de outras atividades, como pique-pega, pique-alto etc. Enquanto as crianças se concentram no parquinho, grupos de adultos estão sentados nas muretas e nos gramados do entorno. Eles têm seus corpos voltados para o local onde as crianças brincam e se sentam sobre cangas quando estão no gramado. Em alguns casos, esses grupos de adultos levam bebidas e alimentos em coolers para fazerem piqueniques. De tempos em tempos, as crianças saem do parquinho e correm até os seus responsáveis. Lá, elas se alimentam ou trocam algumas poucas palavras com os adultos e, em seguida, retornam para o parquinho onde conversam e brincam com as demais crianças. Enquanto não há quase nenhum tipo de comunicação direta ou interação focada entre os grupos de adultos, as crianças se comunicam entre si com muita facilidade para organizarem suas brincadeiras. No limite, nos parece que há grupos de adultos mais ou menos herméticos, mas que são conectados pelas crianças que brincam entre si.

Outra consideração sobre o cuidado de crianças diz respeito à relação entre os comportamentos e as morfologias do terreno. Como foi dito, as crianças se concentram no parquinho enquanto os responsáveis as observam do entorno próximo. No gramado próximo à rua, há pequenas elevações no terreno que são constantemente utilizadas por grupos de adultos onde estendem as suas cangas e se sentam para observar as crianças no parquinho. Do mesmo modo, o gramado próximo ao muro limítrofe do Parque também apresenta elevações altimétricas que são utilizadas pelos responsáveis para facilitar a observação de suas crianças. Essa relação entre comportamentos e morfologias nos mostra grupos de adultos que se aglomeram sobre áreas elevadas para observar o que e passa em um local menos elevado que é o centro da atenção de todos: o parquinho. Como em um anfiteatro, os responsáveis observam da plateia - as áreas elevadas - o desenrolar das brincadeiras no palco mais abaixo - o parquinho.

Contudo, esse anfiteatro não é marcado por uma rígida separação entre os dançarinos e os espectadores. Muito pelo contrário, como foi dito, as crianças saem do palco e invadem a plateia para se comunicarem com seus responsáveis. Da mesma maneira, os adultos saem de seus locais elevados em direção ao palco. Essa saída dos adultos em direção ao parquinho acontece principalmente quando há uma criança pequena no meio das brincadeiras. A idade da criança é um diferencial na participação dos adultos dentro de espaços que são de uso de

crianças. Em geral, as crianças brincam sem muitas intervenções dos adultos. Todavia, um adulto só caminha para os brinquedos caso a criança seja muito pequena ou possua pouca autonomia. Na maior parte dos casos, os responsáveis permanecem no entorno elevado a observar as crianças.

Visto o cuidado de crianças, é o momento de apresentarmos outra ocasião social muito comum na área 02 do Parque de Madureira: os encontros amorosos. Trata-se de uma ocasião em que um casal conversa entre si, troca carícias e observa a movimentação de pessoas. A situação de interação compreende o gramado próximo à lateral do Parque. Em outras palavras, toda a área gramada junto ao muro limítrofe do Parque é utilizada para esse fim. Além disso, devemos incluir as muretas do Jardim Botânico e do Tênis de Mesa, o jardim de estátuas e a área de trás do mirante também como locais mobilizados por essa ocasião social (figura 21). Durante todos os trabalhos de campo, antes e durante a pandemia, não foi encontrado nenhum casal no horário da manhã. Poucos aparecem no início da tarde. No entanto, o período de maior ocorrência dessa situação de interação é ao final da tarde e principalmente à noite.

Apresentados os principais locais de ocorrência dessa interação, é importante descrever um pouco mais a respeito das posições ocupadas. Primeiramente, o gramado junto ao muro limítrofe é um local afastado das vias de circulação. Dessa forma, os casais estão distantes das grandes concentrações e dos fluxos de frequentadores. Trata-se, pois, de áreas pouco ocupadas e cuja altimetria mais elevada permite enxergar o que acontece desde a calçada interna até a rua do Parque de Madureira.

Os casais são, ao nosso ver, muito sensíveis à aproximação de outros indivíduos e optam por preservar certa distância. Por exemplo, em certos horários da noite, é possível observar diversos casais no gramado lateral do Parque, mas todas as duplas mantêm uma distância regular entre elas. Até mesmo os casais que preferem se sentar sobre alguns bancos ou sobre as muretas optam por um assento ou por partes da mureta que não estejam sendo utilizadas por mais ninguém. Nós mesmos, em alguns momentos, observamos diretamente essa sensibilidade à aproximação. Enquanto fazíamos o levantamento quantitativo dos deslocamentos, optamos por permanecer sentados no gramado lateral para observar o fluxo de pessoas nas calçadas e na rua. Nossa presença nessa área dominada por casais era, porém, muito mal vista por eles. Nós recebemos olhares de contragosto e, em alguns casos, certos casais de nosso entorno próximo se levantavam e saíam. Eles se deslocavam para outra parte do gramado lateral.

No que diz respeito às principais posturas utilizadas nesse tipo de situação de

interação, os casais mantinham-se sentados na maioria dos casos. Evidentemente, não era difícil encontrar duplas deitadas sobre a grama. Sobre a postura, identificamos uma correlação com a luminosidade do local. Caso o casal estivesse em áreas do gramado ou em bancos mais iluminados, a troca de carícias era menos frequente e a distância entre os dois era maior. Por outro lado, em locais menos iluminados, os integrantes da dupla se aproximavam mais e se tocavam com maior frequência, chegando a permanecerem abraçados por longos períodos. Quando essa má iluminação se associava à vegetação, muitos casais aproveitavam a penumbra e se deitavam sobre a grama atrás de arbustos ou árvores para trocar carícias.

Com relação às orientações dos corpos dos casais, como era de se esperar, eles tendem a se colocar lado a lado ou de frente um para o outro. No entanto, encontramos uma diferença entre casais homo e heteroafetivos em termos dos locais ocupados e das direções dos olhares. Esses dois tipos de casais se localizam tanto no gramado quanto em bancos. A diferença reside no fato de casais heteroafetivos se localizarem em áreas mais iluminadas e estarem na maioria das vezes voltados para as calçadas com o olhar direcionado para a rua e para a intensa movimentação de frequentadores. Em compensação, casais homoafetivos tendem a ocupar áreas do gramado e bancos que sejam menos iluminadas e, ao nosso ver, menos visíveis. Além disso, esses casais estão em geral de costas para a rua e para as calçadas. Essa orientação do corpo de costas para o fluxo de frequentadores nos parece um movimento corporal que expressa certa tentativa dos casais homoafetivos de ocultar suas atividades ou de diminuir as chances de contatos (visuais inclusive) com os demais usuários do Parque.

Certa noite, caminhávamos pela calçada externa do Parque na altura de onde está a área do jogo de bocha. Esta área é delimitada por uma pequena mureta de concreto e, internamente, sua superfície é do mesmo material. Ao redor do espaço de bocha, há dois bancos de concreto a noroeste e dois bancos de concreto a sudeste. Os quatro apresentam uma vegetação arbustiva ao seu redor e são pouco iluminados à noite; eles se encontram em uma espécie de penumbra. A sudoeste do espaço de bocha, existe uma reentrância da calçada interna que dá para uma pequena área delimitada por tijolos avermelhados onde existem dois bancos curvilíneos de concreto iluminados por dois postes de luz.

Ao passarmos pela calçada externa próximo ao jogo de bocha, logo notamos a presença de um casal heteroafetivo nos bancos bem iluminados contíguos à calçada interna. Eles estavam voltados para a rua, conversavam entre si e trocavam carícias. Com a intenção de descrever seus movimentos corporais, decidimos nos sentar nos bancos ao lado da área do jogo de bocha, mais próximos de onde o casal heteroafetivo se encontrava. Ao nos aproximarmos, todavia, tivemos a surpresa de encontrar um casal homoafetivo trocando

carícias no banco que, do ponto de vista da rua ou da calçada externa, parecia estar vazio. Este evento nos chamou atenção. Da calçada externa e da rua, onde se concentra o maior afluxo de frequentadores à noite, o casal heteroafetivo era visível. O casal homoafetivo, a partir do mesmo ponto de vista, não o era. Eles estavam atrás de um arbusto e em um local pouco iluminado. Ademais, esse mesmo casal ainda se encontrava de costas para a rua e para a calçada externa. O casal de rapazes demorou ainda alguns segundos até notar a nossa presença. Quando finalmente nos notaram, a troca de carícias cessou e eram nítidos seus olhares de desgosto com a nossa aproximação.

Seja como for, consciente ou inconscientemente, os casais ocupavam lugares distintos, com exposições diferentes para o público que circulava pela rua e pela calçada externa. Além disso, a orientação de seus corpos e a direção de seus olhares eram dessemelhantes. Este exemplo não foi o único observado. Ao contrário, ao longo dos trabalhos de campo, identificamos diversas vezes essas diferenças entre casais homo e heteroafetivos. Ao nosso ver, trata-se de formas distintas de organizar espacialmente o movimento corporal. Casais homoafetivos apresentam determinada forma espacial do movimento do corpo, enquanto casais heteroafetivos produzem outra.

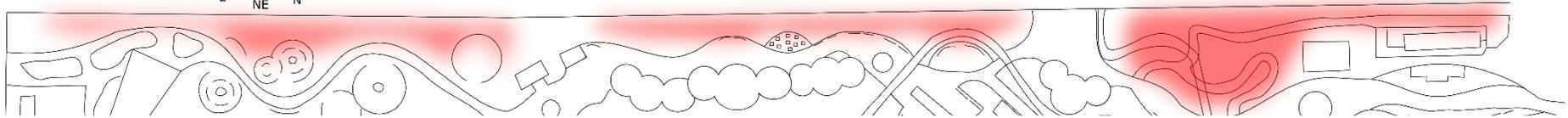
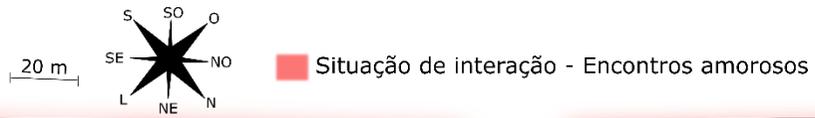


Figura 23. Abrangência espacial da situação de interação encontros amorosos.

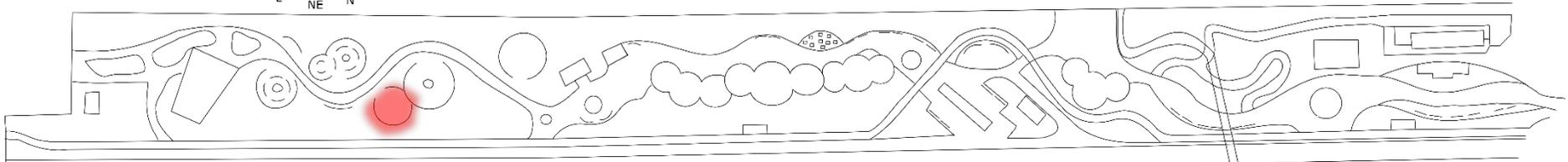
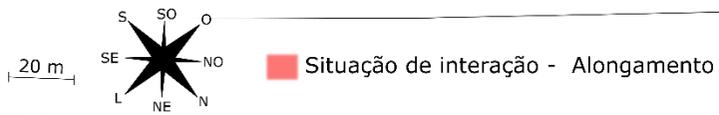


Figura 22. Abrangência espacial da situação de interação alongamento.

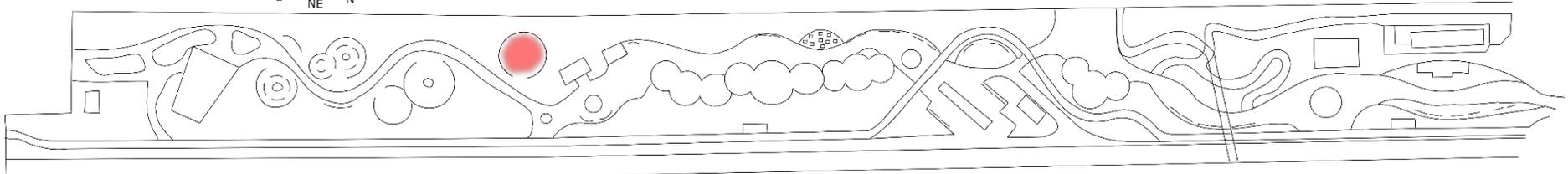
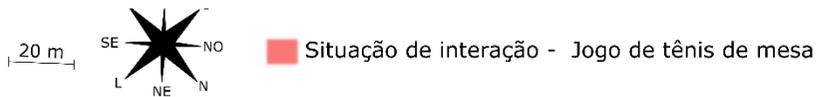


Figura 21. Abrangência espacial da situação de interação jogo de tênis de mesa.

O quinto tipo de ocasião identificado foi o alongamento. Trata-se de uma situação de interação em que os integrantes realizam atividades físicas de baixo impacto visando à flexibilização e à extensão dos músculos. Às 8h da manhã, ao caminharmos pela calçada interna do Parque, quase não havia pessoas na área 02. Com exceção daquelas que corriam pela rua para se exercitar, o Parque era um verdadeiro deserto. Apenas nós caminhávamos pela calçada interna. Contudo, esse cenário inabitado é substituído por um quadro de agitação e de movimentos ritmados do corpo. Trata-se da academia da terceira idade (Figura 22).

Ao nos aproximarmos mais do local, notamos maior concentração de pessoas. São adultos e idosos que utilizam os equipamentos para se exercitar. Os indivíduos fazem os movimentos orientados pelo mobiliário. Por exemplo, com o esqui individual, o usuário movimenta seus braços e pernas em movimentos repetitivos para a frente e para trás. Havia, ainda, pequenos deslocamentos para o revezamento dos aparelhos pelos frequentadores. No geral, eles mantinham seus olhares fixos no fluxo de pessoas na rua. Quando isso não era possível em razão da localização, eles direcionavam seus olhares para objetos ou outras partes do Parque. Evitava-se encarar os outros usuários da academia. Quando alguém percebia que estava sendo observado, havia certo embaraço.

Essa situação de interação, contudo, ocorre em momentos específicos. Durante o início da tarde, essa ocasião social é suspensa só é retomada no final da tarde e no início da noite. Ao contrário da convivialidade, dos encontros amorosos e do cuidado de crianças, essa ocasião se desenrola principalmente no início da manhã. À noite, ela também acontece, mas os adultos e idosos da academia precisam conviver com as crianças do parquinho que regularmente invadem a área da academia para brincar com os equipamentos que estão desocupados.

Depois do alongamento, há outra ocasião social recorrente: o jogo de tênis de mesa. Como é de se esperar, essa situação de interação se limita ao espaço previsto para a atividade uma vez que as mesas e as redes estão disponíveis somente nesse local (Figura 23). Principalmente à noite nos finais de semana, encontramos pessoas praticando tênis de mesa. Como não há bolas nem raquetes disponíveis, os frequentadores precisam levá-las para conseguirem praticar a atividade.

Enquanto o jogo acontece um grupo de pessoas se forma ao redor da mesa para assistir à partida. Elas estão em pé e são, em geral, homens. Desse grupo de pessoas, duas estão nas pontas da mesa praticando diretamente a atividade. Os outros, por sua vez, estão concentrados em torno do envolvimento principal: o jogo. Trata-se de um núcleo de interação direta, onde

os jogadores estão um de frente para o outro e os espectadores estão lado a lado ou formando ângulos obtusos. Durante a partida, os olhares estão na bola e nos rápidos movimentos de braço dos jogadores.

Neste momento, é importante fazer uma pequena ressalva. Essa ocasião social não está apartada das outras que também acontecem à noite. Muito pelo contrário, a mureta da área do jogo de tênis de mesa é muito utilizada por casais. Assim, enquanto grupos assistem e vibram com as partidas, há diversos casais conversando e trocando carícias no seu entorno.

O sétimo tipo de ocasião social são os *rolezinhos*¹³. Ao caminhar pela Rua Manuel Marques em direção aos jardins em noites de final de semana, deparamo-nos com uma situação de interação distinta. À medida que passamos pela Nave do Conhecimento e nos aproximamos dos jardins, começamos a ouvir intensas as batidas de *funk*. Ao nos aproximarmos mais, vemos uma grande aglomeração de 40 a 50 adolescentes. Trata-se de um encontro organizado por jovens que conversam, brincam, consomem bebidas alcólicas e dançam ao som de *funk*. O banco de concreto em frente à Nave do Conhecimento e os dois jardins são ocupados pelos adolescentes (Figura 24). Alguns estão sentados lado a lado sobre as muretas em grupos de conversa. Outros estão em pé em ângulos agudos ou de frente para aqueles que estão sentados. Os jovens mais agitados, por sua vez, andam entre diferentes grupos e entre os próprios jardins passando de um lado a outro da calçada interna. Por vezes, alguns pequenos grupos caminham até a entrada da Nave do Conhecimento para conversar e, em seguida, retornam aos jardins. De forma geral, há sempre pessoas dançando.

¹³A denominação *rolezinho* é um termo nativo. Ao sermos convidados pelos adolescentes a participar de sua socialização, eles utilizaram tal denominação para se referir à ocasião social. Nesta dissertação, optamos por manter o nome.

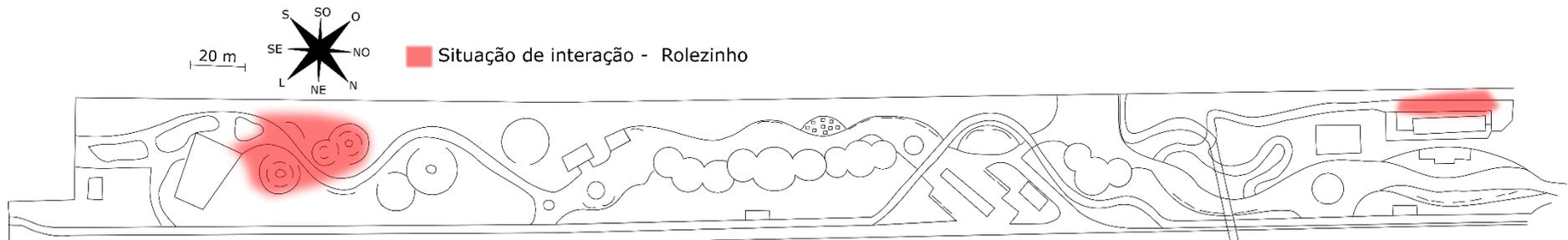


Figura 24. Abrangência espacial da situação de interação rolezinho.

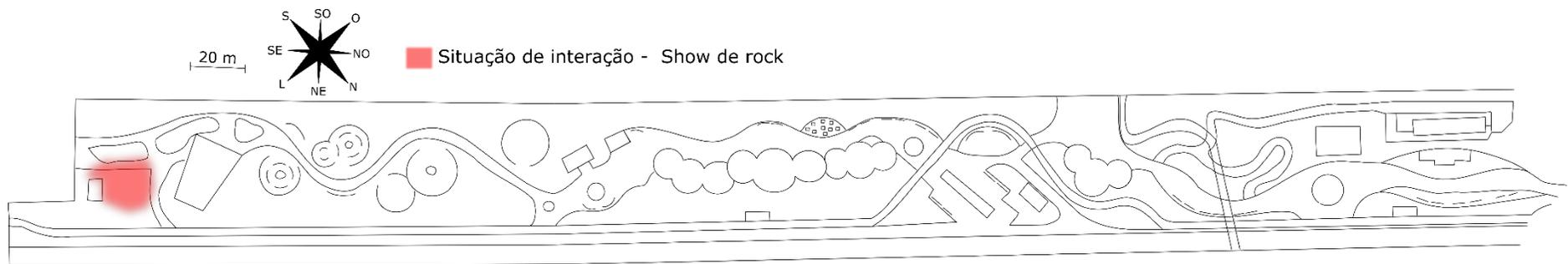


Figura 26. Abrangência espacial da situação de interação show de rock.

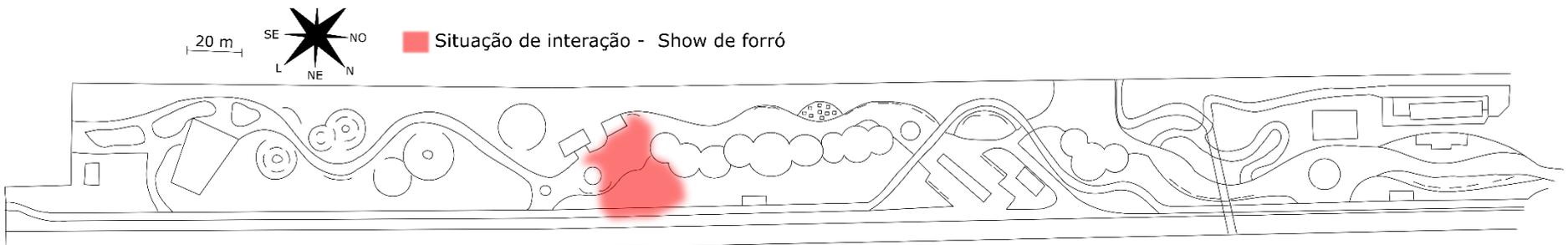


Figura 25. Abrangência espacial da situação de interação show de forró.

Para observar e descrever essa situação de interação, atravessamos a aglomeração de adolescentes pela calçada interna e nos sentamos na mureta do jardim botânico, próximo de onde a maior parte dos adolescentes se encontrava. Após alguns minutos preenchendo as fichas de observação e anotando alguns comentários no diário de campo, fomos interrompidos por um chamado: “Ei, menino!?”. Tratava-se de um adolescente chamando a nossa atenção; ele se aproximou e questionou o que fazíamos. Respondemos que realizávamos um trabalho da faculdade. Em seguida, ele nos perguntou quantos anos tínhamos e, com uma expressão de surpresa após ouvir a resposta, ele disse que aparentamos ser mais novos. Ele se apresentou como Breno¹⁴ e, depois de alguns minutos de uma conversa cordial, alguns de seus amigos também se aproximaram. Nós fomos apresentados ao restante do grupo pelo Breno e, quando percebemos, já estávamos dentro do círculo de conversa dos adolescentes.

Não tínhamos muitos assuntos para conversar com os adolescentes, com exceção de pequenos comentários sobre o tempo e sobre as músicas que tocavam. Eles, por outro lado, não paravam de conversar entre si. Eles falavam sobre suas vidas particulares, histórias de família e sobre desejos de “pegar” outros jovens que estavam no rolezinho. Além de Breno, mais um jovem se mostrou interessado pela nossa presença no círculo de conversa e nos questionou sobre o que fazíamos ali, em qual rede social havíamos visto o convite para o rolezinho, onde morávamos etc.

Essa oportunidade de participar de um núcleo de conversa nos permitiu identificar alguns movimentos corporais interessantes entre os diferentes agrupamentos. A primeira coisa a discorrer sobre são as posições. Não havia grande distanciamento de um grupo para outro. Pelo contrário, havia o interesse de estarem próximos para conversar, dançar e observar. Os integrantes dos grupos, quando não estavam dançando, mantinham-se seja em pé ou sentados sobre as muretas ou bancos. No que se refere à orientação, os grupos formavam círculos de conversa. Esses núcleos de conversa, no entanto, não eram unidades estanques. Muito pelo contrário, eles se refazem constantemente em razão das entradas e das saídas de indivíduos para dançar em um local com maior espaço ou para flertar com outro usuário.

Para dançar, se o adolescente não o fazia dentro do círculo de conversa, ele poderia sair e se deslocar para mais próximo da caixa de som - encostada na parede da Nave do Conhecimento. Isso acontecia, em geral, quando uma música tocada era muito apreciada pelo jovem. Por isso, ele realizava o deslocamento para estar mais próximo da fonte sonora. Por

¹⁴ Breno não é o nome verdadeiro do adolescente. Para proteger a sua identidade, optamos por um nome fictício. Na verdade, todos os nomes apresentados nesse e em outros exemplos são nomes criados por nós com a intenção de preservar a identidade dos interlocutores.

fim, outro elemento importante para os pequenos deslocamentos dentro dessa situação de interação eram os flertes e as cantadas. Nessa ocasião social, a olhadela desempenha um papel fundamental. Por mais que os adolescentes conversassem e dançassem entre si (o envolvimento principal), era comum identificar rápidos movimentos da cabeça para observar o entorno próximo. Esse olhar focalizado e furtivo tinha a intenção de identificar pessoas que despertavam interesse.

Caso a pessoa identificada pela olhadela realmente avivasse o desejo, o olhar fugaz se transformava em uma observação continuada e duradoura até que o indivíduo ou os amigos desse percebessem. O olhar, nesse caso, exerce o papel de sugerir uma mudança do status da interação: sair da interação desfocada para uma interação do tipo focada. É evidente que o restante do corpo também demonstra esse interesse. No núcleo de amigos de Breno, quando um adolescente flertava com outro, ele parava de conversar com seus amigos e redirecionava sua cabeça. Em alguns momentos, todo o seu tronco também se voltava para fixar o pretendente. Caso o interesse fosse mútuo, os adolescentes enfim saíam de seus núcleos de amigos e se encontravam no meio do caminho entre os dois grupos. Ali, eles poderiam conversar e se beijar ou, como ocorreu em alguns casos observados, eles poderiam se dirigir ao gramado junto ao muro limítrofe do Parque para se beijarem e trocarem carícias.

Permanecemos cerca de 40 minutos junto com Breno e seus amigos. Quando notamos a passagem do tempo, os avisamos que era necessário continuar com nosso trabalho e que, portanto, era preciso ir embora. Nos despedimos apesar da insistência de Breno para continuarmos com ele no rolezinho. Mesmo assim, nos afastamos. Quando chegamos no parquinho infantil, a alguns metros de distância do rolezinho, vimos duas adolescentes se afastarem dos jardins e caminharem na direção onde estávamos. Elas conversavam durante o deslocamento. Somente quando chegaram próximas o suficiente do Parquinho, conseguimos ouvir o que falavam. Elas faziam comentários sobre uma determinada pessoa. No entanto, o que chamou a nossa atenção foi a fala de uma delas: “amiga, vamos voltar, não estou mais escutando a música”.

A partir dessa fala, acreditamos ser importante realizar uma observação. Pensamos que a música - o funk - é ela mesma um elemento fundamental da situação de interação do rolezinho. Se recordarmos aquilo que Goffman denominou de situação de interação, veremos que ela corresponde ao ambiente espacial completo em que ocorre uma determinada ocasião social. Com isso em mente, é importante destacar o papel da música na definição dos limites espaciais da situação do rolezinho. Os jovens se concentram nas proximidades das caixas de som. Dificilmente, eles caminhavam para longe da música. A fala de uma das meninas

pedindo para retornar para o rolezinho porque não ouvia mais a música expressa uma correlação entre o alcance espacial da situação e o alcance espacial do som. Em outras palavras, a situação de interação - rolezinho - era, em grande medida, demarcada pelo alcance sonoro das músicas de funk. Ao não escutarem mais escutar os sons, as meninas perceberam que se afastaram demais. No caso dos rolezinhos, acreditamos que o som participa da configuração espaço-temporal da situação de interação.

Ademais, é importante fazer uma pequena comparação entre os rolezinhos antes e durante a pandemia de COVID-19. O episódio descrito acima ocorreu em setembro de 2019. Quando voltamos ao Parque em 2020, não identificamos nenhum rolezinho nos jardins durante as noites dos finais de semana, como era comum em 2019. De início, pensamos que esse tipo de evento não aconteceria para evitar aglomerações. Contudo, ao caminharmos em direção a parte de trás do mirante em uma noite de um sábado, escutamos músicas e batidas de funk. Sabíamos o que haveria mais acima próximo ao mirante: um rolezinho. Quando finalmente chegamos ao local, lá estavam os jovens em seus grupos bebendo, conversando, fumando e dançando. A aglomeração era menor. Contamos somente 25 adolescentes e nenhum deles utilizava máscara ou mantinha o distanciamento recomendado.

Mantivemos certa distância para observar os movimentos corporais dos adolescentes. Depois de alguns minutos escrevendo na caderneta de campo e preenchendo as fichas de observação, notamos a aproximação de uma pessoa. Tratava-se de uma adolescente que se apresentou como Sarah. Ela nos questionou o que fazíamos e a respondemos de pronto. Aproveitamos a abertura para lhe fazer algumas perguntas sobre o evento. Ela confirmou que se tratava de um rolezinho. Em seguida, indagamos por que o evento estava acontecendo atrás do mirante já que ele ocorria nos jardins próximos à Nave do Conhecimento. De acordo com Sarah, a guarda municipal que atua no Parque não permitia mais a realização desse tipo de evento uma vez que ele gera grandes aglomerações. Tal informação nos fez pensar, então, sobre a escolha do novo local. A parte de trás do mirante é pouquíssimo utilizada à noite, com exceção dos casais. Além disso, é um lugar pouco visível para todos aqueles que estão nas calçadas e na rua. Portanto, parece-nos uma escolha adequada para realizar uma situação de interação que, no presente momento, está proibida. No mais, os movimentos corporais observados nos rolezinhos de 2020 eram semelhantes àqueles identificados em 2019.

Apresentado o rolezinho, é o momento de descrevermos outras ocasiões cujas situações se edificam a partir do som: os shows de forró e de rock. Este último ocorre no quiosque próximo à entrada da rua Manuel Marques (Figura 25). Como dito acima, trata-se de um local de venda de alimentos durante o dia. No entanto, à noite nos finais de semana, a

ocasião de consumo de refeições é substituída pelo evento de rock. Liga-se as caixas de som com músicas desse estilo musical, enquanto alguns clientes sentados nas cadeiras consomem bebidas alcólicas.

À medida que hora avança ao longo da noite, a movimentação aumenta. Em média, 40 pessoas se reúnem em volta desse pequeno quiosque, ocupando a área de mesas e cadeiras e grande parte do gramado do entorno. Eles se reúnem para assistir às bandas de *rock* que fazem apresentações ao vivo no estabelecimento. Boa parte do público está sentado nas cadeiras de plástico e consomem bebidas alcoólicas que estão postas sobre as mesas. Outros indivíduos, ao contrário, permanecem em pé no gramado do entorno consumindo bebidas e apreciando o show. No geral, os frequentadores tendem a se organizar em pequenos grupos voltados para a banda que se apresenta. Dessa forma, eles se orientam lado a lado ou sob ângulos obtusos para ver o show. Seus olhares estão voltados para o pequeno palco de madeira onde a banda se apresenta e quase não há deslocamentos, com exceção dos garçons que levam e trazem garrafas de bebidas.

Assim como o rolezinho, o som desempenha um papel fundamental na definição da situação de interação. As músicas de rock organizam a ocasião social em questão; elas mobilizam e estimulam o encontro social. Do mesmo modo, nos locais em que essas músicas são audíveis, é possível encontrar frequentadores engajados na ocasião social. Isso nos leva a pensar que os alcances espaciais da música coincidem em boa parte com o alcance da situação de interação. Ou seja, os locais em que se escuta rock são, em alguma medida, mobilizados pelo encontro social “show de rock”. Evidentemente, a qualidade do som não é idêntica em todos os locais. Os locais mais próximos das fontes sonoras são mais apreciados e procurados pelos frequentadores. Não é à toa que há mais usuários agrupados perto do palco, não somente para ver o show, como também para escutar com mais precisão.

Durante os trabalhos de campo de 2020, não presenciamos nenhum show de rock. Perguntamos a um dos atendentes do quiosque o que se passara com esse evento e ele nos disse que, por período indeterminado, a organização do Parque impediu a sua realização. O objetivo é desincentivar ocasiões que possam proporcionar aglomerações.

É relevante aqui fazer uma pequena comparação entre os roqueiros do quiosque e os adolescentes dos jardins. Ao caminhar do quiosque ao jardim em noites de final de semana, atravessamos dois espaços de socialização distintos. À medida que nos afastamos do quiosque e abandonamos o som da bateria e da guitarra, as batidas de *funk* ficam cada vez mais audíveis quando nos aproximamos da nave do Conhecimento e, por fim, dos jardins.

Enquanto os amantes de *rock* ocupam a área do quiosque de maneira mais concentrada com um grupo muito próximo do outro, os adolescentes ocupam o jardim de maneira mais dispersa e se movimentam mais entre diferentes grupos de conversa. Esse deslocamento intergrupar não foi observado com os apreciadores de Rock.

A próxima situação de interação que também se vincula com música são os shows de forró. No quiosque próximo ao complexo de lagos, especialmente à noite durante os fins de semana, há shows ao vivo de bandas de forró. Sobre essa ocasião social, devemos fazer alguns comentários. Primeiramente, estes shows de forró reúnem uma enorme concentração de pessoas na área do quiosque. Elas conversam, observam o show e dançam. É evidente que muitas delas consomem no quiosque e se sentam nas mesas disponibilizadas pelo estabelecimento. Uma boa parte dos indivíduos, contudo, não são clientes, mas assistem ao show em pé a partir do gramado e da calçada interna. Isso faz com que a situação se estenda para muito além das áreas de cadeiras. A frente dos banheiros, a calçada interna, os bancos curvilíneos de concreto, o gramado com as palmeiras e parte da ciclovia e compõem a situação de interação do show de forró (Figura 26).

Esses espectadores são formados, em geral, por indivíduos que caminhavam pela calçada interna, externa ou pela rua e tiveram sua atenção atraída pela música. Eles, então, pararam seus deslocamentos e decidiram permanecer nas proximidades do quiosque para assistir ao show. Alguns entram no quiosque e se tornam clientes do local. Outros preferem somente assistir ao show de um ponto mais distante. Há uma clara distinção entre os clientes do quiosque e os espectadores curiosos. Essa diferença é mediada pela posição e pela postura dos corpos. Os clientes estão sentados nas cadeiras enquanto os espectadores comuns estão em pé sobre a calçada interna ou sobre o gramado. Em ambos os casos, pessoas podem dançar. A diferença também está na localização da dança. Os clientes podem dançar logo em frente ao palco em uma pequena área destinada a esse fim. Já os outros espectadores dançam sobre a calçada interna ou sobre o gramado.

A dança na calçada interna dificulta a movimentação daqueles que desejam passar. Por vezes, a concentração chega a ser tão grande que até mesmo o gramado mais distante do quiosque é ocupado por pessoas que assistem o show ou dançam ao som da música. Encontramos desde pessoas sozinhas em pé e até grupos maiores sentados sobre a grama. As duplas se colocam lado a lado ou em ângulo agudo com o olhar direcionado para o show. Os grupos, por sua vez, se dispõem em meia lua também voltados para o show. Entre as danças, a música e as conversas, nota-se que alguns casais mais animados com a dança saem dessa concentração de indivíduos e seguem em direção ao gramado. Lá, eles se apoiam suas costas

nas palmeiras e nos muros para se abraçar e beijar.

É importante fazer algumas considerações sobre os limites espaciais dessa situação de interação. Assim como no show de rock e no rolezinho, o som é um importante marco para delimitar o alcance espacial do show de forró. Por exemplo, algumas pessoas que caminhavam ou corriam pela rua e pela calçada externa eram cooptadas pela música. Elas caminhavam pela proximidade, escutavam a música, paravam para observar as danças e o show. A diversos metros de distância de onde estava o palco, essas pessoas eram mobilizadas por meio do som a participar da situação de interação; elas estavam, a partir de então, inseridas naquela ocasião social. Dessa forma, o som auxilia na constituição de algumas situações espaço-temporais de interação, definindo o alcance espacial de envolvimento daquela ocasião social.

Nossa penúltima ocasião social são as festas de aniversário. Trata-se de comemorações em que indivíduos se reúnem em volta de locais onde alimentos são depositados sobre toalhas e cangas. Ao redor desses alimentos, as pessoas conversam entre si, observam a movimentação dos frequentadores do Parque e, é claro, consomem os alimentos. Para essa ocasião, diversos equipamentos podem ser mobilizados: coolers, cangas, lençóis, mesas, cadeiras, caixas de som e, em alguns casos, enfeites de comemoração como chapéus e lembrancinhas de aniversário. No geral, essas festas ocorrem nos gramados ao entorno do complexo de lagos, com exceção de aniversários de crianças que podem ser feitos sobre o gramado próximo ao parquinho infantil (Figura 27). Essas situações de interação ocorrem tanto em dias úteis quanto em dias não úteis, principalmente no período da tarde se estendendo até o início da noite. Caso o aniversariante seja um jovem ou um adulto, a situação de interação pode se estender até o horário de fechamento do Parque: 22h antes da pandemia e 20h durante.

Quando caminhamos pelo complexo de lagos no final da tarde ou início da noite, principalmente nos finais de semana, é comum identificar diversos grupos envolvidos nessa ocasião social. Estamos falando de várias festas de aniversário ocorrendo simultaneamente. Pensamos, pois, que cada delas corresponde a uma situação de interação específica já que elas são eventos separados. De forma geral, elas são feitas sobre os gramados e cada núcleo se mantém distanciado um do outro. Não há deslocamentos ou trocas diretas entre os agrupamentos. Cada um deles se constitui como uma unidade mais ou menos estanque, com exceção das olhadelas que mantêm certo grau de conexão entre eles.

Os indivíduos podem estar sentados, deitados, em pé ou inclinados sobre o cotovelo.

No que se refere à orientação dos corpos uns em relação aos outros, é preciso fazer um comentário. Com exceção do momento dos parabéns em que todos se reúnem em um grande círculo lado a lado, os integrantes da festa de aniversário compõem pequenos subgrupos de interação. Esses subgrupos são constantemente recompostos ao longo do encontro social. Uma pessoa que, minutos atrás estava conversando com outra, pode facilmente se movimentar e entrar em uma conversa com um terceiro ou quarto indivíduo. Há, pode-se dizer, uma recomposição dos subgrupos guiada pela fluidez e facilidade com que um indivíduo, nessa situação de interação, pode se engajar com os outros membros da ocasião.

Nesse cenário de reorganização de subgrupos, os frequentadores colocam-se lado a lado quando, além da conversa cordial, eles buscam observar sejam as crianças brincando nas proximidades ou sejam os outros integrantes da situação de interação. No mais, eles se orientam em ângulos agudos quando se trata de uma conversa descontraída. Nessa configuração, as olhadelas são comportamentos comuns. No entanto, parece-nos que, quando o assunto atrai a atenção de ambas as partes seja pela seriedade ou pelo interesse no conteúdo, os indivíduos se orientam um de frente para o outro. Nesses casos, era possível observar que o semblante dos indivíduos tomava uma forma enrijecida e inflexível e as olhadelas não eram tão comuns.

A décima ocasião são os exercícios físicos nas vias de circulação. Trata-se de um conjunto de atividades, como correr, caminhar e andar de bicicleta, cujo principal objetivo é o condicionamento físico. São pessoas que se reúnem na calçada externa, na rua e nos bancos próximos a esta última para efetuar atividades físicas fundadas no deslocamento do corpo. A intenção dos frequentadores nessa ocasião social é de se deslocar para se exercitar. Por isso, estamos falando de indivíduo que utilizam diferentes meios de deslocamento (patins, a pé, de bicicleta, skate), velocidades (baixa, média, alta) e continuidades (contínuo ou descontínuo) para se exercitar na rua, na ciclovia, na calçada externa e nos bancos próximos a essa.

A calçada externa é formada por paralelepípedos acinzentados, a ciclovia é marcada por uma faixa vermelha ao lado da calçada externa. A rua é composta de asfalto. Vejamos que estes terrenos aparentemente homogêneos em termos de estrutura física – a rua, a calçada externa e a ciclovia – alicerçam uma das principais ocasiões sociais do Parque de Madureira: os exercícios físicos nas vias de circulação. A rua é, sem dúvidas, o local mais usado para essa ocasião social. Isto não se restringe ao aspecto quantitativo, mas também qualitativo. É na rua que também encontramos a maior variedade de formas de se deslocar. Por exemplo, enquanto o restante do Parque na parte da manhã está praticamente vazio, a rua é utilizada por diversas pessoas se exercitando. Na realidade, o exercício físico nas vias de circulação é a ocasião

social mais frequentada em termos quantitativos de toda a área 02 do Parque de Madureira (Figura 28).



Figura 28. Abrangência espacial da situação de interação festas de aniversário.



Figura 27. Abrangência espacial da situação de interação exercícios físicos nas vias de circulação.

Das 6h da manhã até às dez horas, encontramos uma grande quantidade de pessoas correndo e andando na rua mesmo que o restante do Parque esteja vazio. Esta quantidade diminui à medida que nos aproximamos do meio-dia. A quantidade de frequentadores se exercitando na rua volta a crescer somente pelas 17h e alcança seu pico de intensidade às 20h. Depois desse horário, a quantidade de pessoas decai até o horário de fechamento do Parque. Em relação aos modos de se deslocar, encontramos pessoas que se movimentam rápida, média e lentamente. Elas andam a pé, de bicicleta, patins, skate e de carrinhos. A maioria se desloca continuamente, sem muitas paradas.

Também identificamos que estes deslocamentos podem ser realizados individualmente, em pequenos grupos ou até mesmo em grandes grupos de mais de dez pessoas se deslocando. Cada um desses grupos corresponde a um núcleo de socialização que, em conjunto com os outros, compõem a situação de interação. No geral, como estão em deslocamento, as pessoas estão em pé se orientam lado a lado. Caso os indivíduos estejam correndo, não há muitas trocas de palavras entre eles. No entanto, se eles estiverem caminhando, a conversação é uma atividade frequente. No caso dos ciclistas, temos um outro padrão: os indivíduos estão sentados sobre os bancos e, se estão acompanhados por outro ciclista, esse se mantém ou na frente ou à trás formando uma linha; em poucos momentos eles se colocam lado a lado. Outra dinâmica peculiar são as frases de incentivo que as pessoas que se exercitam dão umas às outras. Quando alguém que está se exercitando perde o fôlego e para, é possível observar que as outras pessoas que estão ao seu lado gritam frases de incentivo e de estímulo para que continue se exercitando.

As olhadelas são outra atividade recorrente. Ao se deslocar, o indivíduo tem a oportunidade de observar a partir de inúmeros pontos de vistas ao longo do trajeto. É muito comum, então, que os corredores olhem para seus pares na rua, assim como observem aqueles que estão parados em outras áreas do Parque. Se exercitar na rua é, em grande medida, observar o Parque. Trata-se de uma ocasião em que o corpo, assim como o olhar, está em constante deslocamento e em que as olhadelas são uma atividade frequente. Por fim, há de se considerar também o sentido de circulação de tráfego de pessoas na rua. No que diz respeito ao lado pelo qual os indivíduos realizam seus trajetos, o tráfego se dá pela direita. O que é conhecido como *mão francesa*.

A calçada externa, à semelhança da rua, apresenta quase a mesma variedade de formas de deslocamento, excluindo-se somente a o trânsito por skate e carrinhos. No entanto, em termos quantitativos, a calçada externa é bem menos utilizada em relação à rua. Outra interessante diferença a ser percebida são as vestimentas dos frequentados nos dois locais. Na

rua, as pessoas portam roupas e sapatos adequados para atividades físicas. Na calçada externa, também é possível notar que existem pessoas devidamente trajadas para o exercício físico. Porém, percebe-se outros frequentadores com calças jeans, saias, camisas e roupas sociais, estudantes uniformizados com grandes mochilas. Isso nos indica que, enquanto a rua se destaca como uma área predominantemente utilizada para atividades físicas, a calçada externa, além desta função, é o caminho pelo qual pessoas cortam a área 02 do Parque. Pensamos que estas pessoas que utilizam a calçada externa não estão interessadas nos exercícios da rua e nem na contemplação da calçada interna. Elas desejam unicamente atravessar o Parque.

Seja como for, a calçada externa se destaca como espaço para o exercício físico nas vias de circulação. Os indivíduos caminham, correm, andam de bicicleta, patins etc. Novamente, é seguido o mesmo padrão de movimento corporal encontrado na rua: grupos andando lado a lado, ciclistas em fileiras, olhadelas como comportamento recorrente etc. A diferença, no entanto, está nas formas de se deslocar. Enquanto na rua as velocidades do deslocamento são altas ou médias, pode-se encontrar pessoas se deslocando lentamente pela calçada. Além disso, ainda é possível encontrar deslocamentos não contínuos em que os indivíduos param, observam algo e, em seguida, retornam ao deslocamento.

Sobre a ciclovia, é previsto que seria utilizada por pessoas que se locomovem de bicicleta, de patins e de skate. Neste aspecto, ela cumpre muito bem sua função. No entanto, é comum que indivíduos caminhando pela calçada externa acabem invadindo a ciclovia. Isto causa alguns pequenos conflitos entre pedestres e ciclistas, skatistas e usuários de patins.

Ainda sobre essa ocasião social, é importante mencionar o papel dos bancos próximos à calçada externa. Em momentos de cansaço físico, muitas pessoas param momentaneamente seus exercícios, saem da rua, caminham até um banco que esteja próximo da calçada externa e descansam. Por exemplo, grupos de ciclistas param nos bancos em frente à cascata. Eles não estão interessados em observar a queda d'água. Ao contrário, eles se sentam com seus olhares e seus corpos direcionados para a rua, observando a movimentação de pessoas enquanto bebem água e conversam entre eles. Depois do pequeno descanso, eles retornam para a rua. Parece-nos, então, que a situação de interação de exercício físico nas vias de circulação inclui certos bancos próximos à rua.

5.2 Uma dança em um lugar: o espaço de musculação

Na subseção precedente, foram apresentados os movimentos corpóreo-espaciais de

diferentes situações de interações de lazer na área 02 do Parque de Madureira. Na atual subseção, serão apresentados os movimentos corpóreo-espaciais de uma situação de interação específica: a musculação. Agora, nós nos atemos aos pormenores dos movimentos corporais dentro do núcleo de interação focada, considerando todas as variáveis (localização, posição, deslocamento, postura, orientação, toque, extensão, cinestesia e direção do olhar). A partir das descrições, argumentamos que os movimentos do corpo na situação em questão compõem uma verdadeira dança.

Em 2019, optamos por realizar uma descrição mais detalhada dos movimentos corporais em situações de interação em que o corpo dispusesse de maior centralidade. Em outros termos, selecionamos situações de interação em que os próprios movimentos do corpo eram os objetos primordiais da ocasião social. Trata-se do caso da musculação, dos exercícios nas vias de circulação, do alongamento e das danças nos rolezinhos e nos shows de forró.

Com a intenção de descrever detalhadamente os movimentos corporais, selecionamos a musculação como situação de interação a ser investigada. Entre as situações de interação selecionadas, a musculação era a menos frequentada quantitativamente e a com menor abrangência espacial. Essas características mostraram-se vantajosas à medida que, em 2019, desejávamos testar os procedimentos. Por isso, era interessante descrever os movimentos corporais em uma situação de interação em que tivéssemos maior controle, tanto para enxergar toda a ocasião social a partir de um ponto de vista, quanto para acompanhar os movimentos de todos os indivíduos. Por essas razões, a musculação foi selecionada como a primeira situação em que descreveríamos os pormenores dos movimentos corporais

Feita a análise inicial da musculação em 2019, a proposta era que, ao longo do ano de 2020, fôssemos capazes de realizar essa descrição mais detalhada em outras situações de interação em que o corpo dispunha de uma centralidade ímpar. Todavia, as medidas para a redução de contágio pela COVID-19 fecharam o Parque durante meses. Finalmente, quando o Parque reabriu, a insegurança e o perigo de contaminação ainda estavam muito presentes. Durante os trabalhos de campo de 2020, não havia vacina e os frequentadores demonstravam pouca preocupação com as medidas de distanciamento social. Por segurança, optamos, então, por não realizar a descrição de outras ocasiões sociais e sim adensar aquela que já havia sido iniciada em 2019: a musculação.

Nesta subseção, portanto, nossa análise dos movimentos corpóreo-espaciais se restringe à ocasião social da musculação. Em 2020, os trabalhos de campo foram feitos não para coletar novos dados, mas para averiguar se os procedimentos de pesquisa ainda eram capazes de coletar informações. Com isso em mente, o que será apresentado adiante são

reanálises de dados coletados em 2019 à luz das reflexões que os trabalhos de 2020.

O espaço de musculação está posicionado próximo do limite entre as áreas 02 e 03 do Parque. Ao norte do Centro de Educação Ambiental e a leste da cascata, a área de musculação está localizada em uma área gramada (Figura 29). A sudoeste, há a faixa de areia e, a nordeste, há a ciclovia e a calçada externa. Internamente, o espaço de musculação está sobre um tablado retangular de madeira um pouco acima em relação à grama. Ele conta com uma rampa de acesso pela ciclovia. Ademais, excluindo a aresta do retângulo que dá para a ciclovia e a outra que está voltada para o Centro de Educação Ambiental, há pequenas grades que marcam o limite do espaço de musculação com o gramado.

Ele é composto por uma série de equipamentos em aço inox (Figura 30). Estes mobiliários para exercício físico, porém, não se distribuem homogeneamente dentro do próprio espaço de musculação. A rampa de acesso e os corrimãos que ocupam os dois lados da rampa acabam por dividir a superfície retangular do local em dois lados distintos. De um lado, há uma barra fixa horizontal, uma barra fixa curvada, uma escada vertical e uma escada horizontal. De outro, encontramos um aparelho de abdominal dois puxadores paralelos.

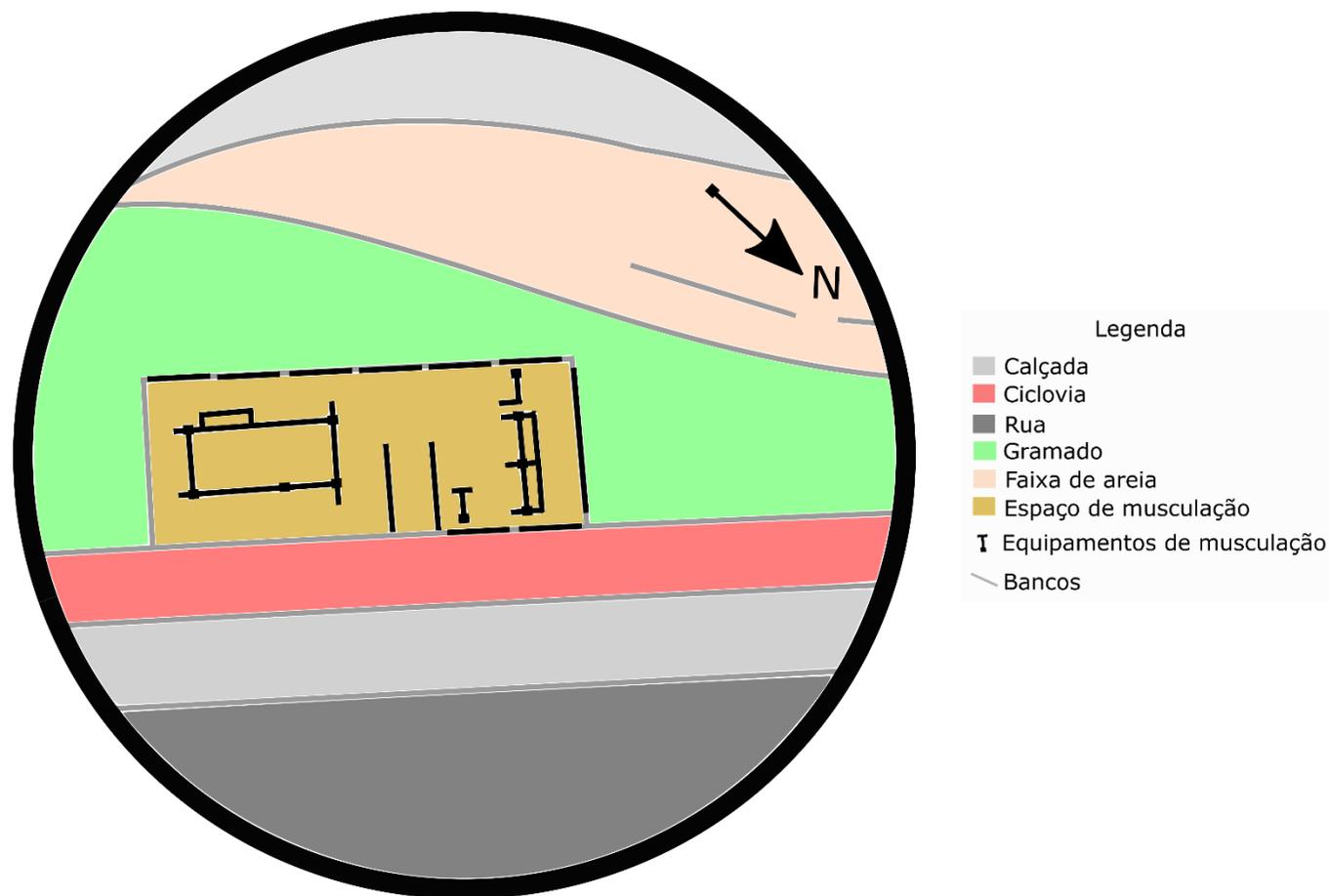


Figura 29. Entorno imediato do espaço de musculação.



Figura 30. Equipamento do espaço de musculação.

Fonte: <https://www.portalacesse.com/vagas-tim-busca-profissionais-com-deficiencia-em-sao-paulo/4academia1/>. Acesso: 18/12/2020

Expostas as características morfológicas, podemos começar a descrever os movimentos corporais no espaço de musculação. Nossa observação foi realizada tanto em dias úteis quanto em dias não úteis, do final da tarde às 17h até o horário de fechamento do Parque às 22h. Esse intervalo de hora foi selecionado por ser o período em que o espaço de musculação é mais frequentado. Para observar os comportamentos deste local, nos posicionamos em uma pequena área gramada ao lado do mirante. Desse ponto de vista elevado, tínhamos uma visão oblíqua e distanciada para o que acontecia no espaço de musculação. Também durante os trabalhos de campo de 2020, mantivemo-nos no mesmo local para observar os movimentos corporais dos homens, mas por um menor período de tempo.

Imagine-se o leitor sentado no gramado ao lado do parapeito do mirante. É final da tarde, a temperatura está amena, o céu está com poucas nuvens e o crepúsculo está prestes a começar. Deste local, temos uma visão oblíqua sobre o que se passa no espaço de musculação. Lá, estão quatro homens que possuem entre 25 e 40 anos aparentemente. Todos sem camisa, mostrando seus corpos com músculos bem definidos. Eles portam shorts e tênis adequados para exercícios físicos. Suas mochilas e camisas estão posicionadas do lado de fora do espaço de musculação, no gramado, junto à grade de aço *inox*.

Ao contrário do que se imagina inicialmente para uma área de musculação, estes homens estão parados. Dois deles estão sentados sobre a grade enquanto os outros dois estão em pé de frente para os que estão sentados. Eles conversam entre si. De repente, um dos homens que está em pé sai do círculo de conversa e dá alguns passos em direção à barra fixa curvada. Ele coloca suas mãos na barra e levanta o peso do próprio corpo em movimentos sucessivos de subida e de descida. Durante o exercício, os outros três homens permanecem onde estavam, mas seus olhares estão voltados para o primeiro homem que se exercita.

Depois de levantar o peso de seu corpo diversas vezes, o primeiro homem solta a barra fixa curvada, coloca as mãos nos quadris enquanto recupera o fôlego e vai se sentar na grade para descansar. Em seguida, um segundo homem, daqueles que estavam sentados na grade limítrofe da área de musculação, levanta-se e caminha. É ele que, neste momento, levanta o próprio peso no mesmo equipamento que o primeiro homem utilizou. Quando o segundo homem termina sua sequência de exercícios, é a vez do terceiro e, por fim, do quarto. Há um verdadeiro revezamento do uso do mobiliário. Durante todo o processo, os homens continuam conversando entre si.

Notamos que mais três homens se aproximam a pé e entram no espaço de musculação pela ciclovia. Ao entrar no espaço de musculação, eles tiram as suas camisas e as depositam no gramado ao lado. Esses homens trocam apertos de mão com os quatro primeiros e se engajam em conversas rápidas. Posteriormente, estes três últimos homens começam a se alongar. O quinto, na contagem total de frequentadores do espaço, extrapola os limites do espaço de musculação e se alonga no gramado próximo à faixa de areia. O sexto e o sétimo tomam uma posição particular para realizar a mesma atividade. Eles se locomovem até o limite da área de musculação em frente à ciclovia e começam a se alongar. Enquanto se alongam, eles mantêm seus olhares fixos observando a crescente movimentação de pessoas na rua e na calçada externa. Também é possível ver que alguns transeuntes da rua retribuem o olhar e os observam. Estamos diante, novamente, da olhadela. Essa atividade de observação furtiva que, nesse caso, conecta os corredores da rua com os homens da musculação.

Após o alongamento, todos os sete se reúnem em um círculo de conversa. Eles ocupam uma extensão de 6 metros quadrados, localizando-se próximos uns dos outros. Na forma de revezamento, um por vez sai do núcleo de interação focada, se exercita e depois retorna. Notamos, agora, que dois homens saem ao mesmo tempo do círculo de conversa. Um deles se deita de costas sobre a superfície de madeira. O outro se ajoelha e coloca as mãos sobre os pés do primeiro. Deitado no chão, este se esforça para levantar o tronco do seu corpo, enquanto o segundo homem apoia suas pernas. Trata-se de uma abdominal. Estas formas de contato corporal entre os homens para a realização de exercícios físicos não são incomuns. Outro exemplo verificado é o salto para o uso da barra fixa horizontal. Devido à altura elevada da barra, é difícil para alguns frequentadores alcançá-la para se exercitar. Diante disso, um segundo homem segura a cintura daquele que deseja usar a barra fixa e, então, dá impulso ao salto do primeiro indivíduo, levantando-o mais alto do que ele poderia sozinho.

De forma geral, os homens se tocam. No entanto, toques não ocorrem somente durante a realização de um exercício físico. Ao contrário, é possível notar que o toque ocorre com relativa frequência. Quando aquele que se exercita retorna para o grupo, ele é recebido com uma tapa nas costas pelo colega que está ao seu lado. Essa rotina de toques é possível à medida que as distâncias entre eles são pequenas o suficiente ao ponto de se tocarem bastando estender sutilmente o antebraço. Esses tapas possuem, ao nosso ver, uma função de incentivar e de encorajar o indivíduo que acabou de sair de uma sequência de exercícios. Eles demonstram que seus colegas de musculação, além de notarem o seu retorno ao núcleo de conversa, prestam atenção no exercício que é realizado pelo seu par.

Deixando de lado o contato físico entre corpos, continuamos observando o que os

outros homens fazem. Na parte do gramado a sudeste, o quarto homem faz flexões. Para isso, ele estende seu corpo sobre a grama com os pés apoiados na mesma superfície. Contudo, suas mãos estão sobre o tablado de madeira do espaço de musculação. Neste caso, o indivíduo mobiliza dois espaços para a prática do exercício: a área de musculação e o gramado. Notamos, ainda, que a mesma atividade de flexão é realizada pelo sexto homem, mas em outro local. O sexto coloca as mãos sobre o tablado de madeira, enquanto o restante do corpo está estendido sobre a ciclovia onde ele apoia seus pés. Neste cenário, os transeuntes que passam pela via precisam contornar o sexto homem para não o atropelar.

Quando escurece, seis dos sete homens partem juntos. Os seis se despedem com apertos de mão do único que permanece no espaço de musculação. Sozinho, o terceiro homem na contagem total continua praticando exercícios. Com as mãos na barra horizontal fixa segurando todo peso do corpo, ele levanta somente as pernas em movimentos de subida e de descida. Ele realiza esse movimento corporal com o olhar voltado para a calçada externa e para a rua onde o fluxo de transeuntes é intenso. Ao mesmo tempo em que ele se exercita, ele mantém sua atenção voltada para o que acontece em outros locais ao seu redor, notadamente, para a movimentação da rua e da calçada externa. Depois de realizar uma série contínua dessa atividade, ele solta a barra fixa horizontal, sai do espaço de musculação, caminha alguns passos pela calçada externa, para no meio desta, observa as pessoas que passam por ele e depois retorna à academia onde ele recomeça a mesma atividade de musculação.

Ele realiza essa sequência de movimentos – se exercitar, caminhar até a calçada, parar e depois retornar ao exercício – diversas vezes, atraindo os olhares dos transeuntes. Nesses comportamentos, identifica-se uma clara conexão espacial entre os exercícios físicos nas vias de circulação e a musculação. O exibicionismo do homem se relaciona com o intenso afluxo de pessoas nas vias de circulação. O homem se exhibe à medida que há, nas proximidades, um espaço onde o público que frequentemente o observa. Trata-se, portanto, de uma associação entre comportamentos de situações de interação diferentes. Essa correlação ocorre sobre um plano espacial, onde consideramos a posição, a localização e as distâncias dos corpos, assim como as direções de seus olhares.

Enquanto o terceiro homem se exhibe, dois outros homens, que são classificados como oitavo e nono, caminham pela calçada externa em direção ao espaço de musculação. Eles entram e usam o equipamento de abdominais algumas vezes e partem poucos minutos depois de terem chegado. Eles continuam na mesma direção do trajeto em que eles estavam antes de entrar no espaço de musculação. O terceiro homem, por sua vez, continua praticando a mesma sequência de movimentos. No entanto, em um determinado momento, ele recolhe sua

mochila, põe a sua camisa e parte. A dança se encerra; não há mais ninguém no espaço de musculação.

Este esvaziamento do espaço, contudo, não dura muito tempo. Ainda se observa homens que estão correndo pela calçada externa e decidem entrar no espaço de musculação. Eles utilizam a barra fixa horizontal ou a curvada e, depois de uma curta sessão de exercícios, retornam ao *jogging* na calçada externa. Além dessas ocupações momentâneas do espaço de musculação, ainda é possível identificar permanências mais duradouras temporalmente. São homens que caminham pela calçada, entram no espaço de musculação, tiram a camisa – em alguns casos, já estão sem elas – e colocam seus pertences no gramado junto ao espaço de musculação. Outros, por sua vez, chegam de bicicleta e a colocam no gramado junto à área de exercício.

A hora passa, mais e mais homens chegam no espaço de musculação. Podemos contar até 15 indivíduos utilizando o espaço de musculação, o gramado do entorno e os bancos nas proximidades, de forma que toda situação de interação se estenda por quase 20 metros quadrados. Eles tendem a repetir os mesmos padrões comportamentais indicados no início: ao chegarem se cumprimentam, tiram a camisa, entram em conversa com outros homens que já estão no local, alongam-se no gramado ou na ciclovia, fazem revezamentos de aparelhos, fazem pequenas pausas entre os exercícios, caminham pela calçada entre as atividades e ajudam uns aos outros em exercícios específicos.

Nesse cenário de grande concentração de homens no espaço de musculação, há pequenos subgrupos de conversa. Cada um deles é formado por indivíduos que já se conhecem aparentemente. Dentro desses subgrupos, a distância entre os homens é pequena, bastando estender ligeiramente o antebraço para conseguirem se tocar. Além do toque ser mais frequente, esses homens também se orientam formando ângulos agudos, quase de frente um para o outro. Por outro lado, quando identificamos homens sozinhos e esses, porventura, falam com outros homens que estejam igualmente sozinhos, a distância entre eles é maior. Seria necessário que eles entendessem completamente os braços ou as pernas para conseguirem se tocar. Do mesmo modo, a orientação entre homens que se desconhecem formava ângulos obtusos, mais abertos.

Essas orientações dos corpos durante as conversas nos mostram diferentes níveis de engajamento e de intimidade. Entre amigos, parece-nos que havia maior camaradagem, estreiteza e comprometimento com a interação direta que ali se fazia. Isso se manifestava na orientação dos corpos, que se orientavam em ângulos agudos. De outro modo, quando

estranhos se falavam no espaço de musculação, eles mantinham ângulos obtusos. Isso demonstrava, ao nosso ver, menor desejo de se engajar diretamente em uma conversa ou até mesmo menor grau de intimidade. Por isso, os corpos estavam mais apartados.

Além desses movimentos corporais, é possível identificar outros. Nos momentos de maior quantidade de homens, é comum que, para indicar que se deseja utilizar um equipamento que está sendo usado por alguém, aquele que solicita o uso se posicione em frente ou ao lado daquele que está usando o equipamento. Nestes casos, os dois homens não trocam palavras. É a presença espacialmente próxima do outro que indica o desejo de uso do mobiliário. Em geral, o homem que está utilizando deixa o equipamento e, em seguida, este está livre para o outro usuário.

Nota-se outro caso interessante. Após realizar uma série de exercícios, certos homens se deslocam até o limite entre a área de musculação e a ciclovia e permanecem nesse lugar observando o movimento da rua. É importante se lembrar que, da mesma maneira que estes homens se posicionam para ver, eles também são vistos pelos transeuntes que viram suas cabeças e direcionam seus olhares para ele. Neste limiar entre a musculação e a ciclovia, há uma verdadeira troca de olhares entre os homens e os corredores da rua. Após certos minutos parados na fronteira entre uma situação e outra, os homens retornam às suas atividades.

A área de musculação está cheia; há muitos usuários para um espaço tão pequeno. Porém, os frequentadores não se distribuem de maneira homogênea. A parte do espaço de exercício que apresenta a barra fixa horizontal, a barra fixa curvada, a escada vertical e a escada horizontal é mais ocupada. Por consequência, estes equipamentos também são mais utilizados e mais disputados. Do lado onde há o aparelho de abdominal e os dois puxadores paralelos, há poucos homens se exercitando.

Nessa situação de interação predominantemente masculina, um homem chega ao espaço de musculação acompanhado por uma mulher. Esse, ao adentrar no espaço, retira a camisa e troca cumprimentos com um dos homens que já está no local. A mulher, por sua vez, afasta-se da área de musculação e se desloca até o gramado junto à base de uma palmeira. Lá, ela se senta sobre a grama e, com suas costas apoiadas na árvore, ela observa a movimentação de pessoas na rua. Quando o homem com o qual ela chegou sai da área de musculação, ela se levanta e o acompanha. Em nenhum momento, ela apresentou interesse de utilizar os equipamentos. Pelo contrário, assim que se aproximaram do espaço de musculação, ela se separou e procurou um lugar para esperar. Este, porém, não foi um caso único. Em diversos momentos, identificamos mulheres que chegaram junto com homens ao espaço de

musculação, mas essas se distanciam e esperam seus companheiros sentadas sobre o gramado em volta ou sentadas sobre bancos de concreto mais distantes.

Não obstante à já densa ocupação, um décimo sétimo homem chega. Este se particulariza porque traz consigo uma caixa de som. Ele a posiciona junto à coluna da escada vertical e começamos a escutar músicas no estilo de *rap* e *hip-hop*. Agora todos os movimentos corporais são feitos ao som de música. O alcance espacial do som ultrapassa em muito a área musculação. Sentados a metros de distância do mirante, nós somos capazes de escutar as melodias. Estas músicas não chamam somente a nossa atenção. Ao contrário, quando o homem liga a caixa sonora, os transeuntes que passam pela calçada externa e pela calçada interna têm sua atenção atraída para o espaço de musculação. Parece-nos que, novamente, o som desempenha um papel fundamental no redesenho dos alcances espaciais de uma situação de interação. Nesse caso, o som expande o alcance espacial da situação de interação da musculação, atraindo a atenção de diversas pessoas para observar os homens se exercitando. Assim, o uso do aparelho sonoro aumenta o potencial de exibição da atividade de musculação.

Nos períodos em que há maior ocupação, em geral das 19h às 21h, podemos ver que, além do gramado do entorno da área de musculação, eles também usam os bancos da faixa de areia para se exercitar. Eles sobem nos bancos e, em cima deles, fazem flexões. O que se tem é uma situação de interação que mobiliza outros espaços que não foram previamente definidos para esta atividade, estendendo-se por quase 20 metros quadrados (Figura 31).

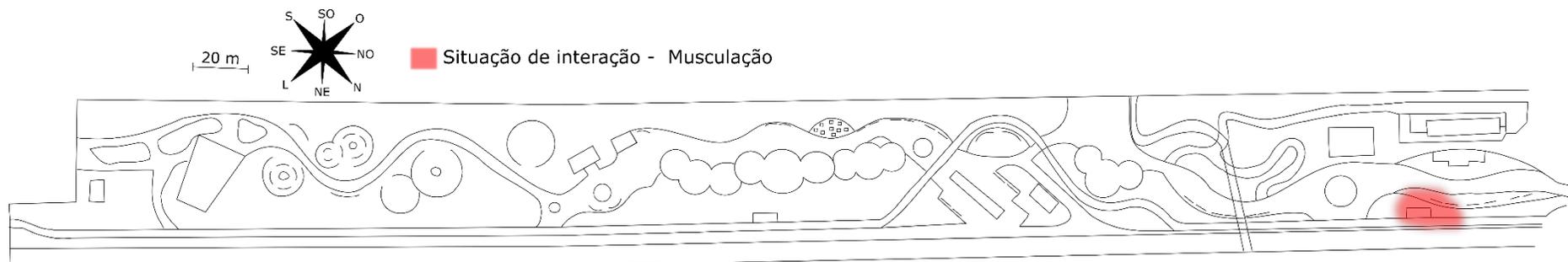


Figura 31. Abrangência espacial da situação de interação musculação.

Ainda sobre a musculação, três comportamentos chamam a nossa atenção. O primeiro deles está relacionado às crianças. O espaço de estudo, durante todos os dias de observação, foi predominantemente ocupado por homens adultos. A principal quebra desse perfil de público se dá com as crianças. Elas chegam correndo, sobem nos equipamentos e, em muitos momentos, suas ações atrapalham os homens em seus exercícios. Estes indivíduos acabam tendo que lidar com os infantes que também pedem para usar os equipamentos.

O segundo comportamento que chama profundamente a nossa atenção são as cantadas. Como dito, os homens conversam entre si e observam as pessoas que passam ao seu redor. Em casos em que encontramos uma mulher sozinha ou um grupo de mulheres caminhando lentamente na calçada interna, um dos homens sai da área de musculação, atravessa o gramado e a faixa de areia e vai ao encontro delas. Ele as aborda, inicia a conversa. Neste momento, nosso ponto de vista não nos permite escutar o que dizem, mas identificamos que conversam. Caso a conversa seja bem-sucedida e as meninas aceitem a investida do rapaz, este último dá um sinal para os outros amigos que o esperam no espaço de musculação possam se juntar a ele e as meninas. Quando os outros rapazes se juntam às meninas e ao primeiro homem, vemos que eles conversam entre si, digitam coisas nos celulares e, em seguida, separam-se. As meninas continuam seu trajeto pela calçada interna. Já de volta à área de musculação, é perceptível a comemoração dos rapazes com abraços e apertos de mãos.

O terceiro comportamento que chamou a nossa atenção foram as poucas diferenças comportamentais entre o período anterior e durante a pandemia. O que foi observado nos trabalhos de campo de 2020 foram os mesmos padrões identificados em 2019. A diferença reside somente no uso de máscaras por poucos homens. Esses homens que a utilizavam estavam, em geral, sozinhos. Eles adentravam o espaço de musculação, exercitavam-se e, depois de alguns minutos, seguiam seus caminhos. Após utilizar um aparelho, alguns passavam álcool em gel nas mãos, mas esse comportamento foi observado poucas vezes. No geral, no espaço de musculação, os homens não utilizavam máscaras ou seguiam qualquer regra de distanciamento social.

Sobre o ponto de vista, é necessário fazer um pequeno comentário antes de encerrarmos essa etapa descritiva da situação de interação da musculação. Nossa vista oblíqua nos permitiu uma posição privilegiada para observar o que se passava. No entanto, apesar da distância física e da visão do alto, isto não impediu que a nossa posição não fosse percebida pelos usuários do espaço de musculação. Como ficamos muitas horas seguidas parados em um mesmo lugar e com o olhar direcionado para eles, fomos notados. Em geral, tanto nos trabalhos de campo de 2020 e de 2019, eles paravam suas atividades, conversavam entre si,

nos observavam e apontavam para a lateral do mirante onde estávamos. Em nenhum momento eles vieram diretamente falar conosco. Porém, eles demonstravam, em alguns momentos durante os trabalhos de campo, este comportamento de curiosidade ou de incômodo sobre a nossa presença ao observá-los.

Vistas as principais características das interações sociais na área de musculação em termos dos comportamentos e das morfologias, faz-se necessário produzir uma generalização que demonstre os principais tipos de movimentos corporais encontrados no local. Para isso, voltamos à ideia de coreografia de Rudolf von Laban para desenvolver um conjunto de códigos gráficos que descrevessem as formas espaciais dos movimentos corporais. O modelo gráfico original produzido por Laban, a *kinetografia*, é muito rico e detalhista para pensar as posições espaciais de cada parte do corpo. No geral, Laban identifica vinte e sete tipos básicos de posições espaciais de corpo, podendo se expandir para muitas outras posições. Ele utiliza estes códigos para representar, por exemplo, desde movimentos de pés a até movimentos do pulso de uma mão.

Não entramos no mesmo nível de detalhamento que Laban se propõe. No entanto, logo deparamo-nos com a mesma dificuldade que ele enfrentou ao produzir sua *kinetografia*: como apresentar graficamente um movimento corporal realizado em um espaço tridimensional em um suporte bidimensional de uma folha de papel? Nosso trabalho consistiu em abstrair estes movimentos tridimensionais em uma linguagem gráfica bidimensional.

Ao produzir essa linguagem, decidimos nos manter fiéis às variáveis empregadas nas descrições dos movimentos corporais: localização, posição, postura, deslocamento, orientação, extensão, toque, cinestesia e direção do olhar. Para representar a localização e a posição, plotamos os corpos dos indivíduos em um croqui da situação de interação. Em seguida, criamos um conjunto de signos para representar as outras variáveis. Esses signos foram divididos em grupos de acordo com as variáveis utilizadas ao longo da pesquisa. Logo, há um conjunto de signos que representam as posturas possíveis; outro conjunto apresenta a variedade de deslocamentos; outro, a frequência dos toques entre indivíduos; as formas de orientação espacial entre corpos¹⁵; e, por fim, signos que retratam os alcances espaciais do corpo, a saber, a cinestesia.

¹⁵ Nessa variável, o indivíduo principal cujos movimentos corporais estão sendo descritos será representado por um traço com um semicírculo preto. Caso, na descrição desse comportamento, haja outras pessoas com o indivíduo principal, essas serão apresentadas por um traço com um semicírculo branco. Esta diferenciação foi estabelecida para que se mantenha atenção sobre a orientação do indivíduo principal em relação aos outros.



Figura 32. Signos gráficos da postura.

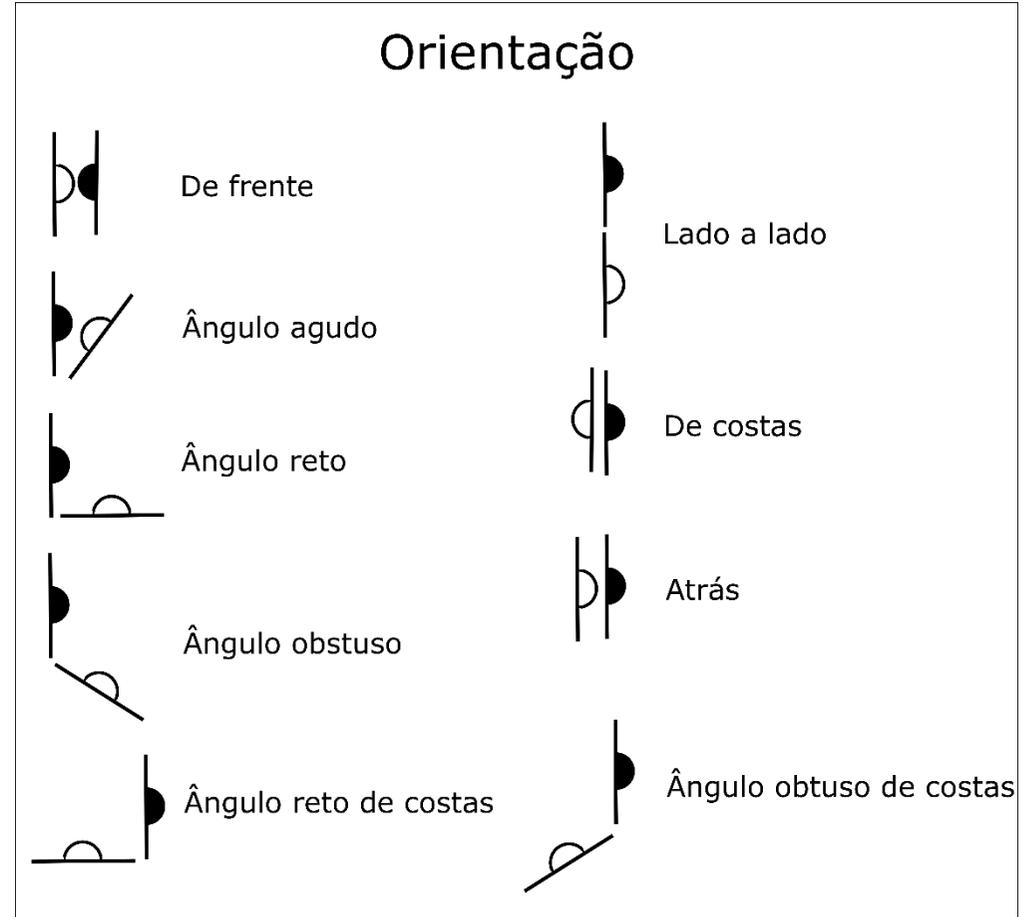
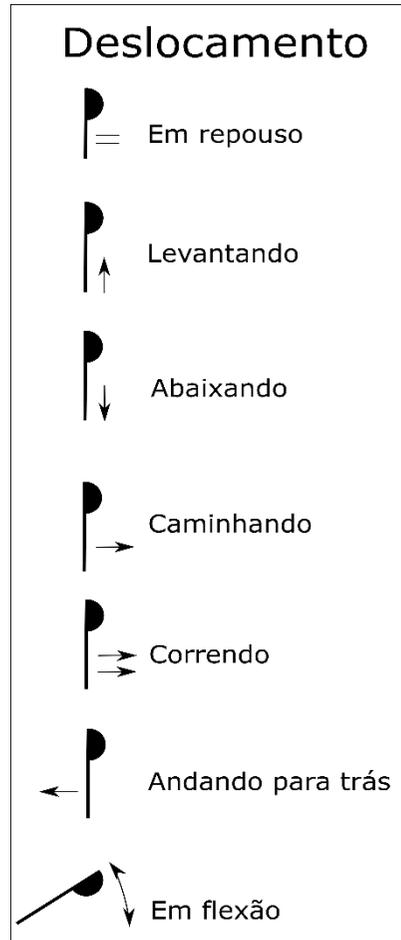


Figura 33. Signos gráficos de orientação.

Figura 34. Signos gráficos do deslocamento.

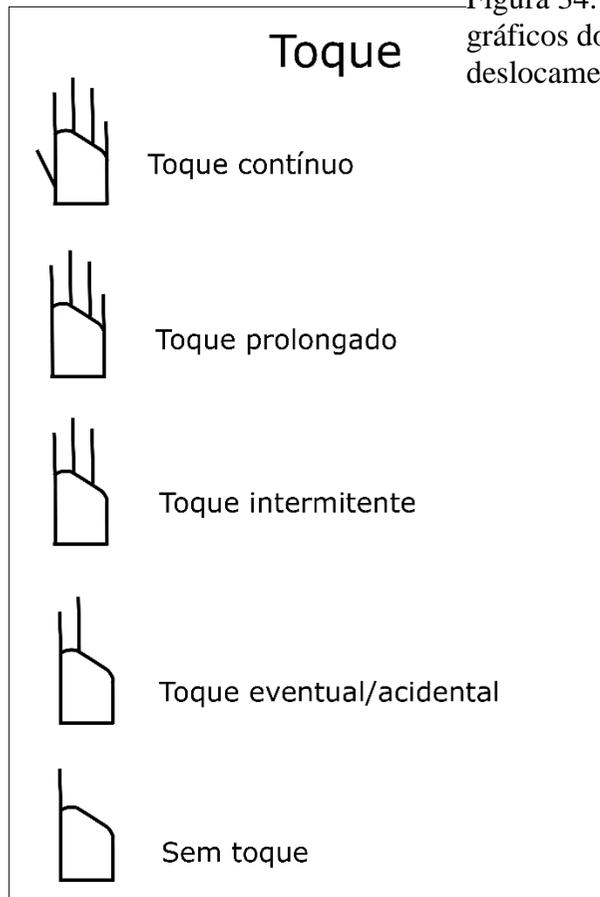


Figura 35. Signos gráficos do toque.

Cinestesia

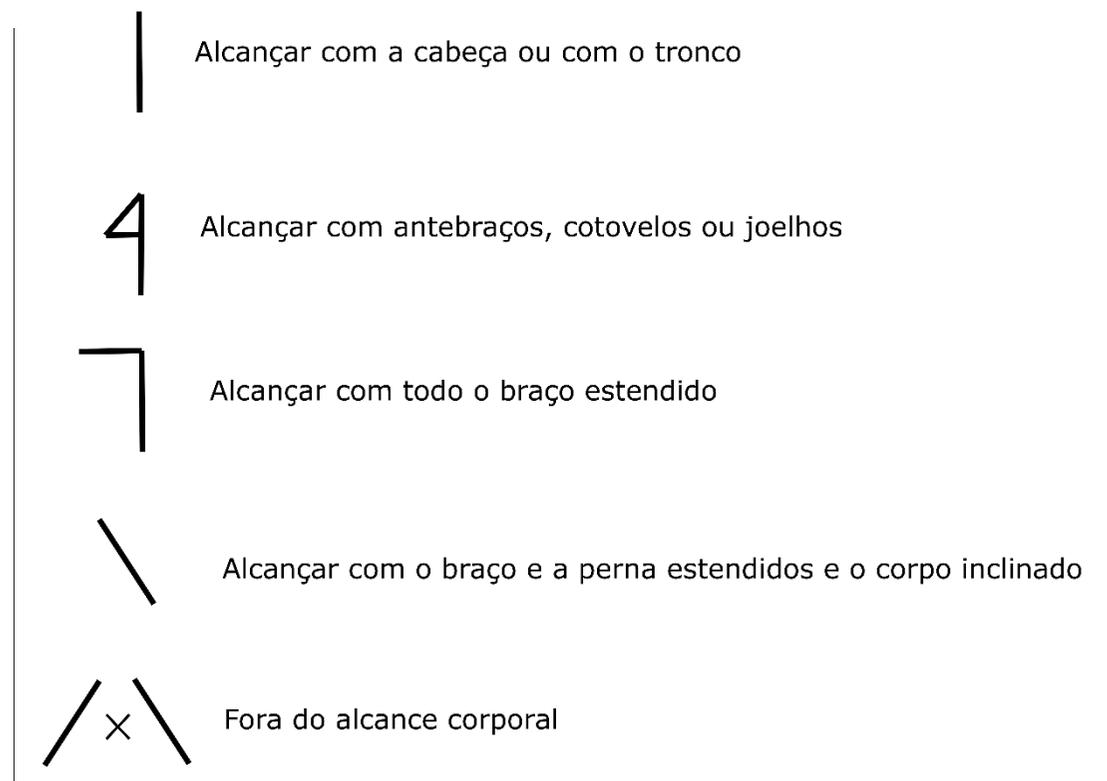


Figura 36. Signos gráficos da cinestesia.

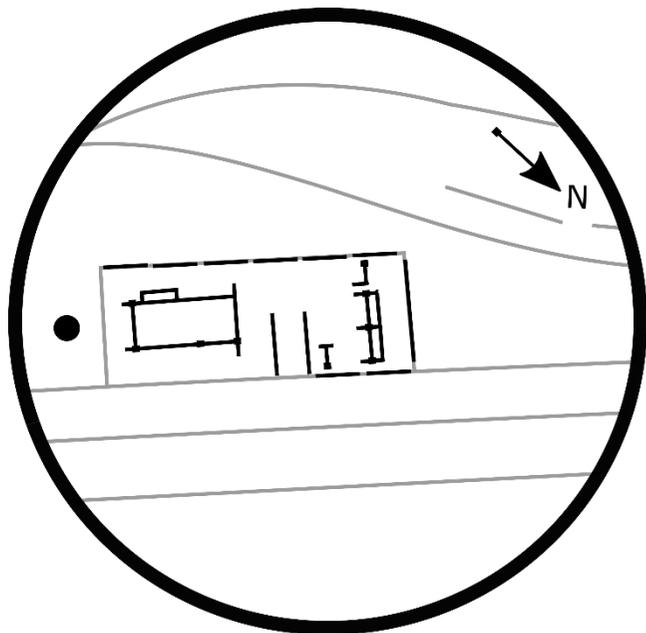


Figura 37. Localização do movimento.

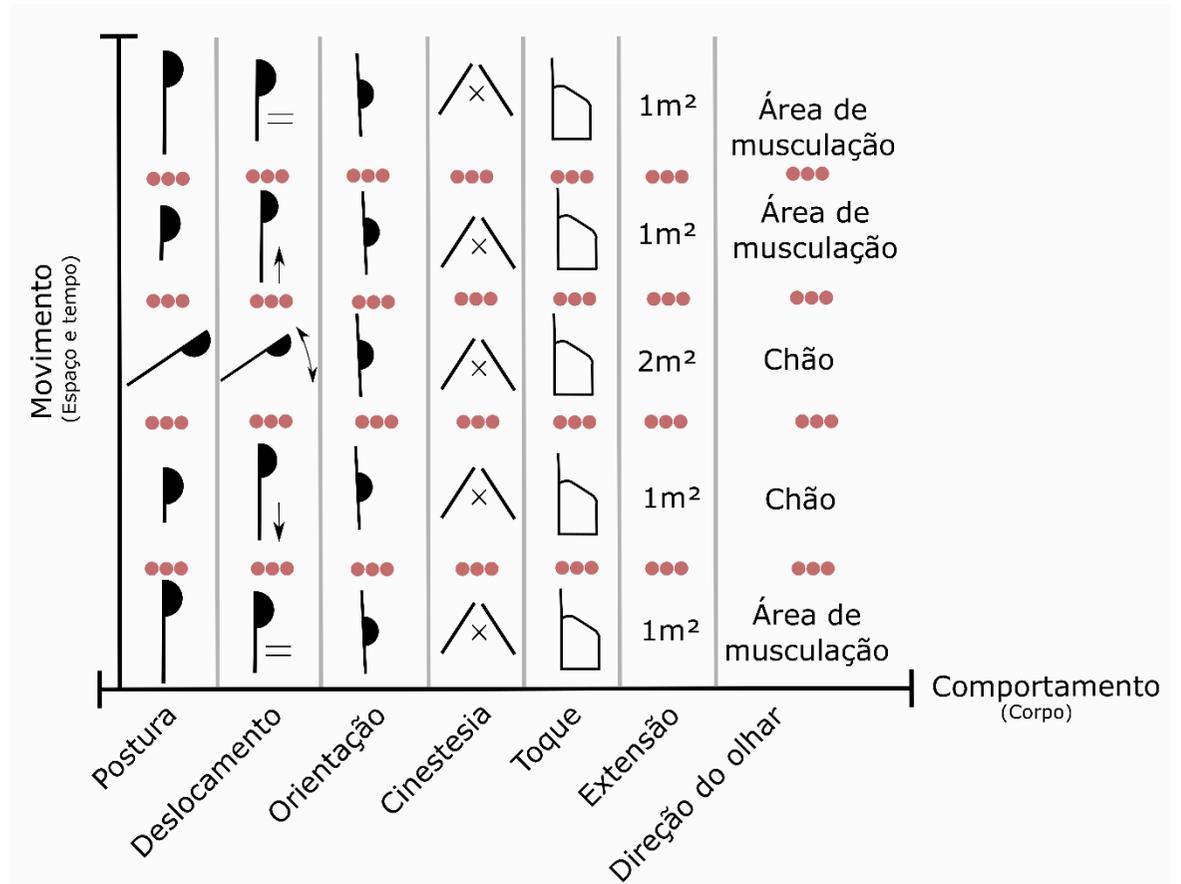


Figura 38. Quadro do movimento corporal.

Definimos, inicialmente, quatro posturas básicas: em pé, sentado, deitado, abaixado e inclinado (Figura 32). Evidentemente, podem existir diversas outras. Todavia, até o momento, essas foram suficientes para apresentar as formas espaciais da postura. Em seguida, temos os deslocamentos. Nessa variável, o corpo pode estar em repouso, levantando-se, abaixando, caminhando, correndo, andando para trás e em flexão (Figura 33). No que se refere à orientação, às maneiras com as quais um corpo pode se posicionar em relação ao outro, identificamos indivíduos de frente um para o outro, em ângulo agudo, em ângulo reto, em ângulo obtuso, lado a lado, de costas, em ângulo reto de costas e em ângulo obtuso de costas (Figura 34).

Sobre o toque, criamos símbolos que representassem a frequência com que, em uma determinada interação, as pessoas se tocam. Em certos casos, o toque poderia ser contínuo, prolongado ou até mesmo intermitente. Em outras ocasiões, o toque só ocorria de forma eventual ou acidental, gerando certo embaraço. Por fim, o toque físico também poderia não ocorrer em uma determinada situação de interação (Figura 35).

A cinestesia, por sua vez, diz respeito à capacidade de alcançar uma outra pessoa, considerando o que se pode fazer com os braços, as pernas, enfim, com o corpo. Para deixar isso mais claro, vejamos o conceito de *kinespaço* desenvolvido por Laban. *Kinespaço* é o espaço pessoal; é a área imediata ao redor do corpo cuja periferia pode ser alcançada ao estender os braços, as pernas ou a cabeça sem sair do lugar. O *kinespaço* representa a esfera espacial dentro da qual o movimento corporal se realiza; ela corresponde ao alcance máximo das partes do corpo a partir de um dado lugar. A cinestesia corresponde, assim, a uma forma de medição das distâncias dentro do *kinespaço*.

Por exemplo, pode haver corpos que estejam tão próximos dentro do *kinespaço* um do outro que poderiam se tocar inclinando suavemente a cabeça ou o tronco. Se a distância entre eles for maior, seria necessário estender o antebraço, o cotovelo ou o joelho para se alcançarem. Em um terceiro caso, o indivíduo precisaria estender completamente o braço para alcançar a outra pessoa. Em um quarto cenário, ainda mais distante, seria necessário inclinar o corpo e ainda estender completamente os braços para alcançar o outro indivíduo. No último caso, não haveria ninguém alcançável dentro de *kinespaço* de um determinado indivíduo (Figura 36).

Para direção do olhar e para a extensão, optamos por não criar nenhum símbolo gráfico que os representassem. Na extensão, não consideramos necessário criar nenhum signo à medida que o numeral seria suficiente para expressar o alcance espacial em metros

quadrados do comportamento de um indivíduo. Para a direção do olhar, apenas escrevemos para quem ou para onde se direcionava a atenção da pessoa em um dado momento.

Preparamos um exemplo para apresentar o uso do croqui e dos signos, já que os dois são responsáveis por apresentar o movimento corpóreo-espacial. O exemplo corresponde a um exercício de flexão. À esquerda, há o croqui a partir do qual extrai-se informações sobre a localização e a posição do movimento. A pequena bola preta representa a posição do indivíduo. (Figura 37). Ao lado direito, há um quadro que decompõe o movimento corporal a partir das variáveis restantes. Como em um gráfico, o quadro é composto por dois eixos: um horizontal e outro vertical (Figura 38). O eixo horizontal corresponde ao comportamento que está sendo analisado. Esse eixo é dividido, então, em diferentes colunas. Cada uma delas representa uma variação do comportamento, ou seja, uma variável empregada na descrição. Em cada coluna, devem ser usados os símbolos adequados para aquela variável.

O eixo vertical, por outro lado, configura o movimento. Ele marca o processo, o transcorrer no tempo e no espaço de cada uma das variáveis que compõem o eixo horizontal. Assim como Laban argumenta sobre a união entre espaço e movimento, defendemos aqui a mesma proposta. Ao indicar o movimento, o eixo vertical aponta para o curso do comportamento, considerando mudanças no tempo e no espaço. Para indicar esse movimento, é empregada, em cada coluna, uma sequência de signos que devem ser lidos de baixo para cima. A mudança de um signo para outro é marcada por três pontos vermelhos. Essa passagem corresponde a uma mudança no tempo e no espaço. Ela marca o movimento do corpo de uma forma espacial para outra. Em conjunto, acreditamos que os eixos horizontal e vertical conseguem apresentar o movimento corporal.

Ao final, temos uma espécie de gráfico de colunas onde cada uma delas é uma variável espacial do comportamento. Ao se ler de baixo para cima, a coluna mostra o desenrolar das formas do corpo no tempo e no espaço. A partir desse quadro geral, cada linha do gráfico corresponderia a um *frame*, a uma imagem fixa do movimento do corpo em um dado momento e em um dado espaço. Em sucessão, esses frames nos permitem criar um pequeno filme mental do movimento do corpo. Dessa forma, o quadro e o croqui formam uma representação gráfica do movimento corpóreo-espacial.

Com essa representação gráfica em mãos, é importante fazer algumas considerações sobre os grafismos desenvolvidos. É bem verdade que os símbolos não são elementos concretos, mas formas ideais. Isso, contudo, não quer dizer que eles sejam formas geométricas vazias de significado. Longe disso, esses signos são estruturas elementares que expressam as

formas espaciais do movimento corporal. Existe uma quantidade limitada de signos, porém as suas combinações podem ser quase infinitas. Essas combinações podem nos revelar uma grande diversidade de arranjos espaciais do movimento do corpo.

Este é, afinal, um dos principais ganhos que essa coreografia pode nos dar. Os grafismos nos permitem identificar e interpretar as organizações espaciais do movimento corporal. Eles não pretendem prever os comportamentos das pessoas, mas sim colocá-los em relação, dando destaque à espacialidade do corpo. Reconhecemos que a apresentação gráfica desenvolvida está longe de esgotar a complexidade de comportamentos. Reconhecemos também que sempre existirão minúcias e desvios no comportamento que não serão captadas por nosso modelo. Todavia, arriscamos dizer que nossa coreografia nos dá acesso à estrutura básica de organização espacial do movimento do corpo.

Visto isso, nossa tarefa seguinte foi retornar às anotações de campo e identificar o que tinha de mais geral em todo o conjunto de comportamentos apresentados pelos usuários no espaço de musculação. Depois de dezesseis horas totais de observação, em quatro dias de trabalho de campo, chegamos a três principais tipos de movimentos corporais na área de musculação. Para apresentar esses movimentos corporais produzimos inscrições gráficas para cada comportamento típico (Figuras 39, 40 e 41).

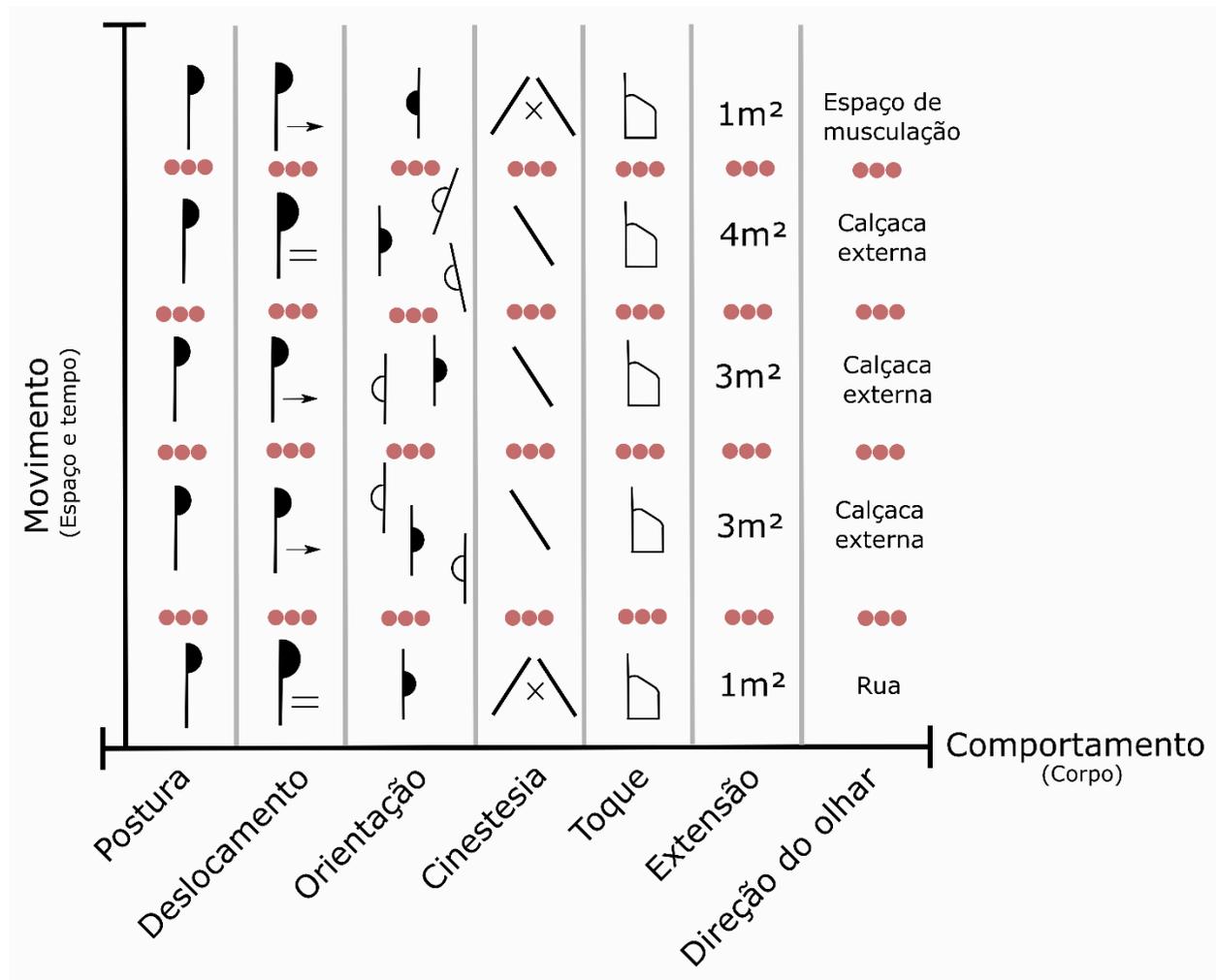
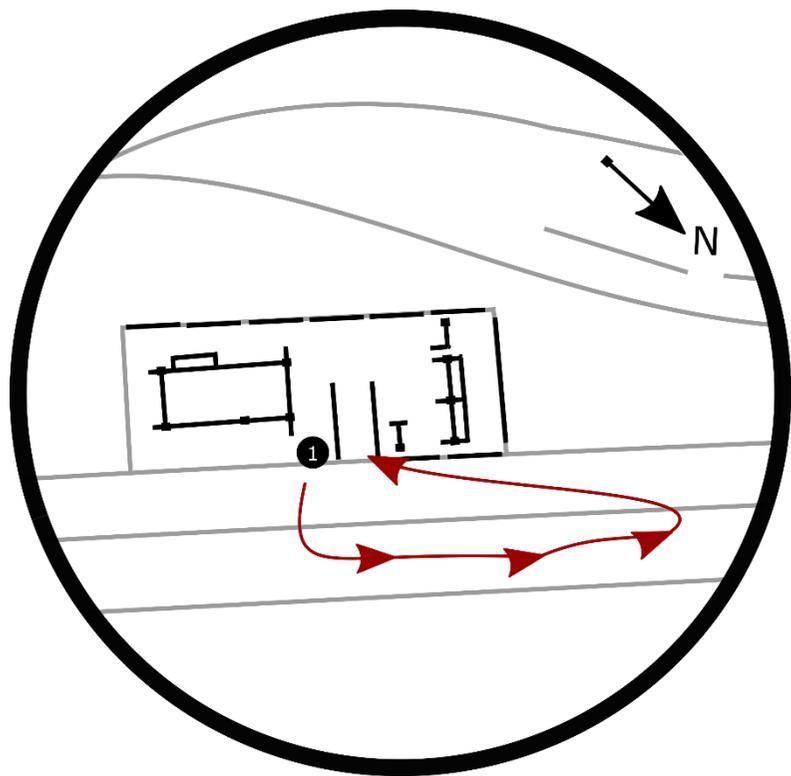


Figura 39. Movimento corpóreo-espacial – exibição.

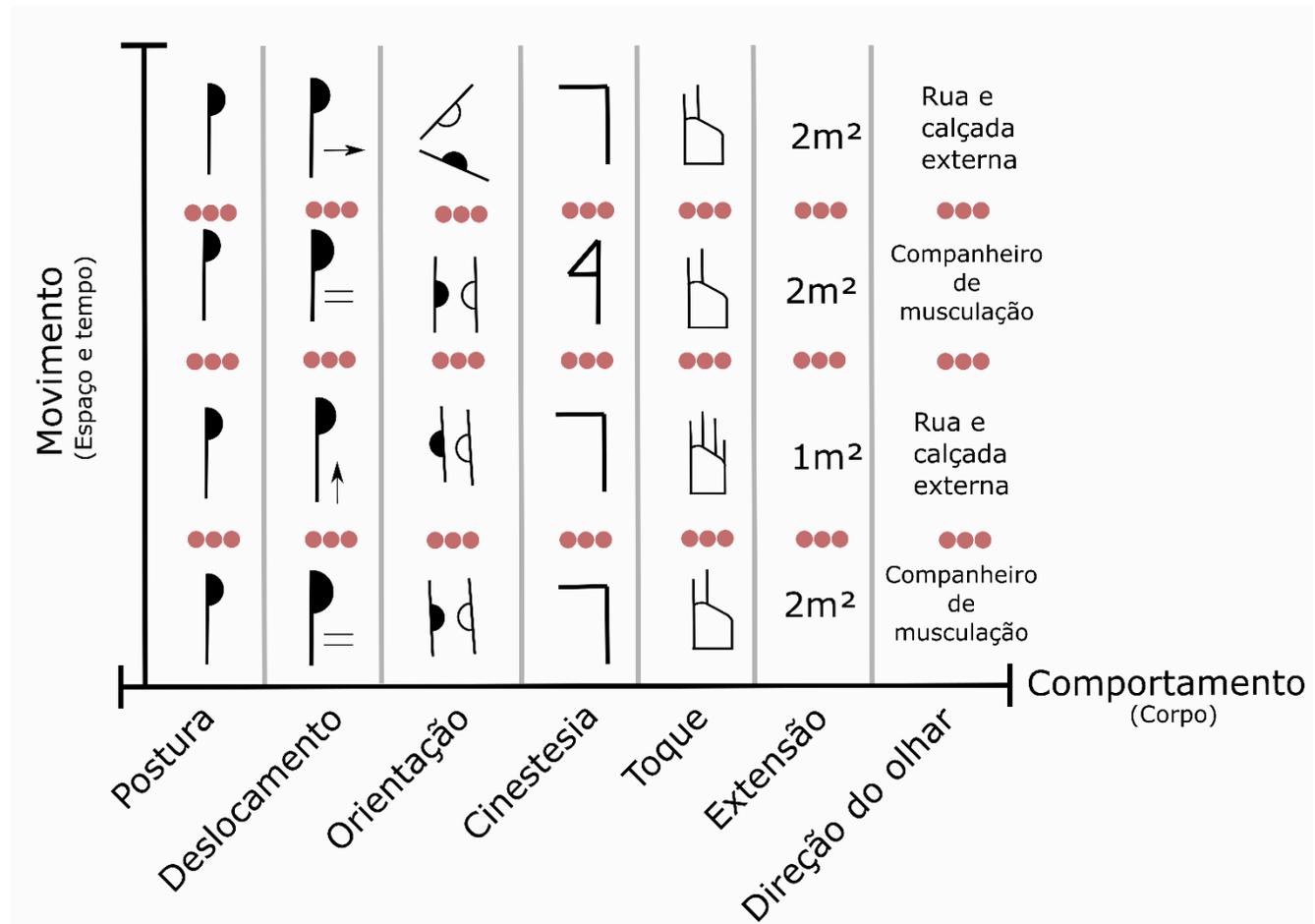
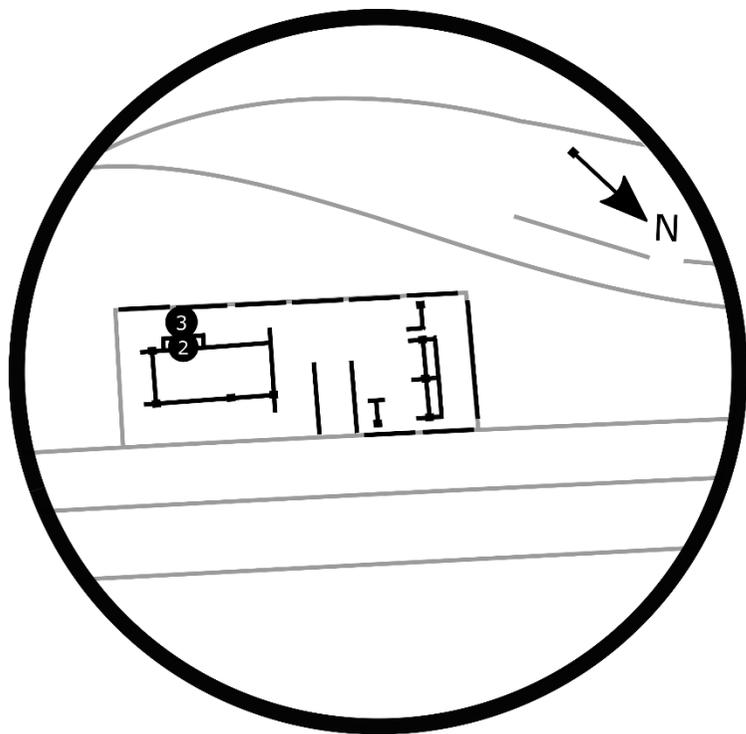


Figura 40. Movimento corpóreo-espacial – Ajuda para realização de exercícios.

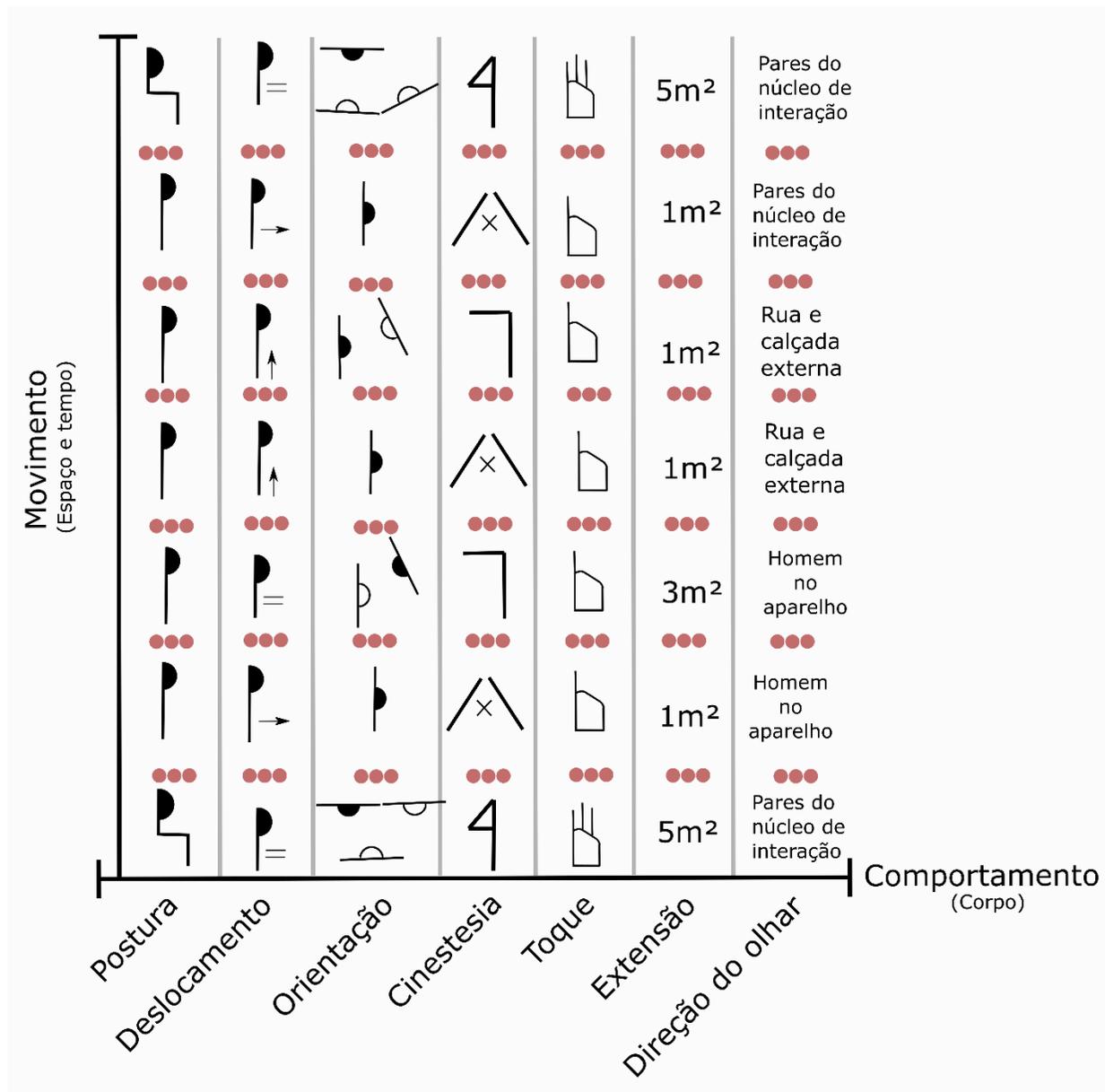
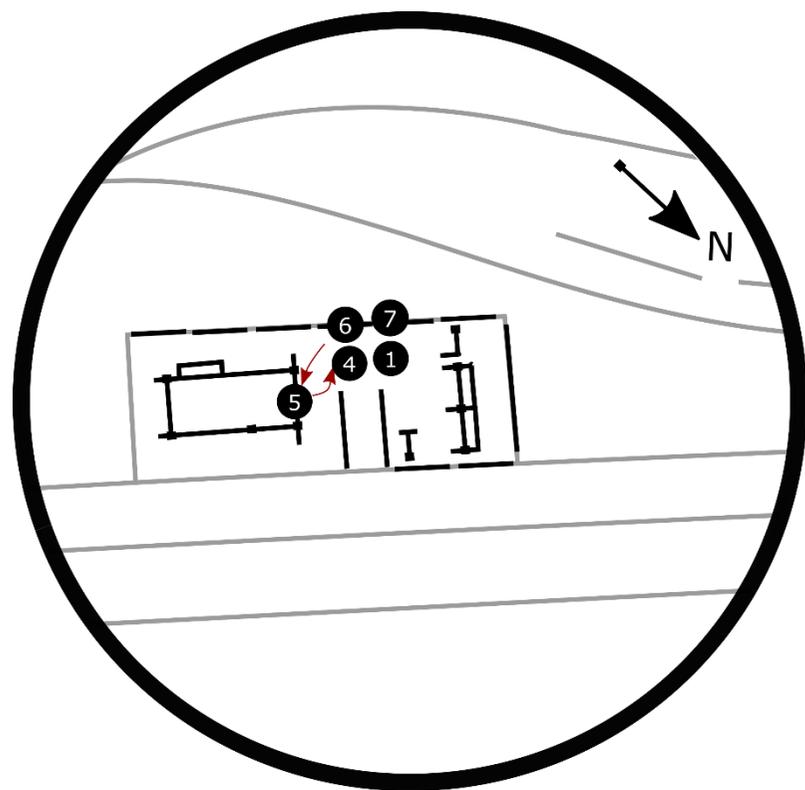


Figura 41. Movimento corpóreo-espacial – Revezamento.

Admitimos que a leitura destes grafismos não é imediata. Os croquis representam a posição de cada comportamento típico dentro do espaço de musculação. Os quadros ao lado deles expõem a sequência de movimentos corporais para cada um dos comportamentos identificados. Devemos ler, portanto, o croqui junto com quadro. O croqui nos informa sobre a localização e posição do comportamento, enquanto o quadro nos indica a sequência dos movimentos corporais segundo as outras variáveis. Em conjunto, eles apresentam o desenrolar do movimento corporal.

O primeiro comportamento corresponde os homens que saem do espaço de musculação, caminham do lado de fora e depois retornam para seus exercícios (Figura 39). O segundo representa o contato físico entre corpos. Como já descrito, para a realização de certos movimentos corporais em determinados mobiliários, é necessária a ajuda de um segundo homem. Nestes casos, a ajuda consiste em contato corporal entre eles, em que o segundo homem segura a cintura de um primeiro homem para dar impulso ao salto deste último (Figura 40). O terceiro comportamento é o revezamento do uso de um determinado aparelho de musculação. Um homem sai do grupo de conversa em que ele se encontrava, caminha até o aparelho e espera outro homem terminar sua bateria de exercícios para, então, utilizar o mobiliário. Em seguida, ele retorna ao seu núcleo de interação direta (Figura 41).

Cada um dos comportamentos típicos retratados acima mobiliza um conjunto de movimentos corporais integrados. Em outras palavras, é a união dos movimentos corporais que sustenta diferentes atividades, como descansar, andar, levantar o próprio peso etc. Em conjunto, os movimentos corporais compõem uma verdadeira dança. De acordo com nossos dados e nossas descrições, os homens que vão ao espaço de musculação à noite formam um todo ordenado onde os movimentos de seus corpos animam o lugar dentro de um processo interacional. Finalmente, estes homens dão origem a uma dança, a uma movimentação ordenada e regular do corpo cuja finalidade se encontra no próprio prazer de movimentar-se. O *esforço* dos movimentos que formam as interações do espaço de musculação não deriva de uma obrigação externa, mas provém de um impulso interior para se movimentar e interagir com seus pares. A coreografia foi o instrumento para descrever textual e graficamente essa dança.

5.3 Um sistema geográfico de danças cotidianas

Como foi argumentado ao longo de todo este texto, as descrições permitem produzir

imagens a partir das quais podemos pensar sobre o fenômeno descrito. Além das imagens textuais, produzimos diversos croquis e propomos uma nova forma de apresentação gráfica do movimento corporal. A partir de todas as imagens produzidas até aqui, podemos extrair algumas considerações importantes.

Primeiramente, é preciso reconhecer que, dentro de cada situação de interação estudada, os comportamentos de um indivíduo se relacionam com os de outro indivíduo e com a morfologia do local ocupado. Existe, portanto, um conjunto ordenado de movimentos corporais que se conectam entre si e com a materialidade do terreno. Somado a isso, é necessário ressaltar que lidamos com rituais de interação de lazer. Trata-se de práticas que, em geral, não possuem uma finalidade objetiva além do próprio deleite do convívio. Essa característica concede a essas interações um caráter particular.

Assim sendo, temos diante de nós situações de interação cujos movimentos corporais ordenados possuem fim em si mesmos. Logo, o esforço para o movimento corporal advém da própria vontade de interagir, do prazer do movimento e não de uma obrigatoriedade externa. Nesses parâmetros, podemos pensar que os movimentos corporais de cada situação de interação apresentada acima constituem uma dança. Nas situações de interação de lazer, os movimentos orgânicos de um corpo se relacionam com os movimentos de outro. Todos, em conjunto, estão situados em uma dada localidade. Dessa maneira, compõe-se um ordenamento espacial do movimento do corpo; compõe-se uma dança.

Com isso em mente, podemos nos questionar: há, então, correlações entre as diferentes danças identificadas nessa pesquisa? De pronto, pode-se dizer que sim. Para deixar isso mais claro, vejamos que as situações de interação apresentadas são contíguas e se sobrepõem em diversos momentos. Ao longo das horas, as situações poderiam tanto aumentar quanto diminuir sua abrangência espacial, de forma que ocasiões sociais diferentes coabitassem. Da mesma maneira, um espaço que era ocupado por uma ocasião X em um determinado horário também poderia ser utilizado por uma ocasião Y em outro momento do dia.

Essas contiguidades, coabitações e, em muitos casos, sobreposições apontam para algo que, talvez, tenha ficado em segundo plano ao longo das descrições das seções anteriores: que todos os comportamentos, assim como as situações de interação, estão em relação. Dizemos, ainda, que essas conexões estão fundadas em princípios espaciais. Esta é, afinal, a proposta de um sistema geográfico: fenômenos vistos a partir de suas interrelações sobre um plano espacial. No caso das situações de interação públicas de lazer, essas correlações espaciais são definidas pela copresença, pela visibilidade e pelas leis democráticas que imperam nesses espaços. A chave de leitura e de interpretação desses atributos foi, para essa pesquisa, os

movimentos corporais.

Por exemplo, a convivialidade - a atividade conversar, observar e desfrutar da presença de outros - só faz sentido quando há indivíduos com quem se coabita e para quem é possível observar, sejam as crianças brincando ou os desportistas correndo pela rua. O cuidado de crianças no parquinho não está isolado das festas de aniversário que ocorrem nas imediações desta área. É a grande concentração de crianças no parquinho que incentiva a realização das festas de aniversário na proximidade. Do mesmo modo, os encontros amorosos não estão desassociados dos rolezinhos e dos shows, já que alguns casais se formam nesses eventos e, em seguida, procuram mais privacidade nos gramados próximos. Todas essas ocasiões/situações estão em conexão espacial. A proximidade, a contiguidade e a sobreposição espacial constroem relações entre os movimentos corporais, a saber, entre as danças de diferentes situações de interação.

A visibilidade é outro elemento importante que constrói e solidifica as correlações espaciais entre as situações. Voltemos ao exemplo da olhadela, movimento corporal tão comum em casos de interação desfocada. A olhadela é uma ferramenta observacional que permite identificar e coletar furtivamente informações de algo que tenha captado sua atenção nas proximidades. Veja que essa ferramenta tem um fundamento espacial. Afinal, são as posições ocupadas no espaço que determinam aquilo que está ou não aos olhos. Pelo campo visual, uma dada posição pode conectar pessoas que estão em pontos diferentes do espaço público. No limite, a olhadela poderia conectar os espaços daquele que olha e daquele que é observado. Além disso, ela abre possibilidades de interações diretas entre indivíduos.

Basta lembrarmos, no caso dos rolezinhos, do papel desempenhado pela olhadela na formação de casais e como eles, em seguida, poderiam sair dessa situação de interação e encaminharem para um encontro amoroso. Outro exemplo são os exercícios físicos nas vias de circulação. As pessoas que correm/caminham pela rua ou pela calçada externa podem entrar em contato visual com praticamente todas as situações de interação da área 02 do Parque. Algumas pessoas, inclusive, ao identificarem o show de forró, paravam para se engajar nessa nova situação de interação. Do mesmo modo, a visibilidade de indivíduos em exercícios físicos ou em convivialidade atrai os olhares daqueles que estavam nos quiosques se alimentando. Em grande medida, os clientes dos quiosques se colocavam ali para consumir alimentos, como também para observar os usuários do Parque em outras situações. Enfim, pensamos que a visibilidade do espaço público autoriza comportamentos que podem colocar em relação situações de interações diferentes a partir de um determinado ponto de vista e do campo de observação.

Por fim, as normas de uso do Parque de Madureira também colocam em correlação os comportamentos de diferentes situações de interação, uma vez que as regras são comuns a todas as ocasiões que ocorrem dentro dos limites do Parque. Essas regras orientam os movimentos corporais em todo o Parque. Por exemplo, os shows de rock, forró e o rolezinho estão todos proibidos em virtude das novas medidas de distanciamento social. Trata-se de situações de interações que ocorrem em lugares diferentes do parque e que contam com movimentos corpóreo-espaciais particulares. Mesmo assim, a regulação comum sobre os comportamentos conecta as diferentes situações de situação, já que elas estão sobre o mesmo marco espacial onde a norma é válida.

A copresença, a visibilidade e a leis de uso fazem com que as situações de interação em espaços públicos de lazer formem um verdadeiro sistema geográfico. Cada situação de interação apresenta particularidades temporais, espaciais e comportamentais que formam as diferentes danças. No entanto, essas especificidades não impedem conexões. Ao contrário, acreditamos que as diferentes danças no espaço público se relacionam e estimulam umas as outras.

A convivialidade e os exercícios nas vias de circulação, os rolezinhos e os encontros amorosos, as festas de aniversário e o cuidado de crianças, os shows e os exercícios físicos etc. Há correlações espaciais entre as danças. Elas se conectam e compõem um todo organizado em que os movimentos corpóreo-espaciais desempenham um papel importante nesse processo de associação espacial. Ao final, temos um sistema geográfico de situações de interação; um sistema de danças no espaço público.

6 CONCLUSÃO



Preparação para exercícios físicos nas vias de circulação. Fonte: acervo Território e Cidadania, 2020.

É bem verdade que existem inúmeros ensaios, teorias, conceitos e formas de abordar o espaço público. Neste trabalho, os logradouros públicos foram compreendidos como espaços de acesso irrestrito onde a copresença, a visibilidade e o *locus* da lei democrática são seus atributos fundadores. Dentro da variedade de espaços que se enquadram nessa conceituação, limitamo-nos a investigar logradouros públicos onde as práticas de lazer, de ócio e de diversão orientam a dinâmica do lugar. Em particular, trabalhamos com o Parque de Madureira na cidade do Rio de Janeiro. Tratamos, então, das diferentes situações de interação que ocorriam nesse logradouro.

A chave de leitura dessas situações foram os movimentos corpóreo-espaciais. Nós nos preocupamos em investigar a espacialidade dos movimentos do corpo e a principal ferramenta para isso foi a descrição. Propusemo-nos, enfim, a produzir um modelo descritivo do sistema de movimentos corpóreo-espaciais em situações de interações públicas de lazer. Em termos mais simples, descrevemos as interações cotidianas de lazer a partir dos movimentos dos corpos no tempo e no espaço e confeccionamos um conjunto de procedimentos para realizar tal descrição.

Essa descrição tinha como preocupação fundamental buscar vínculos e associações entre os movimentos corporais. Ela possuía o objetivo apresentar como os comportamentos aparecem, relacionam-se e se conectam segundo um plano espacial. Esta descrição geográfica dos comportamentos cotidianos nos permitiu produzir diversas imagens, tanto o no formato textual quanto no pictórico. Como resultado, foi possível identificar padrões espaciais dos comportamentos e, em um segundo momento, a existência de um verdadeiro sistema geográfico de movimentos corpóreo-espaciais. Afinal, havia diversas relações espaciais entre comportamentos de modo a formar um sistema.

Esses movimentos corporais ordenados em situações de lazer compõem uma verdadeira dança. Como Laban argumenta, a dança é o movimento corporal cuja origem da ação vem de dentro; vem do esforço interno. A dança é o movimento do corpo cuja finalidade é o próprio ato de mover-se. Dentro desse quadro, os movimentos corporais em situações de lazer também se configuram como uma dança. Ao contrário de outras atividades cotidianas, os movimentos do lazer possuem fim em si mesmo. No lazer, em geral, não existe finalidade para além da própria interação. Deste modo, a função dos movimentos corporais nesse tipo de encontro é a própria ação de movimentar-se, assim como ocorre na dança.

Ao modelo descritivo da dança cotidiana nos espaços públicos, damos o nome de coreográfico. Em grande medida, esse modelo tentou produzir imagens das formas espaciais dos movimentos do corpo. Ele almejou produzir um quadro simplificado e inteligível da

complexidade das relações entre corpo e espaço em situações de interação. Como todo modelo, no entanto, é preciso atentar para alguns pontos importantes. O primeiro deles diz respeito à sua função. O modelo coreográfico é um modelo descritivo. Como o nome indica, ele é um construto analítico cuja principal função é descrever. Em termos mais simples, ele é um conjunto de procedimentos observacionais e descritivos que visam produzir grafismos a partir dos quais arranjos espaciais dos movimentos corporais possam ser investigados.

Em razão de seu caráter descritivo, o modelo coreográfico propõe um conjunto de procedimentos sistemáticos de observação e de descrição dos movimentos corpóreo-espaciais em situações de interação. Nesse tipo de modelo, pondera-se sobre os diferentes elementos que podem orientar a observação, sobre a produção de imagens, sobre a maneira com a qual a escrita é desenvolvida e sobre as formas espaciais do fenômeno investigado. Ao contrário dos modelos tradicionais, o modelo coreográfico não tem função preditiva; ele descreve para que possam ser identificados padrões e recorrências.

Estas funções do modelo coreográfico devem ser preservadas. Caso algum pesquisador queira aplicar os procedimentos e os conceitos aqui desenvolvidos em outro recorte empírico, é necessário estar atento para que não se altere a sua função descritiva e que o caso empírico seja constituído de situações de interação públicas de lazer. Afinal, esse foi recorte temático dentro do qual o modelo foi desenvolvido. Qualquer aplicação fora desse meio podem comprometer a validade e a potencialidade do modelo em descrever as situações de interação. No mais, toda mudança deve ser cuidadosamente considerada.

Admitimos, ainda, que esse modelo possui inconsistências processuais. Como adverte Harvey, grande parte dos modelos produzidos na geografia são modelos *a priori*. Nosso modelo não foge dessa tendência. O modelo coreográfico não possui uma “teoria da dança cotidiana” sobre a qual ele se edifica. Como ele não está vinculado a nenhuma teoria, é mais correto afirmar que ele se origina de uma analogia entre comportamentais ordenados e dança. Esta simples analogia foi, com o amadurecimento de certas ideias, transformada em procedimentos sistemáticos informados por um pressuposto teórico primordial: que os movimentos corporais em situações de interação de lazer constituem uma dança. Além disso, o exame minucioso da relação modelo-teoria, reflexão tão essencial em toda utilização de modelos, fica comprometido já que não há teoria. Por essas razões, o uso do modelo coreográfico sempre exigirá constante vigilância intelectual.

Não obstante a esses problemas, é necessário ressaltar algumas potencialidades do modelo coreográfico. Ao contrário da maioria dos modelos, esperamos ter deixado claro qual é a sua função e em quais circunstâncias empíricas esse modelo pode ser aplicado. Do

modelo, podem ser extraídas generalizações sobre os movimentos corporais e, acima de tudo, imagens com as quais podemos pensar sobre o fenômeno. Por isso, o modelo coreográfico se encaixa em uma longa tradição da geografia de produzir imagens a partir de modelos. A produção dessas imagens segue procedimentos e regras rigorosas de observação e de descrição que garantem legitimidade aos dados coletados.

Ademais, o modelo coreográfico não se resume a produzir generalizações e simplificações da realidade. Ele, sim, produz um quadro simplificado daquilo que foi observado. No entanto, temos consciência que os quadros produzidos estão longe de esgotar a realidade. Sempre existirão desvios nos padrões comportamentais que a coreografia não será capaz de apresentar. Afinal, utilizar um modelo é como fotografar: concedemos foco a determinados elementos ou aspectos da realidade que queremos visualizar na fotografia final. Nesse sentido, as ausências não são uma falha do modelo. Pelo contrário, elas indicam um horizonte de aprimoramentos para os conceitos, para os procedimentos e para as ferramentas empregadas. Nunca seremos capazes de esgotar a diversidade e a complexidade dos movimentos corporais, mas o modelo sempre poderá ser aperfeiçoado.

Com tudo isso em mente, o modelo coreográfico é um modelo a priori que descreve as formas espaciais dos movimentos corporais em imagens. Com ele, foi possível analisar as interações sociais na área 02 do Parque de Madureira considerando a indissociação entre movimento corporal e espaço. O modelo coreográfico é, portanto, uma forma de descrever cujos princípios fundamentais residem na localização e na posição do movimento do corpo durante o processo interacional. Ele é, enfim, uma proposta de descrição geográfica das interações sociais em espaços públicos de lazer.

Como já foi dito, o modelo coreográfico carece de uma teoria. No entanto, estamos certos de que, assim como outros modelos, o coreográfico será um trampolim para o desenvolvimento de uma teoria geográfica das interações sociais nos espaços públicos de lazer. Por mais que não haja um grande construto teórico por trás do modelo coreográfico hoje, é inegável que, ao utilizá-lo, somos informados por uma visão, ou melhor, por uma forma específica de enquadrar e conceber os pequenos comportamentos cotidianos como passos ou movimentos de uma dança.

Por esse ângulo, o modelo coreográfico pode nos dar a base para a construção de uma nova teoria sobre as interações sociais nos espaços públicos. Ao que nos parece, o modelo coreográfico, como ele foi aqui defendido nesta dissertação, é apenas um modelo a priori a partir do qual uma teoria e, em seguida, um modelo a posteriori poderão ser pensados em breve. Arriscamos dizer que, nessa futura teoria geográfica da coreografia das interações

sociais, o espaço público será visto como um lugar de movimento, de dispersão, de passagem, de encontros, de toques, de olhares e de sons onde os comportamentos dos frequentadores estão em constante mudança, como os passos de danças incessantes que constroem a vida cotidiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AINLY, R. **New frontiers of space, bodies and gender**. Londres: Routledge, 1998.

ALPERS, Svetlana. **A arte de descrever**. São Paulo; Edusp, 1983.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.

BELL, David & VALENTINE, Gill (orgs.). **Mapping Desire: Geographies of Sexualities**. Londres: Routledge, 1995.

BERDOULAY, Vincent; GOMES, Paulo Cesar da Costa; LOLIVE, Jacques. L'espace public, ou incontournable spatialité de la politique. In : BERDOULAY, Vincent ; GOMES, Paulo Cesar da Costa ; LOLIVE, Jacques. **L'espace public à l'épreuve: régressions et émergences**, 2004.

BERDOULAY, Vincent; GOMES, Paulo C. Da Costa & MAUDET, Jean-Baptiste. **L'image dans l'écriture géographique : enjeux épistémologiques et valeur heuristique**. Paris: Géographie et cultures, 2015.

BRUNET, Roger. **La composition des modèles dans l'analyse spatiale**. L'espace géographique, n. 4, p. 253-265, 1980.

_____. **Models in Geography: a sense to research**. Cybergeog, Dossiers, 12ème Colloque Européen de Géographie Théorique et Quantitative, St-Valéry-en-Caux, France, p. 7-11, 2001.

BRUNHES, Jean. **La géographie humaine. Essai de classification positive. Principes et exemples**. Paris: Alcan, 1910.

CAMPOS, Igor Ribeiro da Silva. **Corpos de baile: o gênero nas coreografias da sociabilidade pública da Praça São Salvador**. 2018. 40 p. Monografia (Graduado em geografia) - Departamento de Geografia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

CHELKOFF, Grégoire; THIBAUD, Jean-Paul. L'espace public, modes sensibles : le regard sur la ville. Paris: **Les annales de la recherche urbaine**, n. 57-58, p. 7-16, 1992

CHORLEY, Richard; HAGGETT, Peter. Modelos, Paradigmas e Nova Geografia. In: Chorley, Richard; Haggett, Peter. **Modelos em Geografia: modelos sócio-econômicos em geografia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. / Ed. Da Univ. de São Paulo, 1975. (pp. 1-22).

CLIFFORD, N. J. Models in geography revisited. Londres: **Geoforum**, n. 39, p. 675-686, 2008.

CLAVAL, Paul. **A paisagem do geógrafo**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, vol. 1, p. 245 – 276, 2012.

CLAVAL, Paul. **Épistémologie de la géographie**. Paris: Armand Colin, 2001

COSGROVE, Denis. **Geography & Vision: seeing, imagining and representing the world**. London: I.B.Tauris, 2008.

DARBY, Henry C. **The Problem of Geographical Description**. Transactions, Institute of British Geographers, n. 30, pp. 1-14, 1962.

DEMERRITT, D; DYER, Sarah. **Dialogue, metaphors of dialogue and understandings of geography**. Area, Vol.43, N. 3, p. 229-241, 2002.

DIJST, Martin. A relational interpretation of time-geography. In: ELLENGARD, Kajsa (Org.). **Time-Geography in the global context: an anthology**. Londres: Routledge, p.113 - 134, 2018.

_____. **Time-geographical analysis**. In: International Encyclopedia of Human Geography, ed. R. Kitchin and N. Thrift. Oxford: Elsevier, p. 266–278, 2009.

DUNCAN, N. **Body & space**. Londres: Routledge, 1996.

DURY, G. H. **Geographical description: an essay in criticism**. Australian Geographer, 9:2, 67-78, 1963.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. Vol. 1, 1994.

ELLENGARD, Kajsa (Org.). **Time-Geography in the global context: an anthology**. Londres: Routledge, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2009 [1975].

_____. **A microfísica do poder**. São Paulo: Paz&Terra, 2014 [1978].

GARCIA RAMON, M. D; ORTZ, A; PRATS, M (orgs.) **Espacios públicos, género y diversidad: Geografías para unas ciudades inclusivas**, Barcelona: Icària, 2014.

GOFF, Moira. ‘The art of dancing demonstrated by characters and figures’: French and English sources for court and theatre dance. *The British Library Journal*. Vol. 21, No. 2, pp. 202-231,1995.

GOFFMAN, Erving. **Comportamentos em lugares públicos**. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda, 2010 [1963].

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013 [1959].

GÓIS, Marcos Paulo Ferreira de. **Paisagens noturnas cariocas: formas e práticas da noite na Cidade do Rio de Janeiro**. 2015. 331 p. Tese (doutor em geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço.** In: CASTRO, I; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R.L. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 19-42, 2012.

_____. **O lugar do olhar.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

_____. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GOMES, Paulo Cesar da Costa; PARENTE-RIBEIRO, Leticia. **A produção de imagens para pesquisa em geografia.** Espaço e cultura, UERJ, RJ, n. 33, p.27-42, 2013.

_____. (orgs.). **Formas de la sociabilidad: una geografía de los espacios públicos en Río de Janeiro.** Granada: Eirene, 2020.

GORDON, Margaret; RIGER, Stephanie. **The Female fear: the social cost of rape.** Urbana: University of Illinois Press, 1989.

HÄGERSTRAND, Torsten. **What about People in Regional Science?** Papers of the Regional Science Association, Vol. 24, p. 7–21, 1970.

_____. **Time-Geography: Focus on the Corporeality of Man, Society, and Environment.** In: The Science and Praxis of Complexity. Tokyo: United Nations University, p. 193–216, 1985.

HALL, Edward T. **The hidden dimension.** Nova York: Anchor Books, 1969 [1966].

HARVEY, David. **Explanation in Geography.** Londres: Edward Arnold, 1969.

JABOBS, JANE. **The Death and Life of Great American Cities.** New York: Random House, 1961.

JOSEPH, Isaac. **L'espace public comme lieu de l'action.** Les Annales de la recherche urbaine, n. 57, p. 211-217, 1992.

LABAN, Rudolf von. **The mastery of the movement.** Org. Lisa Ullmann. Londre: MacDonald and Evans, 1960.

_____. **O domínio do movimento.** Org. Lisa Ullmann. São Paulo: Summus, 1978.

_____. **Choreutics.** Califórnia: Mcdonald & Evans, 1996.

MAY, J., & THRIFT, N. **Timespace: Geographies of Temporalities.** Londres: Routledge, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1945].

MERRY, Sally Engle. **Urban Danger: life in a neighborhood of strangers.** Philadelphia: Temple University Press, 1981.

NAST, Heidi & PILE, Steve. **Places through the body**. Londres: Routledge, 1998.

PRED, Allan. **The choreography of existence: comments on Hägerstrand's time-geography and its usefulness**. *Economic Geography*, Vol. 53, No. 2, Planning-Related Swedish Geographic Research, pp. 207-22, 1977.

RICHIR, Marc. **Le corps: essai sur l'intériorité**. Paris: Hatier, 1993.

ROSA, Bárbara Curak. **Parque Madureira: projetos de cidade, vivências de bairro**. Dissertação – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

ROSE, G. **Feminism and Geography: The Limits of Geographical Knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2002 [1996].

SAUER, Carl O. **The morphology of landscape**. University of California, Publications in geography, vol. 2, n. 2, p. 19-54, 1925.

_____. **The Education of a Geographer**. *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 46, n. 3, p. 287-299, 1956.

SEAMON, David. **A geography of lifeworld**. London: Croom Helm, 1979.

_____. **Body-subjects, time-space routines, and place-ballets**. In: BUTTIMER, Anne; SEAMON, David (eds.). *The human experience of space and place*. Londres: Croom Helm, p.148-165, 1980.

_____. **A way of seeing people and places**. In: WAPNER, J; DEMICK, T; YAMAMOTO; MINAMI, H. (Eds.). *Theoretical Perspectives in Environment-Behavior Research* (pp. 157-78), New York: Plenum, p. 157-178, 2000.

SIMMEL, Georg. **On individuality and social forms**. Chicago: The Chicago University Press, 1971.

_____. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p.11-25, 1973 [1903].

_____. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ltda, 2006 [1917].

SIMONSEN, Kristen. **The body as a battlefield**. *Transactions of the Institute of British Geographers*, New Series, Vol. 25, No. 1, p. 7-9, 2000.

SOARES, Danielle Martins Trotta. **Parque de Madureira: requalificação da paisagem urbana**. 2015. 107 p. Dissertação (mestre em engenharia) - Programa de Engenharia Urbana, UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

SOUZA, André Felix de. **Lapa: um lugar central para a sociabilidade noturna**. Dissertação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

THIBAUD, Jean-Paul. **Les parcours commentés**. In : GROSJEAN, Michèle ; THIBAUD,

Jean-Paul. L'espace urbain en méthodes. Marseille :Editions Parenthèses, p. 79-99, 2001.

TOMAS, François. L'espace public, un concept moribond ou en expansion?. **Géocarrefour**, vol. 76, n° 1, p. 75-84, 2001.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

VALENTINE, Gill. Theorizing and researching intersectionality: a challenge for feminist geography. **The professional geographer**, Oxford, v. 59, n. 1, p. 10-21, 2007.

WHYTE, William H. **Rediscovering the center city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1988.

_____. **The social life of small urban spaces**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1980.

ANEXOS

Data:		Horário:	
Local:		Condições do tempo:	
Ponto de observação (Apresentar a localização do ponto de observação e a área de alcance da observação)			
Variáveis dos movimentos corporais em repouso (interações desfocadas)			
Atividade (Exercício físico, conversa, consumo de bebidas, piquenique. Incluir o número de pessoas)	Ocasão e situação (O evento social. O espaço e o tempo mobilizados ao realizar uma atividade. Verificar se o grupo não faz parte de um evento maior, a ocasião)	Posição (Em relação a outras pessoas/grupos e à morfologia)	Postura (Em pé, sentado, deitado, inclinado, agachado etc.)
			Equipamentos (Quais objetos ou mobiliários são utilizados?)

ANEXO 2 – Ficha de observação dos deslocamentos.

Data:		Horário:	
Local:		Condições do tempo:	
Ponto de observação (Apresentar a localização do ponto de observação e a área de alcance da observação)			

Descrição geral do trajeto em questão	
Ponto A Ponto inicial de observação do deslocamento	Ponto B Ponto final de observação do deslocamento

